

**VIVENDO LONGE DE GARDEL...**  
**a experiência de migrantes argentinos com a saúde e doença**  
**no município de Balneário Camboriú, SC**

**STELLA MARIS BRUM LOPES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor em Saúde Pública.

Área de Concentração: Saúde Materno Infantil  
Linha de Pesquisa: Sociedade Contemporânea e Saúde Pública  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria da Penha Costa Vasconcellos

**São Paulo**  
**2005**



***Dedico este trabalho  
Aos meus pais  
presenças firmes,  
afetuosas e pacientes,  
em mais um percurso.***

***As pessoas que compartilharam  
comigo suas experiências neste novo lugar***



## **Agradecimentos**

*Agradecer em uma tese é parar e pensar nas pessoas que compartilharam essa trajetória, um compartilhar de diferentes formas...*

*Há os que forneceram e auxiliaram na construção da pesquisa e da pesquisadora, meu muito obrigada a*

*Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria da Penha Costa Vasconcellos, sempre intensamente comprometida com a pesquisa, agradeço principalmente os momentos em que nos reconhecemos nas nossas diferenças, pois eles com certeza me fizeram crescer e aprender. E também pelos muitos momentos de cumplicidade e carinho.*

*Prof. Dr. Rubens de Camargo Ferreira Adorno, pela amizade, serenidade e por continuar sendo esse interlocutor presente, provocativo e carinhoso.*

*Professora Dr<sup>a</sup> Augusta Alvarenga, pela companhia e palavra de apoio no momento certo. Você foi uma presença serena e positiva neste processo.*

*Prof. Dr. Rogério Cunha Campos, pelas inúmeras trocas e momentos de grandes descobertas. E pela amizade construída, na descoberta de poros alegres e cheios de ar dentro da rotina acadêmica.*

*Professores Dr. José Guilherme Cantor Magnani, pelo respeito, disponibilidade e preciosa interlocução sobre este trabalho, suas críticas e sugestões foram muito importantes. Dr. Jaime Rodrigues pela disponibilidade em participar desta banca, e pelas contribuições.*

*Aos professores Luís Felipe Falcão e José Roberto Severino que me apresentaram aos Estudos Culturais e pelas contribuições que recebi naquelas terças-feiras do grupo Memória e Identidade*

*Existe o apoio institucional sem o qual o trabalho teria ficado mais difícil:*

*À Universidade do Vale do Itajaí através da sua Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação, Extensão e Cultura, e especialmente a direção do Centro de Ciências da Saúde e a Coordenação do Curso de Fonoaudiologia.*

*À CAPES pela bolsa concedida durante um período da tese.*

*Às amigas do Setor de Fonoaudiologia Preventiva e da Clínica de Fonoaudiologia do Instituto de Fonoaudiologia da Univali, pelo clima de incentivo, companheirismo e confiança que norteia o nosso trabalho.*

*À Yara, Leandro, Everaldo, Rosane, Ivana e Rose pelo apoio – telefonemas, xerox, revisões, scanner - e alívio que sua disponibilidade e sensibilidade gerou no final deste trabalho.*

*E aos apoios do coração, sem eles com certeza o processo não seria possível.*

*Em primeiro lugar aos sujeitos da pesquisa que compartilharam comigo um dia a dia recheado de descobertas. Muito obrigada pelo carinho e pela partilha.*

*A todos os meus queridos amigos que de formas diferentes se mostraram companheiros de jornada, meu carinho. Em especial a turma da faculdade Leda, Déia, Tânia, Cris Lara, Idelma, Dani, Karla, Sinara, Carlos, Márcia, Agueda, Arlete, Heloisa, Luciana, Gladys, Ingrid, Elizete.*

*Aos meus alunos e ex-alunos com quem tenho tido o privilégio de dividir momentos importantes da vida.*

*A Elisa, Neusa e Aline, cada uma ao seu jeito e de forma muito afetuosa, lembraram-me as coisas simples e importantes da vida como um café, um telefonema, um oi.*

*A Denise e Renata sempre presentes e companheiras nas viagens em busca de formas novas de existir.*

*Ao Rodrigo, Fábria, Leonardo, Lali, Isadora e Giovanni, agradeço pela paciência, carinho e força que deram a irmã e tia ausente.*

*A Bernadete e Sandra, amigas de longe e muito perto, companheiras de viagem, todo meu carinho.*

*Ao Marcelo, Inês e Miguel por também de forma muito carinhosa me lembrarem constantemente que os afetos pedem tempo e carinho para se desenvolver.*

*Ao Fernando, pela paciência e carinho principalmente nos últimos dias.*

*Enfim acabou esta viagem, novas virão, mas este é o momento de voltar pra casa! Cuidando muito bem do que foi vivido e recriando o cotidiano.*

**S.M.L.VIVENDO LONGE DE GARDEL... a experiência de emigrantes argentinos com a saúde e a doença no município de Balneário Camboriú,SC.**São Paulo;2005. [Tese de Doutorado – Faculdade de Saúde Pública da USP].

Esta tese teve por objetivo compreender como um grupo de emigrantes argentinos cria através de suas redes de sociabilidade formas de negociação em relação as experiências de saúde e doença. A pesquisa desenvolveu-se na cidade de Balneário Camboriú, cidade turística de 90.461 habitantes e que tem entre 2000 e 3000 moradores argentinos (dados não oficiais)se não são oficiais não pode ser colocado o dado e porcentagem que você me mostrou. Conhecer as experiências destes moradores, compreender suas dinâmicas na cidade foi a base inicial deste trabalho. A cidade não é tomada como um conjunto de características geográficas e arquitetônicas, mas como um espaço relacional que se expressa em um período social e histórico. Metodologicamente utilizou-se a perspectiva da antropologia urbana, procurando descobrir os arranjos desses moradores na cidade, entendendo que estes sujeitos produzem também sentidos na e para a cidade. Para isto, realizaram-se caminhadas sistemáticas e observações em lugares públicos, registrando-as em diários de campo e entrevistas individuais aprofundando aspectos levantados pelas observações. Estas redes fora agrupadas em dois grandes temas, o primeiro refere-se à chegada a Balneário que tem relação com a crise econômica Argentina, no início deste século .O segundo tema refere-se ao processo de inserção na cidade, a partir do referencial teórico adotado que indica que as identidades são pontos de sutura criados a partir do reconhecimento das diferenças. A partir deste reconhecimento da diferença foram identificadas duas grandes redes. Uma na qual a diferença era vista como a legitimação da identidade de migrante através da comida, trabalho e a língua. E a segunda, quando a diferença auxilia na construção da identidade de morador de Balneário Camboriú, neste momento os significados não são mais aqueles apenas partilhados pelos turistas, mas partilhados com os moradores da cidade. Foram eles: circulação na cidade, serviços de saúde e grupos religiosos. As redes mostram-se criativas na formulação de estratégias, e identifica-se que o migrante, mesmo com as vulnerabilidades já indicadas na literatura, também constrói inúmeras formas de inserir-se no novo lugar, criando modos de vida mais condizentes com suas expectativas. O livre transito de pessoas no MERCOSUL, e seus desdobramentos, sobretudo referente as questões de saúde desses migrantes devem ser analisados na esfera da Saúde Pública através de suas políticas e ações de proteção à saúde.

**Descritores:** migração, identidade cultural, comunicação

**LOPES,S.M.B. Living away from Gardel ... the health and sickness experiences of Argentinean immigrants in the city of Balneario Camboriu, SC.**

This study aimed at understanding the creation of networks among Argentinean immigrants when dealing with sickness. The research was carried out in the city of Balneário Camboriu, a touristic spot of 90.461 inhabitants, with a range of 2,000-3,000 Argentineans among these (unofficial data). The starting point of the study was understanding the dynamic of these residents. Instead of taken as a set of geographical and architectural features, in this study the city was considered as a relational space in a given social and historic domain. The methodology used was based on Urban Anthropology, looking for groups of immigrants in city, given that subjects make meanings to and in the city they live. To that end, systematic roundabouts and observations were carried out in public sites as well as field data entries registering those observations. In search of a more comprehensive understanding of the data collection, individual interviews were also carried out. The networks were grouped into two main divisions: firstly, the arrival of the immigrants in Balneário Camboriu, in the beginning of this century, and second, their insertion in city, keeping in mind that identities are suture points created once differences are perceived. Two networks were identified after the perception of differences. The first one was related to legitimizing the identity of the immigrants through food, work and language. The second network was the help role of the differences in the construction of the identity of the inhabitants. Here, meanings were taken as not only those shared by tourists, but by the residents themselves. At this juncture, meanings were: roundabouts throughout city, health services, and religious groups. The networks revealed to be creative in the development of strategies. It was also found out that immigrants build innumerous forms of inserting themselves in the new city, creating life ways according to their expectations. The free trade of Mercosul, specially in what concerns health issues of immigrants should be analysed within the public health scope, their general policies and health protection ones.

**Key words:** migration, cultural identity, public health system.

## ÍNDICE

1. Introdução	01
1.1 Da cidade-consumo à cidade de possibilidades	01
1.2 Migrantes e as experiências de saúde e doença	08
2. A migração como fenômeno internacional	16
2.1 Migrações e subjetividades	22
3. O processo da pesquisa	34
3.1 O primeiro momento: um olhar sobre os sujeitos e a cidade	34
3.1.1 Mapeando a cidade	37
3.2 O segundo momento: um olhar para os caminhos dos sujeitos	40
3.3 O momento da escrita	46
4. As redes dos migrantes argentinos residentes em Balneário Camboriú	48
4.1 Chegando na cidade	48
4.2 Inserindo-se na cidade: das diferenças as semelhanças	58
4.2.1 Reconhecendo-se como morador de Balneário Camboriú	81
4.2.1.1 Circulando na cidade	84
4.2.1.2 A busca espiritual	100
4.2.1.3 As relações com os serviços de saúde	105
5. Algumas considerações: a viagem nunca termina	114
6. Referências Bibliográficas	123
Apêndice	

Apêndice 1 – Termo de consentimento esclarecido

## LISTA DE FIGURAS

Localização DE Balneário Camboriú no Estado	01
Balneário Camboriú e municípios vizinhos	02
Texto de divulgação da cidade no site do governo do estado	03
Divulgação da cidade no site da prefeitura municipal	04
Informações sobre Balneário Camboriú na EMBRATUR	05
Site da revista virtual OCAIXOTE	06
Registro do contato do embaixador argentino e membros do Círculo Arg.	07
Diagrama do contexto da vinda	08
Diagrama da inserção na cidade: reconhecendo as diferenças	09
Convite para almoço no Círculo Argentino	10
Diagrama das relações com a comida	11
Diagrama das relações com o trabalho	12
Folder Seicho-no-ie	13
Diagrama da inserção a partir da busca da semelhança	14
Espaço público na orla	15
Canchas de bocha	16
Concurso de pintura promovido pelo círculo argentino	17
Folder show de dança	18
Diagrama caminhos na cidade	19
Folder Igreja comunhão cristã	20
Folder Igreja Luz da Vida	21
Redes construídas a partir da Igreja	22
Redes de saúde	23

---

## INTRODUÇÃO

O trânsito de argentinos no sul do Brasil é freqüente, principalmente nas férias de verão quando são atraídos pelo clima e as águas mais quentes das praias brasileiras.

Santa Catarina investe maciçamente em campanhas publicitárias que tem os países fronteiriços em especial a Argentina como alvos. As campanhas valorizam a diversidade cultural existente no estado o que torna sua população acolhedora e receptiva.

Balneário Camboriú é uma cidade que recebe turistas argentinos desde o final da década de 60, mas o fluxo intensificou-se de 80, neste momento ocorria uma valorização cambial que se traduziu na cidade por um impacto no setor imobiliário (CANANI, 2001) e um estímulo ao setor de turismo.

Na década de 90, a crise Argentina estabeleceu uma outra relação dos argentinos com a cidade. Houve uma queda tanto no número de turistas como no poder aquisitivo dos mesmos, e a cidade tornou-se uma opção de moradia e trabalho para muitos, principalmente para os que já possuíam imóveis na cidade, familiares ou relações de negócio. Neste sentido, estes moradores estabelecem ressignificações com a mesma.

### **1.1 Da cidade-consumo à cidade de possibilidades**

Balneário Camboriú é uma cidade do litoral centro-norte catarinense, fica próxima a cidades de significativa expressão econômica na área têxtil como Blumenau e Brusque e ao lado da cidade de Itajaí, sede do maior porto pesqueiro do país e da segunda maior universidade do estado.

A cidade destaca-se na região por ter uma praia de características urbanas com um bom parque hoteleiro e com uma boa rede de serviços. Estas



características atraem pessoas das cidades vizinhas que vão passar o final de semana na cidade, ou simplesmente fazer compras no comércio local por este ter um horário diferenciado das demais cidades<sup>1</sup>. Estudantes de várias regiões residem na cidade devido à facilidade de conseguirem aluguéis mais baratos e estudar em Itajaí.

A região onde fica Balneário Camboriú foi colonizada por portugueses, sendo os relatos iniciais de sua presença originários de 1758. Em 1884, criou-se o município de Camboriú, inicialmente sua economia sustentava-se na agricultura e na exploração de minerais, sendo a faixa litorânea pouco valorizada.

A partir da década de 20, começam a surgir às primeiras casas de veraneio, pertencentes a pessoas de cidades próximas como Blumenau. Também nesta época surgem os primeiros hotéis. Foram os alemães do Vale do Itajaí que introduziram o hábito de ir à praia por lazer, antes os moradores freqüentavam a praia apenas para tratar de doenças ou pescar.

No período da Segunda Guerra houve uma interrupção da vinda de alemães para a praia, devido à guerra. A relação da cidade com os turistas intensificou-se na década de 60, quando além dos turistas da região, a cidade atraiu fluxos turísticos de outros estados e países vizinhos, iniciando sua escalada como uma praia urbana que tem como uma de suas principais características a verticalização de suas construções. Nessa década, houve a criação do município de Balneário Camboriú, o qual possui uma área de 46 km. quadrados que fica no litoral centro-norte catarinense.

---

<sup>1</sup> As lojas abrem durante a semana no horário das 10h00min às 21:00h, e nos feriados e domingos das 16:00h as 22:00h. Há inúmeros serviços 24 h como postos de gasolina, padarias, farmácias supermercado. Nos meses de dezembro a março as lojas abrem das 10h00min as 24hr.





**Figura 1: Localização de Balneário Camboriú no Estado**

Fonte: [www.camboriú.sc.gov.br](http://www.camboriú.sc.gov.br)



**Figura 2: Balneário Camboriú e municípios vizinhos**

fonte: [www.camboriu.sc.gov.br](http://www.camboriu.sc.gov.br)

Na década de 80, com a criação da SANTUR<sup>2</sup>, o estado definiu políticas turísticas mais organizadas, apresentando como uma das conseqüências um impacto no setor imobiliário caracterizado pela invasão de turistas de países

---

<sup>2</sup> A SANTUR é uma empresa de economia mista criada em 28 de junho de 1977. Esta empresa tem como objetivo o fomento e a divulgação da política estadual de turismo, encontrando-se vinculada à Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Esporte.

vizinhos principalmente argentinos, favorecidos pela enorme valorização cambial (CANANI, 2001).

No momento em que a cidade foi descoberta pelos argentinos, ela atingiu o máximo de sua potencialidade, recebendo o nome de Pérola do Atlântico (CANANI, 2001). Os argentinos naquele instante, pela valorização cambial, compravam de tudo e em grande quantidade, relação que se modificou com a crise Argentina, quando além de diminuir o fluxo de turistas para Balneário Camboriú tornou-se uma opção de moradia para muitos.

Na década de 90, as políticas de turismo, propostas pelo estado, via SANTUR, intensificavam a divulgação da cidade e do estado nos países do Mercosul. A SANTUR divulga o estado por meio de roteiros que integravam diferentes cidades. Balneário Camboriú, por sua localização geográfica e pela rede hoteleira, integra vários roteiros turísticos como Festas de Outubro, Turismo Religioso, Turismo de Compras, Rota do Sol e o Turismo da Terceira Idade. Este último centra-se em Balneário Camboriú, principalmente entre os meses de março a maio, período no qual a cidade recebe cerca de 100 mil turistas desta faixa etária<sup>3</sup>.

Nos dias atuais, a cidade continua investindo no turismo que foi favorecido pela duplicação da BR-101 pela existência do Beto Carrero *World* um dos maiores parques temáticos da América Latina e pela articulação de roteiros regionais de turismo. A cidade hoje procura qualificar<sup>4</sup> seu parque hoteleiro e a rede de serviços composta por amplo comércio, casas noturnas, bares e restaurantes.

---

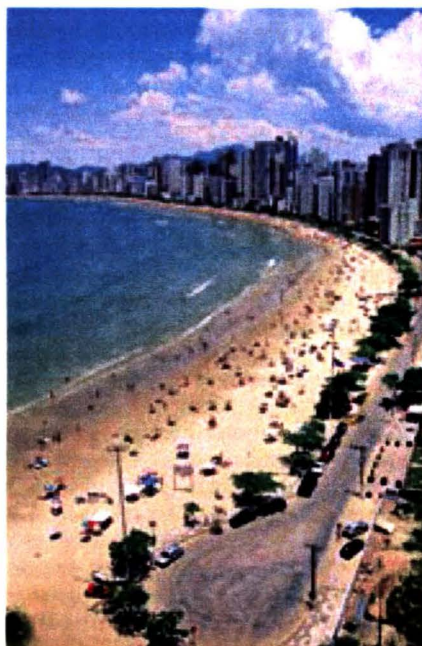
<sup>3</sup> Dados de divulgação da SANTUR, disponível em [http://www.santacatarinaturismo.com.br/interna\\_br.php?secao=03&item=sub0307](http://www.santacatarinaturismo.com.br/interna_br.php?secao=03&item=sub0307) Acesso em 29/05/2005.

<sup>4</sup> A cidade conta com duas Universidades, e uma delas oferece cursos que objetivam melhorar a qualidade dos serviços ligados ao turismo a nível local e regional, são eles: Turismo e Hotelaria; Gastronomia: *chef* internacional; Gastronomia: *chef Pâtissier*; Administração: gestão empreendedora; Administração: marketing; Administração: recursos humanos

A cidade, aos 41 anos, é um pólo turístico que no ano de 2004 recebeu 770.035 turistas. Destes 15% eram estrangeiros, originários principalmente dos países do Mercosul. Os turistas argentinos corresponderam a 57,02%<sup>5</sup>.

A cidade, neste percurso, foi firmando a imagem de um local com boa qualidade de vida, lindas praias e centro comercial forte. Ao pesquisar em jornais, revistas e *sites* oficiais, pode-se identificar um discurso que reforça algumas características para atrair turistas.

No *site* oficial da Secretaria do Turismo do Estado, encontra-se o texto que valoriza o aspecto cosmopolita da cidade, o qual oferece a seus visitantes oportunidades de consumo e de diversão.



**Figura 3: texto de divulgação da cidade no site do governo do estado**

Fonte: <http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/turismo/contrastes/praias.html>

Em nenhuma outra parte do litoral o contraste entre o novo e o antigo é tão evidente como na região ao norte de Florianópolis. O arranha-céus e a movimentada vida urbana de Balneário Camboriú e Itapema contrastam

---

<sup>5</sup> Neste mesmo ano, o turismo forneceu à cidade uma arrecadação de 137.619.912,30 dólares. Sabe-se que os turistas permanecem na cidade uma média de 10,25 dias, sendo que 33% deles ficam hospedados na casa de parentes ou amigos. SANTUR. Relatório da Demanda Turística 2004. Disponível em <http://www.santur.sc.gov.br/FrameDemanda2004.asp?Link=Balcamb.htm>. Acesso em 02/04/2005

com os cenários bucólicos de Bombinhas e Porto Belo. **Principal destino turístico de Santa Catarina, Balneário Camboriú vive duas realidades. Pacata cidade de 75 mil habitantes, transforma-se no verão em uma metrópole cosmopolita, com mais de 800 mil moradores, muito consumo e agitação (grifo nosso).** Uma efervescência urbana que não apaga o encanto natural da região. Ao sul, pela chamada Costa Brava, cenários de indescritível beleza pincelam o litoral recortado entre encostas cobertas de Mata Atlântica.

Notamos que o texto disponibilizado pela prefeitura municipal valoriza a rede de serviços à disposição do turista. A leitura subsequente oferece a apropriação desta valorização.

BEM -VINDO À BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
A CIDADE 24 HORAS O ANO TODO

**Ao planejar sua viagem, você provavelmente opta por conforto, qualidade nos serviços prestados e, é claro, muito lazer e diversão. Se estes foram seus motivos, você está no lugar certo - em Balneário Camboriú!**

**Mais do que belas praias, mais do que hotéis confortáveis e uma completa rede de restaurantes, mais do que uma vida noturna que lhe ofereça as mais variadas opções e, até mesmo, mais do que belezas naturais e os inúmeros pontos turísticos que você vai visitar há algo sobre Balneário Camboriú que ninguém ainda lhe contou, mas que você vai acabar descobrindo por si só.**

**Estamos falando da magia que impulsiona a vida em Balneário Camboriú. Da luminosidade que cerca a cidade, seus habitantes e visitantes. Certamente, em breve, você será tocado por este brilho e vai perceber o porquê de Balneário Camboriú ser mais do que uma opção de férias para transformar-se num conceito de vida que vai deixar marcas no seu coração.**

**Para ajudá-lo a planejar momentos inesquecíveis é que elaboramos este site. Aqui, você encontrará sugestões para seu passeio, opções de lazer e serviços para sua maior comodidade.**

**APROVEITE! DIVIRTA-SE! Certamente, após sua visita, você deixará parte de seu coração na cidade e, como tantos outros, retornará sempre que possível. E, se por acaso, você já conhece Balneário Camboriú, sabe exatamente do que estamos falando.**

BALNEÁRIO CAMBORIÚ/ SC

FÁCIL DE SE APAIXONAR - IMPOSSÍVEL DE ESQUECER

Figura 4: Divulgação da cidade no site da prefeitura

Fonte: [www.camboriú.sc.gov.br](http://www.camboriú.sc.gov.br)

Observamos também a construção valor também no site da Embratur. Nele aparecem duas cidades de Santa Catarina como destino turístico, sendo Balneário Camboriú uma delas, assim descrita:

Uma das mais famosas cidades do litoral de Santa Catarina, chega a receber por ano mais de um milhão de turistas brasileiros e estrangeiros, principalmente argentinos. Além das praias agitadas e urbanizadas do centro, oferece também outras mais sossegadas, todas com mar azul e calmo e areias claras.

Uma atração especial da cidade é o teleférico que vai da Barra Sul à praia das Laranjeiras, com escala em uma reserva ecológica. Há também passeios de helicóptero e de barco. No parque Cyro Gevaerd funcionam os museus Arqueológicos e de Artesanato e um zoológico.

À noite de Balneário Camboriú é **bastante agitada**. Os calçadões em frente à praia central, com muitos bares, lanchonetes, sorveterias e lojas de artesanato, são tomados pelos visitantes durante as agradáveis noites de verão. A Via Gastronômica concentra restaurantes de diversas especialidades. A cidade é equipada com uma ótima rede hoteleira e de serviços.

**Figura 5: Informações sobre Balneário Camboriú na EMBRATUR.**

Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo. Portal Brasileiro do Turismo.[online]Disponível em

<http://www.embratur.gov.br/br/cidade/ver.asp?servicoId=50&id=260> [29/05/05]

Estes textos foram transcritos por representarem a imagem oficial vinculada à cidade e que serve como referência tanto para as pessoas que procuram a cidade como para jornalistas que fazem matérias sobre Balneário Camboriú. Em encartes de turismo de revistas e jornais de circulação nacional, identificou-se a reiteração das características da cidade como pólo turístico e caleidoscópio cultural. As matérias e *sites* criam frases sobre a cidade como: A cidade 24 horas o ano todo; Balneário Camboriú: fácil se apaixonar, impossível esquecer<sup>6</sup>, Praia de todos os prazeres<sup>7</sup> ou A Copacabana do Sul do País<sup>8</sup>.

A capacidade da cidade em receber turistas de vários locais faz com que ela não produza uma política de cidade com uma caracterização só, constituindo-se como uma cidade porosa a receber grupos de várias nacionalidades ou regiões do país, o que lhe confere o cosmopolitismo em seu cotidiano urbano.

<sup>6</sup> Secretaria Municipal de Turismo. Disponível em <http://www.camboriu.sc.gov.br/sectur/index.htm> Acesso 29/05/05

<sup>7</sup> *Slogan* veiculado pela Secretaria Estadual de Turismo

<sup>8</sup> Revista Costa Esmeralda. Janeiro/Fevereiro 2001. Ano 1 número 01



Todo este movimento parece ter atraído a instalação de novos moradores. De acordo dados do IBGE, a cidade, no período de 1996/2000 apresentou um crescimento anual de 11,64%, estima-se que no período de 2000/2005 a cidade tenha tido um crescimento anual de 6,65% ,sendo a 4ª cidade em crescimento no estado com uma população que passou de 73455 habitantes (2000) para 94224(2005)<sup>9</sup>.

Os migrantes argentinos têm uma representatividade na população de migrantes da cidade, pois aumentou muito na década de 90. Em contato com o Consulado Argentino em Florianópolis e com a Polícia Federal, não foi possível obter dados oficiais sobre o número de argentinos residentes na cidade, mas estimativas sugerem que sejam de 5.000 a 7.000 argentinos.

A cidade, então, para muitos argentinos, assume também outra dimensão, deixa de ser a cidade de vínculo temporário para ser a cidade que irá lhes possibilitar novas alternativas de vida. Esta transição mudará suas demandas em relação à cidade e a seus serviços, aspectos que podem ser conhecidos a partir das redes que os sujeitos vão formando.

## **1.2 Migrantes e as Experiências de Saúde e Doença**

O migrante pode viver situações que acarretam mudanças na vida psíquica e física (VIANNA (1998), OLIVEIRA (2005), SASAKI, R. 2002). Estudos indicam que o migrante, ao deixar sua cidade, seu país, deixa também amigos e familiares; com isso, e tem questionado crenças, valores e atitudes que muitas vezes não são condizentes com o novo local (HELMAN, C; 1994; VIANNA, E. 1998).

Vianna (1998) sinaliza que o migrante convive com sensações contraditórias porque o novo é percebido ao mesmo tempo como ameaçador e também altamente aspirado como fonte de possibilidades e riqueza. Estas contradições do processo manifestam-se a marca que o estrangeiro tem na

---

<sup>9</sup> Dados do IBGE disponíveis no site do Ministério Público de Santa Catarina. Disponível em [www.mpsc.gov.br](http://www.mpsc.gov.br). Acesso em 13/09/2005.

sociedade que é da provisoriedade e a do estranhamento. O estrangeiro, ao estranhar certos comportamentos ou atitudes, pode trazer modificações que produziriam possibilidades de inserção ou de exclusões.

Capinha (2000) cita que na migração internacional a exclusão social se faz sentir de forma mais aguda, já que há uma exclusão inicial que os motivou a mudar e em muitos locais sofrem um processo de exclusão interna.

Carignato (2002) salienta que por mais que o sujeito se prepare para migrar, informando-se sobre o país, conhecendo melhor a língua e a cultura, sempre haverá a possibilidade do encontro com o desconhecido. Segundo o autor, pode estar nele próprio, que diante de novas experiências terá reações diferenciadas.

Este desconhecido é identificado pela ausência de referências simbólicas para se guiar, e este vácuo favorece sintomas psíquicos e sociais como depressão, pânico, delírios paranoídes, auto-exposição a acidentes de trabalho e de trânsito, exposição descuidada do próprio corpo nos laços amorosos e nas exposições públicas, além de episódios de delinquência (CARIGNATO, 2002).

A maior ou menor vulnerabilidade dos sujeitos está estreitamente relacionada ao modo como a sociedade recebe este migrante. Sandoval (2002) e Santamaría (2001) identificaram que sociedades que são pouco receptivas e encaram os migrantes como ameaça, favorecem a criação de grupos fechados.

Estudos como os de Ferreira (2005), Oliveira (2005) e Vianna (1998) referem que os migrantes seriam vulneráveis ao adoecimento e sofrimento psíquico, seja pelas condições de vida a que se submetem, seja pelas mudanças culturais que vivem. Entre as mudanças culturais, Sasaki (2002) coloca como um dos fatores relevantes à questão da comunicação, pois a dificuldade de partilhar sentimentos e sensações e solicitar informações dificulta o estabelecimento de referências no novo local, ampliando a sensação de exclusão.

Estes autores referem que muitas vezes os pacientes migrantes apresentam sintomas difusos, sugerindo que ele pode estar buscando na *doença*

*um nome, uma identidade, num lugar junto a uma instituição que lhe dê um sentido para sua vida* (OLIVEIRA, 2005, p. 165).

Oliveira (2005) chama atenção para a relação dos migrantes com os serviços de saúde referindo que o migrante por seus traços culturais diferentes, pode enfrentar dificuldades em relação ao atendimento nos serviços de saúde, desde sua relação com os profissionais, já que, conforme o autor, está usa como referência a cultura dominante do local o que dificulta a compreensão da demanda dos migrantes. Em sua pesquisa, os próprios profissionais sinalizam que, no processo de acolhimento do migrante no serviço, se deve desenvolver uma escuta que considere seu local de nascimento e suas perspectivas em relação a esta nova vida.

Sasaki (2002) no seu trabalho com migrantes japoneses identificou que existia uma falta de comunicação adequada e suficiente entre os médicos japoneses e os migrantes brasileiros o que gerou como consequência certas dificuldades no estabelecimento de uma relação de confiança entre médico-paciente, a erros de diagnóstico e erros na aplicação de medicamentos.

Por outro lado, Koltai (2002) salienta que a migração também pode ser uma experiência proveitosa na qual o sujeito pode ter novos aprendizados e construir novas formas de ser e estar no mundo, criando estratégias para manter-se saudável. Como alternativas de saúde, Vianna (1998) e Sayad (1998) identificaram o trabalho como uma possibilidade por auxiliar na integração ao novo local; e Carignato (2002) observou que outra possibilidade estaria no estabelecimento de novas ligações amorosas e sociais, cortando laços anteriores.

No painel apresentado, evidencia-se que as experiências de saúde e doença não são homogêneas nem vivenciadas da mesma maneira pelos migrantes, sendo necessário encará-las como um fator social que exige a integração de diferentes olhares.

As experiências de saúde e doença são vividas dentro de um contexto social e representam nossa forma de estar no mundo, o corpo nesse processo é fundamental porque é ele que fornece a perspectiva pela qual interagimos no



espaço com pessoas e objetos (CHAMMÉ, 1996). A experiência, por ser vivida em um determinado contexto também envolve a reflexão. E a reflexão é um processo que ocorre diante do código cultural no qual estamos inseridos (THOMPSON, 1987).

Assim, a experiência assume um caráter subjetivo, social e temporal, já que o significado de cada experiência irá associar-se com a história de vida do sujeito.

Alves, Rabelo e Souza (1999) reforçam que quando nos dispomos a pensar a experiência, estamos necessariamente trabalhando com subjetividade e, principalmente, com a intersubjetividade e a ação social. E que estas experiências não são apreendidas apenas pelo seu aspecto simbólico, elas têm materialidade espacial, corporal e discursiva. Estas experiências são vividas em um espaço concreto que pode ser, entre outros, a casa, o trabalho, a escola, os locais de lazer e a cidade.

As experiências, ao gerarem sensações corporais e valorativas levam os sujeitos a construir identificações de bem e mal estar e a criarem modelos que expliquem a origem e as formas de tratamento dessas sensações.

Helman (1994), em seus estudos, descreve que os sujeitos nominam as suas sensações de mal estar, qualificando-as, e também criam expectativas para o próprio estado de bem-estar.

Rey (2004) chama atenção para a necessidade de pensar-se a saúde não como ausência de sintomas, mas como a possibilidade do organismo contar com recursos para diminuir a sua vulnerabilidade em relação aos diferentes agentes causadores da doença.

Nesta perspectiva, segundo o autor, a noção de saúde liga-se a vitalidade, capacidade de interagir com o ambiente, propondo e realizando atividades concretas, sendo um processo em permanente construção, no qual os sujeitos são ativos.

A forma como os sujeitos vivem e percebem seus momentos de maior ou menor vitalidade e como estabelecem o que é ser saudável, chamou minha atenção como pesquisadora desde o mestrado.

Inicialmente, por estimular uma mudança na forma de atuar profissionalmente, já que originária de uma formação profissional de caráter predominantemente biomédico que privilegiava a compreensão dos aspectos orgânicos e individuais que envolvem o processo da comunicação, sentia que a compreensão das vivências dos sujeitos com os quais atuava era limitada e muitas vezes com ênfase na patologia.

A dissertação de mestrado (LOPES, 2001) foi o primeiro fruto destas reflexões. O trabalho procurou compreender as relações entre linguagem, cultura e família nas práticas das mães de uma comunidade pesqueira do litoral centro-norte catarinense. Neste trabalho, observou-se que a linguagem manifestava as características culturais da comunidade e também as negociações que os sujeitos realizavam entre diferentes contextos sociais e seus interlocutores.

E na comunidade em que desenvolvi, a pesquisa, uma das categorias empíricas foi à relação entre nativo e do estrangeiro. Naquele momento a partir do discurso dos moradores, foi possível observar que esta relação apresentava conflitos, resistências e momentos de interação que modificavam as percepções do processo saúde e doença. Existia uma tensão evidenciada pela defesa dos traços açorianos da comunidade e pela desvalorização de práticas de autocuidado indicadas pelos “nativos antigos”.

O litoral centro-norte catarinense tem recebido um fluxo migratório importante para o estado. Segundo Ribeiro e Silva (2005), esta região recebe um maior número de migrantes paulistas e sulistas, os quais são absorvidos pela construção civil, no setor de serviços voltados ao turismo e nas universidades da região. Além da migração interna, a região também tem recebido migrações externas principalmente de pessoas vindas dos países do MERCOSUL.

O aumento desta relação entre os “nativos e os estrangeiros” tem ocupado espaço na mídia local, principalmente nos meses de verão, chamando a atenção

aos discursos sobre a invasão dos espaços, sobre os lucros advindos do turismo e sobre a migração<sup>10</sup> em busca de trabalho para as regiões turísticas no período da temporada de verão.

Se foi possível constatar a partir desse trabalho tensões entre pessoas da mesma nacionalidade. Como será a vida de um estrangeiro falante de outra língua ao vir morar nesta região? Desta indagação surgiu o interesse da pesquisa.

Neste processo, a forma como os estrangeiros, residentes ou não, relacionavam-se com as pessoas da cidade e como enfrentavam as dificuldades por que passavam começou a gerar questões. Como moradora de uma cidade turística, vivi a situação de dar informações a estrangeiros e passar dificuldades para me fazer entender, notei muitas vezes as pessoas falarem mais alto com os turistas estrangeiros como se estes fossem surdos, também ouvi o *portunhol* nos momentos de transações comerciais, ou em paqueras e também em momentos de exclusão quando as pessoas não queriam que os outros acompanhassem sua conversa, tanto que falavam rápido e baixo.

Estas reflexões e a observação de que muitos argentinos que visitavam Balneário Camboriú como turistas, tornaram-se moradores, geraram algumas questões que fundamentam esta pesquisa. O que acontece com os sujeitos que vivem a experiência de mudar de país? Quais são as relações que estabelecem com os moradores locais? Como vivem os momentos em que são fragilizados pela doença? Quais os recursos que constroem para manter-se com saúde?

Na busca de entender estas questões, desenvolveu-se a presente pesquisa que objetiva compreender a forma como um grupo de migrantes argentinos cria suas redes de sociabilidade e quais são as suas formas de negociação em relação às experiências de saúde e doença na cidade de Balneário Camboriú.

---

<sup>10</sup> O estado na última década teve segundo o IBGE um crescimento de 1,87%, sendo o estado da região sul que mais cresceu percentualmente. IBGE. Contagem populacional e projeções demográficas preliminares. Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2001/a03.htm> Acesso em 26/04/2005.

Abordarei as experiências a partir da noção de redes de sociabilidade por compreender que as pessoas no seu cotidiano têm uma rede de relações que lhe são significativas e que estas contribuem para o seu bem-estar e que em situações de vulnerabilidade favorecem a recuperação da saúde.

Trazer esta discussão para o campo da Saúde Pública possibilita o exercício da reflexão sobre a construção de um olhar mais amplo em no que se refere às questões de saúde, olhar que incorpore o espaço vivido e reconheça o sujeito como agente de sua própria história, mesmo que sejam estes relatos de doença e sofrimentos, além de dar visibilidade a uma questão emergente, nacional e internacionalmente, que é a da migração que vem marcado a virada deste último milênio.

No primeiro capítulo apresento as aproximações teóricas que foram necessárias para a compreensão das mobilidades migratórias e das experiências interculturais. Autores como Hall (2003), Grimson (2000), Bhabha (2003) que trabalham com a questão da migração, identidade e comunicação intercultural.

O segundo capítulo narra o percurso da pesquisa a fim de esclarecer os “olhares” que subsidiaram o encontro com o universo da cidade e dos sujeitos a partir da perspectiva antropológica e dos estudos culturais. Este percurso começou recorrendo a algumas fontes documentais para um conhecimento maior da história da cidade, conhecimento originário de estatísticas governamentais, jornais da cidade, livros, dissertações, acrescidas das observações realizadas nas caminhadas diárias pela cidade.

Estas observações tinham por objetivo captar o cotidiano e como este manifesta as formas de sociabilidade dos argentinos em Balneário Camboriú, estas, somadas a conversas informais e entrevistas, possibilitaram a identificação e reconhecimento das redes sociais construídas por estes migrantes.

Nos terceiro mostrarei as redes de sociabilidade construídas pelos sujeitos e nelas como eles vivem as experiências de saúde e doença. Elas foram apresentadas em dois grandes núcleos, o primeiro referiu-se a chegada ao Brasil e o segundo as formas de inserção na cidade.

Tomando por base que neste processo de mudança o sujeito vivenciará novas formas de ser que implicam na construção de novas identidades e que estas são construídas através do contato com o outro, a inserção na cidade foi apresentada a partir da percepção dessas diferenças, num primeiro momento diferenças que interferiram na inserção no novo contexto e no segundo diferenças que propiciaram o reconhecimento de si como um morador de Balneário Camboriú.

As experiências de saúde e doença não foram tomadas como algum estranho ao cotidiano dos sujeitos, por este motivo estão integradas as outras experiências vividas.

No quarto capítulo, apresentaremos algumas considerações finais que apresentam reflexões em relação às redes de sociabilidade identificadas, a utilização de um olhar interdisciplinar para a questão da migração e a possibilidade de novos estudos sobre a temática. E especificamente em relação ao campo da Saúde Pública, discuto a necessidade de se dar visibilidade aos movimentos migratórios levantando questões para os serviços de saúde e também reflito sobre o exercício que foi feito de se olhar à experiência de saúde e doença dentro do contexto do cotidiano das pessoas e não recortando-as apenas para os momentos em que a doença ocorre.

---

## A MIGRAÇÃO COMO FENÔMENO INTERNACIONAL

*No chamado mundo globalizado e nas metrópoles do mundo atual, o migrante vem presentificar uma experiência que parece comum a todos nós, de desaparecimento e reaparição de territórios e identidades, de processos de esfacelamento e de reestruturação espacial, de isolamento e de criação de novos laços. Experiências estas que são ao mesmo tempo resultantes e motor de novas migrações (POVOA NETO e FERREIRA, 2005, p.13).*

O deslocamento do migrante nos fala da experiência de contato com o outro. Essa aproximação é cercada de impasses, rupturas, confrontos, descobertas e conquistas. O fenômeno da migração não pode ser compreendido de forma fragmentada, visto que a população que migra e a que os recebe está submetida a uma conjuntura sócio-econômico-cultural. Sayad fala da imigração como um fator social que exige a integração de diferentes olhares:

(...) falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (...), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento; mas com a condição de não tomarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de uma de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração. De fato, **o imigrante só existe na sociedade a**

**partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa (grifo nosso).**(SAYAD, 1998, p.16).

Este nascimento é fruto de um processo geralmente de exclusão que pode ser de diferentes tipos: religiosa, social, educacional, política ou ainda econômica. O migrante poderá estar abandonando uma posição de “estabilidade” para ocupar um novo lugar social que incorpora as noções de transitoriedade, exílio e deslocamento.

Segundo alguns autores, entre eles Casoro (2005) e Basegio (2005) houve um aumento substancial da migração internacional, a qual denuncia a desigualdade econômica existente entre os países. Neste momento há uma inversão no fluxo migratório em relação ao hemisfério norte. Em 1800, o fluxo migratório tinha como uma das suas metas o povoamento e dirigia-se aos países em desenvolvimento. Atualmente o fluxo é em direção aos países desenvolvidos como os da Europa, Estados Unidos e a Austrália que se tornaram destino de latino-americanos, asiáticos e africanos.

O fluxo migratório internacional chama atenção também pelo aumento do seu volume. Em 1965, eram 75 milhões de pessoas vivendo fora de seu país, em 1995 eram 125 milhões e, atualmente, estima-se que sejam 175 milhões (ONU, 2005). Cabe salientar que há uma tendência deste número ser bem maior (BASSEGIO, 2005), já que os países têm inúmeras condições que o imigrante tem que cumprir para conseguir o visto. Estas exigências geram conseqüências como o crescimento da clandestinidade e a exploração dos imigrantes<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Na mídia são presentes as denúncias de exploração de imigrantes, seja na baixa remuneração dos serviços, seja nas moradias inadequadas, até no tráfico de pessoas e de drogas. A ONU tem uma Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional que entre suas metas há o desenvolvimento de ações contra o contrabando de imigrantes e contra o tráfico de seres humanos. . Disponível em <http://www.onu-brasil.org.br>. Acesso em 21/04/2005.



Na América Latina e no Caribe, o Brasil agrega a quarta maior concentração de estrangeiros, sendo que os argentinos representam 21,5% dos estrangeiros latino-americanos (BAENINGER, 2005).

De acordo com Baeninger (2005), o Brasil inseriu-se na rota da migração inter-regional a partir da década de 80. Ao analisar o fluxo migratório, a autora identificou três modalidades migratórias:

modalidade do tipo fronteiriço – como são os casos dos países do MERCOSUL e também os da Venezuela e da Colômbia.

Migrações em direção às áreas metropolitanas, como no caso dos bolivianos e peruanos.

Migrações intra-regionais com países não-limítrofes como dos chilenos (BAENINGER, 2005, p.5).

Os argentinos de Balneário Camboriú situam-se na modalidade de migração fronteiriça, na região Sul, esta circulação entre a população fomentou a formação dos diferentes estados<sup>2</sup>.

No processo migratório, a legalidade e ilegalidade pertencem a este contexto. A clandestinidade também acompanha os estrangeiros residentes no Brasil, já que há uma série de trâmites exigidos para obtenção do visto para trabalho. Os vistos temporários são dados para algumas categorias profissionais como artistas, jogadores de futebol, repórteres, religiosos, professores e cientistas. No caso de estudantes, o visto é diretamente relacionado à permanência na escola. Os demais conseguem o visto se este for solicitado pela empresa que os contratou, ou se eles investirem 50.000 a 100.000 U\$ em empreendimentos no Brasil. De acordo com o Ministério do Trabalho, estes investimentos têm que ter como conseqüência a criação de vagas para empregados brasileiros. As pessoas que não atendem a estas normas continuam no país de forma ilegal.

Ainda não há uma legislação específica em relação aos vistos para os habitantes do MERCOSUL<sup>3</sup>, o que gerou um impasse, pois ao mesmo

---

<sup>2</sup> Há vários exemplos que refletem esta integração como os Sete Povos das Missões, a República Juliana e atualmente o Mercosul.



tempo em que se promove o intercâmbio comercial não se permite o livre trânsito entre as pessoas.

A aprovação do novo Estatuto do Estrangeiro e o avanço nas negociações dos países do MERCOSUL são aguardadas, enquanto isto continuam as estratégias que levam à permanência de forma ilegal.

O MERCOSUL pelo tratado de Assunção coloca que deve existir a liberdade de circulação de bens, serviços e fatores produtivos nos países signatários Mafra Filho (2005) denota que a mão-de-obra é considerada um fator de produção, conseqüentemente deveria ter garantido sua livre circulação. No atual estatuto do estrangeiro (BRASIL, 2005) esta liberdade de livre circulação de trabalhadores limitando-se apenas ao fluxo de bens e capitais.

No Brasil o estatuto do estrangeiro é de 1980, mas existe uma nova proposta que foi encaminhada ao congresso. Nela se prevê a existência de um visto diferenciado para os habitantes do MERCOSUL. A nova legislação apresenta uma perspectiva menos direcionada à segurança nacional e mais *sob a ótica dos direitos humanos e do tratamento ainda mais digno aos estrangeiros (BRASIL, 2004).*

Este movimento dos países em procurarem estabelecer legislações mais cooperativas e menos voltadas para a segurança nacional, paradoxalmente tem surtido efeitos diversos nas regiões fronteiriças. Grimson (2004) cita uma série de estudos etnográficos que apontam uma maior presença do estado na questão do combate ao contrabando, e uma menor nos aspectos sociais. Quando à meta principal era a segurança nacional foi incentivada nestas regiões, como a ocupação e a presença de indústrias, tendo como objetivo a marcação de território.

Grimson (2004) chama atenção à questão da migração, a qual não se limita à resolução de questões legislativas nem está isenta de conflitos, já que há diferenças sócio-econômico-histórico-culturais envolvidas.

---

<sup>3</sup> MERCOSUL é a zona de livre comércio entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Este mercado comum foi oficialmente criado com a assinatura do Tratado de Assunção em 1991. Mais informações disponíveis em <http://www.mercosul.gov.br> Último acesso em 01/05/2005.

Países que apresentam maior fluxo migratório têm se preocupado em desenvolver políticas que legislem sobre a questão da migração. Na Europa e nos EUA encontramos relatos de reações racistas e xenófobas em relação aos imigrantes. Santamaría (2001, p.101) em uma análise dos discursos produzidos sobre os migrantes na Europa, coloca que

não só se magnífica e superdimensiona o alcance da presença dos migrantes, como também **se define a diversidade como problema ou perigo** para a própria sociedade de instalação, e, o que é ainda pior, apresenta-se como um fenômeno anômalo e recente, que sempre procede de fora e que é gerador de desordem.

Esse autor afirma que essa excessiva valorização derivaria de uma noção de cultura pura e fechada, na qual as diferenças gerariam conflitos, e não possibilidades de negociação e interpenetração.

Pacheco Filho (2002), também sinaliza que a resistência ao estrangeiro derivaria de questões que não são apenas racionais. O autor parte do pressuposto que o mundo simbólico e a linguagem atravessam nosso modo de sentir, pensar e ver a vida. Segundo o autor, desde que nascemos somos chamados a pertencer a uma cultura e sociedade. De certo modo, este senso de pertencimento nos faz combater a sensação de desamparo que o contato com o diferente pode gerar, originando a necessidade das pessoas em manter esses referenciais simbólicos dificultando a mudança e contato com o novo.

Autores como Bhabha (2003), Hall (2003), Grimson (2002) dissertam que estas diferenças não devem ser negadas e muito menos essencializadas. Os autores chamam atenção de que estas diferenças são categorias construídas socialmente e dentro de um momento histórico específico.

Bhabha (2003) um indiano e Hall (2003) um jamaicano, a partir de suas próprias experiências como migrantes indiano e jamaicano, sinalizam

que a cultura é complexa e contraditória, abarcando em si instrumentos de dominação, resistência e mudança.

Bhabha (2003) refere que a cultura torna-se um problema quando as diferenças são escamoteadas, quando as diferenças são (re) conhecidas existe a possibilidade da criação de um terceiro movimento que seria o hibridismo. Em seu livro, *O Local da Cultura* utiliza uma imagem para traduzir este movimento.

O poço da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco. O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia, evita que as identidades de cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta (BHABHA, 2003, p.22).

Cotidianamente convivemos com dois discursos opostos, um primeiro que aponta o encontro entre culturas diferentes como a submissão de uma frente à outra e um segundo que valoriza a interação e a complementaridade entre as diferentes culturas. Estes dois discursos concretizam-se no processo de globalização, na valorização das identidades nacionais e na desvalorização do diferente, ao mesmo tempo em que existem movimentos de integração em diversas instâncias.

Bhabha (2003) aponta que hoje nos encontraríamos em trânsito. Num trânsito no qual tempo e espaço se cruzam *produzindo figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior* (BHABHA, 2003, p.19). Este movimento geraria uma sensação de desorientação por não termos mais elementos organizacionais fixos. Este processo segundo o autor, leva a uma consciência maior das posições-sujeito.

Pacheco Filho (2002) coloca que a possibilidade para conseguirmos uma maior integração entre as culturas é dar visibilidade às diferentes dimensões que envolvem o tema, enfatizando que a questão deve ganhar clareza, já que sentimentos racistas e xenófobos existiriam em cada um de nós, mesmo que não reconhecidos ou transformados em ato.

Estes diferentes olhares sobre a migração traduzem-se atualmente em amplos debates sobre a necessidade de construírem-se leis que protejam e garantam a livre circulação dos cidadãos e não apenas a circulação de bens. E também de se analisar os processos subjetivos que permeiam a trajetória desses sujeitos.

## 2.1 Migrações e Subjetividades

No processo migratório o sujeito é ativo neste contexto que em certos momentos os estimula a migrar e que em outros os segrega.

Gilberto Velho (1998) utilizando o referencial antropológico sinaliza que hoje convivemos ou temos contato com diferentes estilos e visões de mundo, mas que nos posicionamos em relação a eles. Os sujeitos são *interpretes de mapas e códigos sócio-culturais*

Segundo o autor, o sujeito e sua rede de relações, constantemente realizam uma negociação da realidade. Nesta negociação se trabalha dentro de uma rede de significados com a questão da diferença como *um elemento constitutivo da realidade (VELHO, 2003, p. 16)*.

Esta perspectiva pareceu-me pertinente para trabalhar com a temática desta pesquisa que envolve redes de sociabilidade de migrantes nas experiências de saúde e doença, auxiliando a pensar a composição de relações que estava identificando nos argentinos residentes em Balneário Camboriú.

Velho (1989) coloca que o sujeito teria projetos e que estes são desenvolvidos, negociados ou formulados dentro de um campo de possibilidades presentes na vida social. As negociações necessárias para a

realização deste projeto envolveriam o contato e o reconhecimento da diferença, esta negociação da realidade é viabilizada através da linguagem criando províncias de significado.

Neste processo o que existiria seria uma comunicação intercultural que está cada vez mais presente nas nossas relações cotidianas, o equacionamento das diferenças tem-se mostrado um desafio aos interlocutores. Discute-se como este contato está sendo absorvido pelas diferentes culturas, já que se observa um recrudescimento dos movimentos fundamentalistas e nacionalistas (CASTELLS, 1999). WOODWARD (2000) aponta que a diferença pode ser *“construída negativamente - por meio da exclusão ou marginalização daquelas pessoas que são definidas como ‘outros’ ou forasteiros. Por outro lado, ela pode se celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora”*.

Neste contexto as situações de comunicação são as tradutoras ao mesmo tempo da possibilidade e impossibilidade da integração entre os sujeitos. Mas ao o mesmo tempo que a comunicação traz consigo essa possibilidade de entendimento, o processo não deixa de refletir aspectos sócio-culturais de um dado momento histórico e também se reveste de questões subjetivas e intersubjetivas.

Larrosa (2001, p.291) coloca que a comunicação traduziria a nossa condição de incompletude, *já que a comunicação, o dizer-se da palavra, não transporta o único e o comum, mas cria o múltiplo e o diferente. A palavra, que é, que dura, que se mantém sempre a mesma, se multiplica e se pluraliza porque diz, cada vez algo singular, porque o dizer-se da palavra é cada vez um acontecimento único.*

Esta provisoriidade também é sinalizada por Velho (1999) a partir da noção de província de significados, os sujeitos são capazes de transitar entre diferentes províncias, trazendo consigo um potencial de metamorfose latente que não é distribuído igualmente por toda a sociedade.

Segundo o autor

Os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos. (VELHO, 1999, p47-48).

A possibilidade de circulação dos sujeitos e a valorização da linguagem como elemento potencializador destes movimentos também é apresentada pelos Estudos Culturais<sup>4</sup>. E nestes estudos vi algumas possibilidades de articulação com esta pesquisa, já que muitas teorizações dos Estudos Culturais vêm de experiências vividas pelos seus teóricos na condição de migrantes na Inglaterra.

Os Estudos Culturais é um campo de teorização e investigação nascido na Inglaterra com a perspectiva de pensar a cultura como *campo de luta em torno do significado e a teoria como campo de intervenção política* (SILVA, 2000, p.56).

A noção de cultura assumida pelos teóricos dos Estudos Culturais é originária da antropologia e refere que toda a ação social é cultural, sendo que as práticas sociais comunicam um significado e, neste sentido são práticas de significação.

Nesta perspectiva a linguagem não é apenas uma forma de relatar ou transmitir com neutralidade os significados que pretendemos expressar; ela também os constitui. Isto é, a linguagem além de produzir aquilo que reconhecemos como realidade, também vai produzir os sujeitos dessa realidade, suas identidades (GUARESCHI e BRUSCHI, 2003, p.39).

---

<sup>4</sup> Conheci os Estudos Culturais em uma disciplina que fiz no mestrado de Educação da UNIVALI, esta disciplina era quinzenal e nos intervalos comecei a participar de um grupo de estudos coordenado pelo mesmo historiador responsável pela disciplina.

Se os sujeitos têm projetos e possibilidades de mudanças, em ambas as perspectivas questiona-se a noção de identidade como essência, tomando-a como plural, sendo decorrente de construções históricas e culturais, tecidas em redes discursivas.

As mobilidades migratórias explicitam que a identidade não é uma experiência monolítica do tipo eu nasci assim e vou ser sempre assim. As posições-sujeito são interpelações da *cultura no sentido de recrutar indivíduos ou grupos sociais a ocuparem determinadas posições e a identificarem-se com determinados discursos, tomando-os como verdades e sujeitando-se a determinadas significações que os tornam o que são* (BERNARDES; HOENISCH, 2003, p.117).

Nesta busca de coerência para sua história de vida, as pessoas vão ressignificando suas práticas e seu viver, criando formas de vincular-se ao novo lugar, às pessoas que moram nele. Para este processo, encontrei várias referências que são apontadas como crise, perda, metamorfose e transformação. Penna (1998) refere que estas categorias são estreitamente ligadas à noção que se tem de identidade. .

As noções de transformação e metamorfose aproximam-se da noção de identidade, vista como um processo dinâmico de transformações, sendo a *trajetória do migrante marcada pela reelaboração de seus referenciais identitários – traços sócio-culturais com os quais os sujeitos identificam-se e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo – e, portanto, envolve um questionamento de valores e de imagens de si e do outro* (PENNA, 1998, 109).

Entendendo que a identidade não é fixa, mas sim constituída por meio da diferença, da relação com aquilo que não é; da relação com aquilo que falta, com o exterior. Podemos pensar e utilizar o termo identidade para

significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos



particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. **As identidades são, pois, pontos de apegos temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (grifo nosso) (HALL, 2000, p.112).**

Neste processo, apesar dos discursos tentarem uma fixação das identidades, as condições sociais colocam-nas em movimento. Urizar<sup>5</sup>, em um conto, descreve este jogo entre fixação e modificação.

Conheci Juliana no centro cultural. Uma cultura bem diferente da minha. Tão diferente que no momento de me apresentar me chamou de "argentino". Sou argentino, me perguntei depois.

Não será como falou Jorge Luis Borges, "somos um pouco judeus, pretos, chineses, brancos?". Depois de vários minutos de olhar quadros, e mais quadros, segui com a vista a figura dela. Uma figura desentendida, engraçada.

*Bonita!* Falei para ela.

*São teus olhos que me vêem bonita!* Respondeu para mim. Foi nesse momento que voltei a me perguntar, seriam meus olhos, ou aqueles olhos do judeu, do preto, do chinês, do branco, que Borges fala? Não achei resposta ainda.

Em uma conversa com o autor perguntei-lhe qual seria então o seu olhar hoje?

É um olhar sem lugar?

No, **és un olhar brasileiro**

É?

Brasileiro porque ali és un

Brasileiro é uma pessoa contagiante, contagia sua vontade de viver, contagia sua nacionalidade, Brasileiro te vê ali, te convida para torcer para o time dele. Vay, vay gritando, te vai (risos)

Ah , é?

---

<sup>5</sup> URIZAR, Marcelo. A dança. In: **Revista O CAIXOTE**. Disponível em [http://www.oaixote.com.br/caixote10/contos\\_Urizar.htm](http://www.oaixote.com.br/caixote10/contos_Urizar.htm) Acesso em 16/05/2005



Claro, yo, eu entendo desse jeito.. **Ya é un olhar brasileiro porque além estou olhando o Brasil. Não estou na Polônia, não estou na Alemanha** Se bem que você vá a Blumenau e parece que você está em uma ruazinha de Berlin, sei lá ou Stuttgart ou uma cidade semelhante, mas és Brasil. Asi toda vestida de alemã o Brasil brota asi que nem as plantas, o solo, você vê aquele verde amarelo.

Urizar explicita o que vários autores estão falando hoje, isto é, a identidade não é uma experiência monolítica do tipo eu nasci assim, e vou ser sempre assim. As posições sujeito são interpelações da *cultura no sentido de recrutar indivíduos ou grupos sociais a ocuparem determinadas posições, a se identificarem com determinados discursos, tomando-os como verdades, sujeitando-se a determinadas significações que os tornam o que são* (BERNARDES e HOENISCH, 2003, p.116).

Ao processo que leva os sujeitos a identificar-se com essas práticas discursivas, Foucault (1995) chamou de subjetivação, isto é, como o sujeito se reconhece no discurso que o determina. A subjetivação *trata da formação de si através de procedimentos, empreendimentos, transformações na nossa cultura, no modo como o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdades instituídas* (BERNARDES e HOENISCH, p.118).

Hall aponta que a identidade cultural não é fixa, mas sim sempre híbrida e que construímos posicionamentos que podem ser chamados provisoriamente de identidades. Segundo o autor, *cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades* (HALL, 2003, p.433).

Os movimentos dos sujeitos e a diversidade de relações que eles estabelecem com o país de origem e o novo país reforça a idéia de que não temos uma identidade fixa e de que, no caso dos sujeitos da pesquisa, a identidade étnica<sup>6</sup> é acionada de diferentes formas e com várias finalidades.

---

<sup>6</sup> Identidade étnica aqui é trabalhada como um processo de identificação na qual os sujeitos se vêem pertencentes a um grupo que se originou de um mesmo país, compartilha de uma mesma língua, de valores culturais e históricos. Este compartilhar pode ser real ou imaginário mas os grupos utilizam-se

Muitas vezes, como coloca Seyferth (2005), elas criam solidariedades e lealdades vinculadas, no caso aqui apresentado, ao ser argentino. O autor refere que há situações em que o indivíduo obscurece sua identidade étnica e em outras procura enfatizá-la e que estas escolhas variam de acordo com a percepção dos sujeitos sobre o contexto sócio-histórico em que vivem.

Apesar desta possibilidade de construção dos sujeitos que poderia tornar a experiência, mas fácil, Koltai (2002, p.74) refere que seja por motivos familiares, econômicos ou afetivos, a experiência de migrar é sempre uma decisão difícil,

abandonar o próprio país é uma viagem longa e difícil. Uma vez perdida as referências habituais, o imigrante se sente invadido por um sentimento de nostalgia e estranheza, mesmo que a nova terra possa se transformar em terra do desejo.

E é nesse encontro com o outro que vários elementos identitários vão aparecendo, conforme as experiências que o próprio processo migratório possibilita. É na relação com o outro que as diferenças vão aparecendo, estabelecendo o que Sasaki, E. (2005, p.40) denomina de um “jogo da diferença”, no qual vai se contrastando e demarcando as suas distintividades.

Diferenças que aparecem no contato com o outro, e no qual muitas vezes características pessoais são generalizadas como o de ser brasileiro, como por exemplo, o brasileiro é alegre, brasileiro aceita tudo, argentino é exigente, argentino é melancólico. Estas marcações revelam uma essencialização das identidades e, em vários momentos, marca preconceitos entre brasileiros e argentinos.

Algumas foram repetidas em várias ocasiões a primeira foi em relação ao tango, pois este é associado imediatamente ao ser argentino. No trecho

---

para diferenciar-se um dos outros, Esta discussão é apresentada por SANDOVAL, Salvador no texto Identificação étnica na migração. SANDOVAL, S. Identificações étnicas na migração. In: CARIGNATO, T; ROSA, M; PACHECO FILHO, R. **Psicanálise, cultura e migração**. São Paulo: YM editora&Gráfica. 2002. p. 15-28.

abaixo se pode observar como este discurso penetra e como refletem os movimentos dos sujeitos em relação a ele.

Quando estive em Buenos Aires me chamou a atenção à relação das pessoas com o tango, ele parece estar presente em todos os lugares. É uma música bem triste

S1: Por causa dos imigrantes, no início do século era a música deles. E também era a música que falava de amores perdidos, ciúmes, da época que se matava por amor. É nessa época se fazia isso (risos)

Depois em 30 e 40 que o tango virou moda foi para os salões. Mas não é todo mundo que dança

**S2: Si, crianças não dançam. Acho que é muito triste diferente do samba. Mas quando se fica mais grande lá perto dos 30 parece que a identidade chama. A gente pensa no é possible ser argentino e não saber dar uns passinhos de tango. Afinal é a nossa música. (Carolina)**

**As letras do tango moderno também são tristes?**

**-Si, se não for triste não é tango.**

**De onde vem essa tristeza?**

Não sei. Você foi na Boca? Sentiu o cheiro do rio da Prata, ele anda bem fedido, deve ser por isso. (risos)

Aqui foi muito colonizado por italianos e espanhóis, eles tinham muita saudade de casa. **Acho que essa saudade ficou.**

Mas o Brasil também teve esta migração.

**É. Mas lá em London eu via, mesmo fazendo os trabalhos mais baixos o brasileiro estava comum sorriso no rosto,**

**levavam a vida, o argentino não é assim. Deve ser por causa dos negros ou dos índios**

Aguinis (2002) também apresenta essa comparação entre os dois países e seus estilos musicais como uma simplificação da relação entre os países, ele aponta que

Se quiséssemos simplificar as diferenças entre brasileiros e argentinos, poderíamos dizer que os primeiros se divertem ao ritmo do samba e os segundos choram ao ritmo do tango. A alegria do Brasil contrasta com a melancolia da Argentina (AGUINIS,2002, p.XV).

Esta oposição entre alegria e tristeza apareceu como uma das diferenças entre o modo de ser dos argentinos e brasileiros

Vocês brasileiros não sabem dividir quando estão tristes, parece que sempre tem que estar alegres. Não procuram os amigos quando estão tristes. Nós **argentinos** somos diferentes, às vezes temos de nos cuidar porque só dividimos as desgraças.

É possível se observar este movimento de filiação, mais explícito no primeiro trecho e uma fixação de modos de ser: o argentino é assim, o brasileiro é assim, como se o modo de ser fosse da natureza. Nestes discursos, reatualiza a noção de argentino arrogante e brasileiro passivo.

A relação entre os brasileiros e argentinos parece estar sempre ligada à provocação, Aguinis denota que:

O Brasil e a Argentina sofreram as ambivalências do vínculo fraternal, que é apaixonado e paradoxalmente estimula ora o amor, ora a rivalidade. É um vínculo poderoso e indestrutível porque não tem como negar seus elementos comuns, seu indissolúvel parentesco (AGUINIS, 2002, p. XV).

E a presença nos discursos deste lugar de argentino, marca a diferença e muitas vezes a transitoriedade. Vianna (1998) refere que esta perspectiva de retorno auxiliaria o migrante a enfrentar as novas condições de vida e estabelecer um elo entre o passado e o presente e isto o faria manter suas raízes e conteúdos culturais.

Uma das entrevistadas afirmou que

eram pessoas muito interessadas em seu país, que agora estando longe, sabiam mais sobre as coisas que quando moravam lá. Que se estivessem na Argentina teriam vergonha de usar um broche com a bandeira do país e aqui o usavam com todo o orgulho.

O deslocamento do sujeito implicaria no lançar-se ao outro. Este lançamento implicaria uma reformulação de seu mundo. Assim o migrante teria de *abrir mão de seus conteúdos sócio-culturais, adquiridos em seu contexto cultural originário, introduzindo os conteúdos fornecidos por seu atual contexto* (VIANNA, 1998, p.25).

Esta divisão leva a certos movimentos de inclusão e exclusão neste novo contexto sócio-cultural. Vianna (1998) e Oliveira (2005) apontam que esta mudança no contexto sócio-cultural levaria o migrante a situar-se num espaço contraditório de provisioriedade subjetiva, no qual o sujeito fica dividido entre o desejo de voltar e de permanecer no novo local, sendo que até mesmo este retorno é ilusório, já que ao voltar encontrará outro contexto sócio-cultural.

No processo migratório observado em nossa pesquisa, o diálogo com a cidade é atravessado pela lembrança do passado, pelo desejo do retorno e pelo desejo da mudança que não se vincula apenas a conteúdos materiais, mas também ao desejo de mudanças internas.

Neste processo o sujeito enfrenta uma constante oposição a ser trabalhada: a da autonomia e a das forças sociais (VIANNA, H. 1999). Esta convivência e as tensões marcam as trajetórias e biografias dos indivíduos e

isto levaria a transformações e a metamorfoses na identidade (VELHO,G, 1999).

E é na diversidade do contexto urbano que os sujeitos negociam com a realidade fazendo escolhas que reforçam ou colocam em xeque formas anteriores de se viver. Os sujeitos nas negociações reconhecem as diferenças que geram a formação de novos vínculos, conflitos e a construção de laços afetivos (VELHO G. 1999).

Esta relação dos sujeitos com o espaço seja do qual saíram e no qual estão vivendo também tem sido estudado e nos sinaliza que o processo de desterritorialização vivido pelos migrantes é diferente, estando ligada a classe social e a grupos culturais (HAESBAERT, 2005).

Estes estudos que se preocupam com a relação dos sujeitos com o território, indicam que existe também um processo de reterritorialização. Redes que têm em comum vínculos culturais e econômicos entre os migrantes, estas não necessariamente envolvem apenas o novo território, mas podem expandir-se pro várias cidades e países.

As redes constituem uma forma de diminuir o sofrimento, possibilitando a inserção neste novo território.

No momento de compreender as experiências vividas na cidade novamente a estreita relação entre imigração e emigração ganha visibilidade, a idéia inicial de traçar trajetos e circuitos fazendo um "mapeamento" da cidade foi exercitada. Neste exercício, percebeu-se a Argentina diariamente presente, seja nos contatos comerciais, nas conversas via internet, nas constantes idas e vindas ou no repasse de dinheiro.

O deslocamento, a migração, o contato entre diferentes culturas, a produção de novas culturas, tudo levanta também a questão da relação espaço-tempo. Grupta e Ferguson (2000) referem que não há mais uma relação direta entre a cultura e o lugar, o que nos permite pensar no espaço não como um limite territorial, mas como fronteira. Segundo estes autores, na fronteira existe além do limite, o limiar e, no limiar se poderia entender as

negociações, trocas, intersecções que os migrantes residentes em Balneário Camboriú realizam.

O migrante enfrenta muitas questões, vivendo intensamente a divisão entre os dois lugares, experiência que foi denominada de diaspórica por Hall (2003, p.415):

(...) Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para entender o enigma de uma 'chegada' sempre adiada<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> O autor nesta citação está falando da sua constituição como um intelectual diaspórico, analisando na sua trajetória a questão de que ele nem é um inglês ao viver muitos anos em Londres e também não é mais um jamaicano. O autor também trabalha com a questão da diáspora negra, mas é esta a referida no momento.

---

## O PROCESSO DA PESQUISA

A perspectiva metodológica que norteia uma pesquisa tem estreita relação com a compreensão do pesquisador sobre a realidade social que pretende estudar. Esta tese, ao procurar compreender como migrantes argentinos, residentes em Balneário Camboriú, constroem suas redes de sociabilidade e experiências de saúde e doença, entende que a realidade é socialmente construída. Para conhecer esta realidade, há a necessidade de uma perspectiva metodológica que contemple a visão dos sujeitos que vivem e constroem estas realidades.

### 3.1 O primeiro momento: um olhar sobre os sujeitos e a cidade

A proposta inicial da pesquisa para a compreensão das redes de sociabilidade foi utilizar-se das contribuições do enfoque etnográfico pelo fato desta propor um olhar de perto e de dentro. Este olhar contíguo e intrínseco nos possibilita conhecer *os arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se fazem para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação, política ou associativa etc (MAGNANI, 2002, p. 18)* desvelando assim as questões que o grupo de argentinos estudado enfrentam no seu cotidiano em relação às doenças ou formas de vida saudável.

Já havia tido uma experiência com essa perspectiva no mestrado. Naquele estudo, trabalhei numa comunidade de pescadores do litoral centro-norte catarinense, experimentei algumas dificuldades da entrada em campo e do exercício de tornar o estranho/familiar e o familiar/estranho.

A proposta agora contava com um novo elemento que era o fato de estar trabalhando no meu território, ou seja, na cidade onde moro. Meus



interlocutores iniciais como Gilberto Velho e José Guilherme Magnani, pois ambos trabalham com a questão da realização de pesquisas urbanas nas quais o exercício do pesquisador não é tornar o estranho/familiar, e sim o familiar/estranho.

Senti que precisaria avançar mais no conhecimento das ciências sociais. Isto gerou duas movimentações: a primeira, de participar de eventos<sup>1</sup> nos quais pudesse conhecer melhor o fazer antropológico; e a segunda, foi a de buscar cursar disciplinas<sup>2</sup> que possibilitassem uma compreensão mais aprofundada da sociedade contemporânea com o objetivo de ampliar o diálogo entre o local e o coletivo.

A primeira ação foi uma experiência valiosa, pois me colocaram em contato com pessoas fora do circuito de Fonoaudiologia e de Saúde Pública. Assim, ampliei meu contato com a literatura de área e tive como professores historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos sociais e psicanalistas. Como aluna, convivi com uma gama ainda maior de profissionais, principalmente nas aulas do doutorado interdisciplinar, no qual havia engenheiros, desenhistas industriais, psicólogos, lingüistas, educadores, filósofos e sociólogos.

Estes contextos levaram-me a procurar conhecer mais sobre a dinâmica das cidades e sobre a relação dos sujeitos com as urbes, entendendo que apesar de sua complexidade é possível entender a cidade como um espaço ao qual as pessoas se vinculam de diferentes formas.

E assim é possível também ter um olhar etnográfico para a cidade, já que os seus habitantes apresentam uma lógica própria que precisa ser desvendada, tanto que nos centros urbanos *são múltiplos, variados e heterogêneos o conjunto de atores que neles vivem, sobrevivem, trabalham, circulam e usufruem equipamentos, ou deles são excluídos* (MAGNANI, 1999, p.104-05).

---

<sup>1</sup> Participei da Reunião de Antropologia do Mercosul por duas vezes e do Congresso de Ciências Sociais na Saúde.

<sup>2</sup> Cursei disciplinas como Teorias da História, da cultura e do indivíduo no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC; Identidades Culturais, Relações de Gênero e Educação no mestrado de Educação da UNIVALI.

É no desenvolvimento destes olhares que podemos encontrar a alma do lugar, alma que se revela na esfera do cotidiano do trabalho, dos afetos e dos ideais, mas também nas perdas.

O lugar teria então uma alma que evidenciaria a personalidade do lugar que se mostra por um conjunto de identidades como: histórias, costumes, arquitetura, urbanismo com suas ruas, barrancos e bocas malditas, detalhes e adornos, tipos humanos e suas relações com o meio e a região, pertença, formas lingüísticas, mitos, fantasmas e aparições de santa, esconderijos, sons específicos, astral, segredos e todos os diferenciais próprios do ambiente (Yazigi, 2001, p.45).

Pellizzoni (2003, p.03) conta um pouco sobre a alma de Balneário Camboriú, quando refere que a cidade teve seu desenvolvimento urbano ao longo da linha do mar, tanto que na praia central, nas primeiras quadras, se concentram seus maiores prédios. Segundo a autora, na área central há uma quantidade grande de prédios altíssimos, como também muita poluição visual presente nos ônibus, prédios, praia, casas comerciais e placas de propaganda. Como urbanista a autora sugere que se arborize mais a cidade e se crie mais espaços públicos de lazer.

Frente a estas diferentes informações, iniciei minhas caminhadas sistemáticas pela cidade, compreendendo que as disposições dos grupos e de suas trajetórias na cidade não são aleatórias, pois existe uma comunicação entre a cidade e seus moradores.

Nesta comunicação entre a cidade e seus cidadãos, o pesquisador também não pode se excluir desse processo. Canevacci (1994, p.37) destaca que

Na decodificação da mensagem existe sempre um lado criativo, um critério subjetivo. Ela é interpretada segundo a formação particular do pesquisador, sua biografia intelectual e política, seus gostos e emoções, ou segundo o acaso. A tradução da mensagem urbana é sempre uma traição.

Neste duplo processo de seleção e tradução, a comunicação urbana é dialógica: é um perguntar e um responder, um dar e um receber.

### 3.1.1 Mapeando a cidade

Foram realizadas caminhadas sistemáticas pela cidade que foram iniciadas em janeiro de 2003 e ocorriam em diferentes horários e épocas do ano. Buscava-se além de reconhecer a dinâmica da cidade, identificar espaços que possibilitassem a convivência entre brasileiros e argentinos. O diário de campo foi à forma privilegiada de registro das caminhadas, observações e entrevistas. Associado a ele também foram feitos registros fotográficos.

A técnica de pesquisa que norteou o trabalho de campo neste momento, foi a observação direta, na qual o observador coleta seus dados por meio de sua participação na vida cotidiana do grupo ou das pessoas.

Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou (BECKER, 1993, p.47).

A praia central foi identificada como o centro da atividade sócio-econômica da cidade, é a área com maior concentração de lojas, restaurante e hotéis. As caminhadas foram realizadas na praia e nas principais ruas da cidade que são três avenidas paralelas.

Nestas caminhadas identificaram-se algumas atividades que reuniam brasileiros e argentinos como jogos na praia (bocha, futebol, pelota), rodas de chimarrão e jogo de xadrez e dominó no calçadão.

Foi possível observar como, de forma sutil, a cidade denunciava a presença dos argentinos, quer no nome de prédios, bares, restaurantes, quer na presença de jornais argentinos durante todo o ano em várias bancas da cidade, ou até nos *shows* de tango.

Também nas avenidas Brasil e Central há um grande número de postos telefônicos e cyber-cafés que anunciam seus produtos em português e espanhol.

No calçadão a beira-mar também os restaurantes, vendedores de milho e as pessoas que alugam cadeiras e guarda-sóis também utilizam o espanhol. Denunciando a importância deste turismo para a cidade.

Ao caminhar durante todo o ano foi possível perceber que a cidade tem diferentes ritmos para os quais a própria população cria certas rotinas.

A alta temporada caracteriza-se por um momento muito aguardado pelos moradores e que ao mesmo tempo tumultua a rotina de todos. Nesta época, com as lojas fechando à meia-noite, ouvia muitas vezes as seguintes frases de moradores: *estou trabalhando como uma mula, trabalho mais que um cavalo, pareço um burro de carga*. Estas comparações sinalizavam a sobrecarga de trabalho, outros menos envolvidos com a atividade turística criavam também estratégias para manter uma rotina menos complicada como ir ao supermercado no horário em que as pessoas estavam na praia, como também evitar o uso do carro.

Nos meses de maio a agosto, a cidade vive um ritmo mais lento, quando é possível identificar melhor os moradores permanentes da cidade. De setembro a novembro, a cidade prepara-se para uma nova temporada: restaurantes e lojas são reformados, vendidos, prédios lavados e pintados.

Este instante inicial foi importante para que se percebessem os diferentes ritmos da cidade e como os seus moradores se movem nestes momentos. Identificando que os sujeitos estabelecem uma relação dinâmica com o contexto urbano e se tornam intérpretes dos mapas e códigos sócio-culturais, assumindo-se, como coloca Velho (2003, p.16), *uma visão dinâmica da sociedade na qual se procurará estabelecer pontes entre os diferentes planos micro e macro*.

Desta maneira o espaço urbano é compreendido de forma relacional, entendendo-se que este espaço favorece ou não as relações de

sociabilidade, as práticas de autocuidado, e/ou o fortalecimento das relações comunitárias dos sujeitos que o ocupam.

As caminhadas possibilitaram a definição dos primeiros locais de observação mais sistemática que foram na orla uma cancha de bocha situada na praça central, uma loja de fotografia na avenida central.

A cancha de bocha tinha jogadores de ambos os sexos que se reuniam quase todos os dias pela manhã ou no final da tarde para jogar. Minha presença causava um certo estranhamento por não ser conhecida do grupo ou pela faixa etária; procurei, pois, aproximar-me com conversas sobre o que estava acontecendo no jogo.

Era um lugar bem movimentado e nele sempre estava um senhor argentino, ele vinha sempre com a mulher que ficava tomando sol enquanto ele jogava. Ele ficava observando quieto o jogo e, na maioria das vezes, conversava quando lhe dirigiam a palavra, algumas vezes o cumprimentei e ele apenas acenava com a cabeça. Após um período, ele deixou de ir à cancha.

O outro local inicialmente escolhido foi uma loja em que o seu dono era argentino, e tinha funcionários também. Eu já a freqüentava como cliente e sempre que ia, aproveitava para conversar sobre a Argentina ou sobre como era morar na cidade. A loja parecia ser um local de encontro freqüentado por vários argentinos e que iam ali para conversar. Sempre se reuniam num canto, e conversavam bem baixo.

Estas duas experiências geraram uma frustração, sentia que precisava ter algo mais concreto para iniciar. As dificuldades enfrentadas para conversar com as pessoas foram várias, era muito difícil aprofundar as conversas informais e a situação piorava quando falava na possibilidade de realizar uma entrevista.

Escolhi dois caminhos, um foi o de conseguir, por meio de amigos, indicações de argentinos que eles pudessem me apresentar; e outro foi o de procurar o Círculo Argentino, local sempre citado pelas pessoas com quem conversava na rua.

Fiz contato com seis pessoas de diferentes idades e profissões, todas foram muito educadas, mas negaram-se a ter um contato maior. Questiono que talvez neste momento tenha feito uma abordagem muito formal, a qual não facilitou o acesso a eles e, neste momento, também começou a ficar mais clara a existência de pessoas que estavam no país de forma ilegal.

No Círculo ocorriam reuniões para conversar, jogar baralho e dominó, aulas de espanhol e português, as atividades desenvolvidas e a filosofia que norteia suas atividades serão apresentadas posteriormente.

Neste momento em que senti muita dificuldade de acesso ao campo coloquei-me algumas questões: como trabalhar metodologicamente com redes que não eram apenas locais? O mapeamento me possibilitava reconhecer as redes locais, mas sentia que não poderia descartar estas outras relações vivenciadas pelos migrantes. Também identifiquei que, reconhecidos alguns caminhos, estava no momento de aprofundar as informações, centrando-me em alguns sujeitos que havia conhecido e que aceitaram participar da pesquisa como sujeitos.

### **3.2 O segundo momento: um olhar para os caminhos dos sujeitos**

Frente a este contexto durante todo o ano 2004 a pesquisa começou a tomar outro rumo, freqüentava semanalmente o Círculo Argentino para fazer aulas de espanhol, conheci pela internet alguns argentinos residentes em Balneário Camboriú e outras pessoas foram indicadas por amigos.

Neste contato mais próximo conheci mais sobre as redes sociais construídas por eles, as observações continuaram a ser registrada em um diário de campo. Um grande número das informações foram obtidas em conversas informais e nas observações de cenas nas praias, lojas, nas idas ao círculo argentino, nos *shows* de tango, cafés e livrarias.

Frente às negativas que havia recebido anteriormente, mudei a forma de aproximação buscando construir uma relação inicial construindo um *consentimento na relação*(DALMOLIN, 2004, p.7). Assim, várias pessoas

participaram da pesquisa alguns sistematicamente e outros através de contatos esporádicos, fiz quatro entrevistas nas quais houve a assinatura de um consentimento formal<sup>3</sup> dos entrevistados, as mesmas foram gravadas para que a pesquisadora pudesse privilegiar a interação durante o momento da entrevista.

Uma das entrevistas foi com o presidente do Círculo Argentino e nesta busquei maiores esclarecimentos sobre o funcionamento do mesmo e as motivações que originaram sua criação, esta entrevista será identificada como E1.

Outra foi uma entrevista realizada com uma Argentina residente em Florianópolis que se ofereceu para participar da pesquisa, ela referiu que falar sobre essa transição do turista para o morador era um tema que lhe atraía. Esta entrevista que será nomeada E0 foi importante por trazer temáticas semelhantes as que encontrei em Balneário que foram: a questão da língua, diferença de tratamento conforme a fase do ano e a desilusão com a Argentina naquele momento.

As outras duas foram realizadas com argentinos residentes em Balneário e na faixa etária de 20 – 40 anos. Após a realização das entrevistas, também foram feitas anotações no diário de campo sobre impressões do contexto da entrevista. Elas foram transcritas e junto com as anotações do diário de campo serviram como material de análise.

Um aspecto que dificultou a realização das entrevistas foi que muitas vezes a pessoa que havia se identificado como possível informante retornava para a Argentina. Isto ocorreu várias vezes com a recuperação gradual da Argentina e a semelhança das condições econômicas.

Cinco sujeitos foram meus informantes privilegiados, as informações obtidas vieram mais da convivência semanal durante a aula de espanhol, caminhadas, festas de rua, exposições e outros eventos, almoços. Três destes não quiseram fazer uma entrevista com registro mais formal, então seu material é exclusivo dos registros do diário de campo.

---

<sup>3</sup> Sendo realizada a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Anexo 1



Em todo este processo houve um reconhecimento das diferenças de pensamentos e modos de ser, inicialmente traduzidos em alguns momentos por preconceitos e em outros por inúmeras tentativas de fazer-se compreender. Processo cercado de negociações, em que não só a fala fornecia pistas, mas os olhares e movimentos corporais também. Mas também houve o reconhecimento das semelhanças, justificado por eles pelo fato de sermos frutos da mesma colonização e por serem pessoas bem informadas.

Assim, foi no contato com o outro que ocorre o processo de construção das identidades relacionada à diferença, assim naquele momento ao ter contato com argentinos reconhecia certos aspectos meus tidos como características de uma brasileira. Este é um processo de mão dupla que ocorreu tanto com a pesquisadora quanto com os sujeitos da pesquisa e que permeavam o nosso cotidiano. Em situações como a de dar uma moeda ao emprestar um livro, ou ser chamada para um *cafezito* e que os brasileiros são alegres os argentinos trágicos.

A seguir, apresentarei os sujeitos da pesquisa cujos nomes foram substituídos por nomes comuns na Argentina.

A primeira pessoa que conheci foi **Santiago** tem 45, é separado e tem três filhos, mora a cinco anos na cidade, nos conhecemos através de uma sala de bate papo na internet dos moradores da cidade. Ele é dono de uma loja de câmbio que funciona na temporada e durante o ano trabalha em outros negócios. Frequentemente ele me convidava para acompanhá-lo nas reuniões da seicho-noie, bingos, almoços, jantares e caminhadas. E se ficássemos algum tempo sem contato ele sempre marcava um café.

**Mirta** conheci no Círculo Argentino onde dá aulas de espanhol, é uma senhora entre 60 e 70 anos que reside em Balneário Camboriú há sete anos. É uma pessoa muito falante e que



circulava muito pela cidade vendendo produtos da Avon e Natura, além de dar aulas de espanhol e inglês. Tínhamos contato semanal por causa das aulas ou dos produtos que ela tinha que entregar. Quando parei de fazer as aulas, ela sempre buscou contato pelo telefone, ou convidando-me para um *papito* em sua casa.

**Carlos** é um senhor dentre 70 e 75 anos, marido de Terra, tem uma lesão de coluna que o impede de andar. Sai de casa apenas para ir ao médico, a igreja e aos eventos promovidos pela igreja. Saía de casa uma vez por semana para ir a igreja e algumas vezes por mês saía para ir ao médico quando conseguiam carro da prefeitura ou carona de amigos. Mostrava-se muito animado para conversar sobre a igreja. A relação com ele sempre ocorreu através dos encontros com Terra, pois ele diz não gostar de falar no telefone porque fala mal o português.

**Laura** é uma jovem de 23 anos que mora em Balneário Camboriú há quatro anos, fui apresentada a ela pela filha de uma amiga que faz relações públicas na UNIVALI. Ela trabalha como gerente em uma das maiores locadoras de vídeo de Itajaí, cidade ao lado de Balneário Camboriú, diz que percebe que quando sabem que ela é Argentina a tratam diferente, dá como exemplo a indicação de filmes. Nosso contato não é freqüente, e limita-se a locadora de vídeo.

Em uma revista virtual intitulada OCAIXOTE existia trabalhos de um pintor residente em Balneário Camboriú. Este fato me chamou a atenção e ao entrar no seu perfil conheci **Ernesto**.

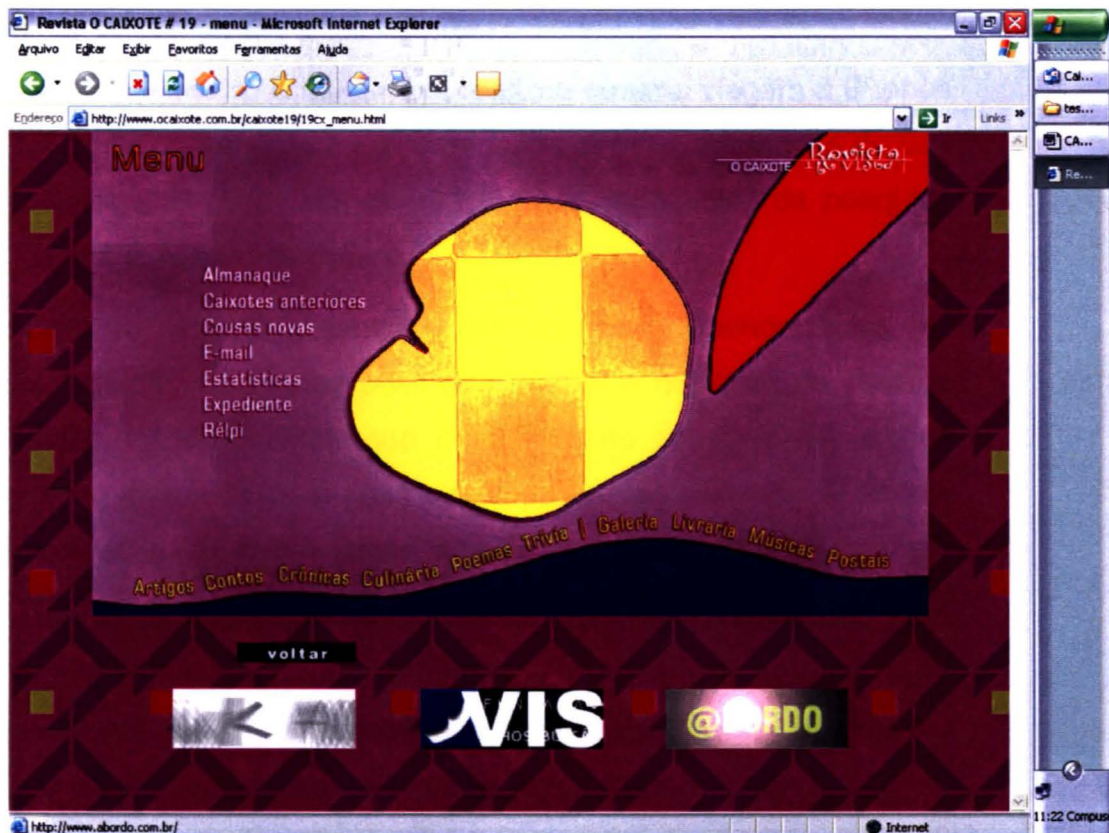


Figura 6: Ste da revista ocaixote.

Disponível em <[www.oaixote.com.br](http://www.oaixote.com.br)>

Argentino de 41 anos, nascido na cidade de Paraná na província de Três Rios Argentina, residente em Balneário Camboriú desde 1997. Em Balneário Camboriú além de trabalhar no cyber café, algumas vezes também faz trabalhos com seu pai na loja de molduras, sai de casa pouco mais para ir à casa de amigos e convida bastante as pessoas para ir a sua casa. Desde que nos conhecemos temos contato freqüente, seja pela Internet, sejam exposições para as quais me convidou, também tem o costume de convidar para tomar chá em sua casa.

No decorrer desta pesquisa vários foram os momentos em que se falou de origens, saudade e de descrições esmiuçadas da cidade natal. Em outros momentos existia uma identificação relatada inicialmente por eles ao

referirem que era muito fácil se adaptarem, pois éramos frutos da mesma colonização.

Para finalizar o trabalho de campo, realizou-se uma viagem a Buenos Aires, esta foi fundamental para a compreensão sobre as diferenças do uso do espaço público e também das referências que os sujeitos da pesquisa faziam em relação a sua antiga cidade.

Ao falar com alguns argentinos que iria para Buenos Aires, fui assessorada de todas as formas possíveis, eles me muniram de mapas, dicas, telefones, comidas. Dicas que muitas vezes causava discussões acaloradas, como de um casal em que a mulher queria dar-me dicas de loja e o marido falava, já faz muito tempo que saímos de lá, tudo deve estar diferente. Este foi um dos momentos no qual percebi que tinha sido acolhida por eles.

Buenos Aires foi uma descoberta e base para a compreensão de certas formas de ser que havia observado aqui, como o gosto pela rua. Chamou a atenção o uso do espaço público, encontrei muita gente fazendo piqueniques nos parques, lendo, dormindo, tomando sol. As pessoas ficando até tarde nos cinemas, livrarias, calçadões e cafés conversando, a manhã começando mais tarde.

O tango também se mostrou como uma referência marcante da cidade. Em várias ruas da cidade assisti a casais dançando, não apenas em pontos turísticos. Lojas de discos tocando tango direto, crianças tocando ou dançando tango com uma caixa para esmolas em frente, museus com a história do tango, inúmeros tipos de *shows* de tango. Gardel e Piazzola como grandes referências musicais, e hoje a presença de grupos de tango que o misturam com a música eletrônica.

Este período em Buenos Aires promoveu novas reflexões sobre a relação entre identidade e diferença, relendo o diário de viagem, via que estabelecia comparações ao descrever e que o estar em outro espaço convoca certos olhares.

### 3.3 O momento da escrita

O processo da escrita mostrou-se flutuante e diretamente ligado aos nós do trabalho. Houve fases em que, completamente envolvida no trabalho, os diários misturavam português e espanhol. Quanto aos relatos iniciais, mostravam bem o início da pesquisa, sendo caracterizada por uma escrita mais formal e distante.

Os impasses da pesquisa mostraram-se na paralisia da escrita. Esta não acontecia, foram dias de papéis vazios, gravadores sem palavras. Estes foram momentos em que buscava padronizar comportamentos ou formas de escrever. A fim de seguir em frente, tinha que realizar exercícios que resgassem o prazer da leitura e da escrita. No meu caso, foram: escrever a esmo sem pensar nos capítulos da tese, conversar com amigos sobre o que vivia, ler livros não diretamente ligados à tese e ver filmes que tratavam de temas sobre a cidade, sobre a migração e sobre a situação atual da Argentina.

Assim, os diários relatavam as dificuldades que fui enfrentando, as quais se relacionaram à escolha dos lugares de observação e, principalmente, à relação de aproximação com as pessoas.

Durante todo o trabalho de campo a leitura dos diários de campo nos quais foram registradas as observações e impressões do pesquisador, forneceu material para novas reflexões e movimentos dentro do próprio campo, desta forma a análise foi ocorrendo progressivamente.

A análise de todo o material composto dos diários, imagens, documentos e transcrição das entrevistas, procurou identificar como os sujeitos vivem em seu cotidiano as experiências relacionadas à saúde e ao adoecimento. O texto decorrente é o resultado de sucessivas interpretações que delineiam as redes de sociabilidade e suas relações com o favorecimento ou não da saúde.

O texto é composto de recortes dos diários de campo, contendo descrições de situações, conversas informais e trechos das entrevistas. Também foram incluídos fotos, folders e informativos que possibilitam o conhecimento das produções das instituições freqüentadas pelos sujeitos da pesquisa, bem como as próprias produções dos sujeitos da pesquisa. As fotos auxiliam na análise do espaço no qual as experiências são vividas.

A fala dos sujeitos foi literalmente transcrita, podendo ser observada que há diferenças na maneira como as pessoas misturam o português e o espanhol, sendo observado que não há relação direta entre o tempo de moradia no país e o domínio da língua.

A partir da hipótese inicial da pesquisa que foi a de que os sujeitos criam vínculos e práticas com o novo lugar construindo redes de sociabilidade nas quais vivenciam suas experiências de saúde e doença. O texto final procura identificar as regularidades encontradas nas observações sistemáticas, regularidades que apontassem uma rede de significados compartilhados e indicassem a forma como essas redes fornecem suporte para a busca de modos de vida mais saudáveis.

Estas redes foram agrupadas em dois grandes temas, o primeiro refere-se à chegada ao Brasil que tem como significados compartilhados a existência da crise Argentina, a ligação anterior com a cidade e a legalidade.

O segundo refere-se ao processo de inserção na cidade, a partir do referencial teórico adotado que indica que as identidades são pontos de sutura criados a partir do reconhecimento das diferenças. A partir deste reconhecimento da diferença foi identificando duas grandes redes. Uma na qual a diferença era vista como a legitimação da identidade de migrante que foi em relação à comida, ao trabalho e a língua.

E a segunda que foi quando a diferença auxilia na construção da identidade de morador de Balneário Camboriú, neste momento os significados não são mais aqueles apenas partilhados pelos turistas, mas partilhados com os moradores da cidade. Foram eles: circulação na cidade, serviços de saúde e grupos religiosos.



---

## AS REDES DOS MIGRANTES ARGENTINOS RESIDENTES EM BALNEÁRIO CAMBORIÚ

As redes serão apresentadas inicialmente a partir de uma lógica temporal que será marcada pelo processo de vinda para a cidade e no segundo momento sua inserção na mesma. Em cada trecho será apresentado um diagrama com os aspectos que foram abordados.

### 4.1 Chegando na cidade

Os migrantes que conheci, saíram da Argentina na década de 90, sendo que um contingente maior chegou a partir da metade da década quando a crise econômica se agravou. Os momentos da crise foram relacionados por eles a sua inserção na cidade.

No governo Menén quando o dólar valia o mesmo que o peso o fluxo de argentinos na cidade era grande, bem como o volume do dinheiro gasto. Neste momento, muitos aposentados vieram morar no Brasil.

Agora a vida está muito difícil para quem quiser vir, porque **antes um aposentado argentino que recebia o equivalente a 500 dólares vivia muito bem aqui**, agora com o peso valendo o mesmo que o real.(diário)

Com o aumento da crise, aumentou o interesse dos argentinos da faixa etária entre 25 e 40 anos se fixarem no Brasil.

**vim para cá há 3 anos quando o câmbio era favorável, vendi minhas** coisas lá, comprei uma kitinete perto do mar, temos uma cantina aqui no círculo e trabalho em Itajaí numa cia de pesca.(diário)

O curralito<sup>1</sup> também atingiu pessoas que moravam aqui, houve várias que tiveram que vender seus imóveis às pressas, outras vieram para o Brasil definitivamente e também algumas que não puderam retornar ao país.

Hace poco más de dos años hizo arreglos para exponer en una galería en Miami y mientras todo se organizaba decidió tomar un descanso en el Balneário Camboriú, pero desde Estados Unidos le informaron que a causa de la recesión y otros problemas de índole económica se suspendería el proyecto, lamentablemente el dinero no le fue restablecido, eso sumado a la crisis nacional afectaron su patrimonio dejándolo desde entonces anclado en esta ciudad.<sup>2</sup>

Neste processo de dolarização da economia Argentina, muitos tinham seu dinheiro aplicado e com as novas regras econômicas acabaram perdendo e sofrendo uma grande mudança de padrões de vida na sua vida aqui em Balneário Camboriú.

- o genro do meu marido perdeu todo o nosso dinheiro. Perdeu 50 000 dólares.

- Nossa

É ele ficou muy mal, tomou remédios, tentou se matar, mas fizeram lavagem e ele sobreviveu. Me pediu perdon e disse que para o resto de la vida nos mandaria dinheiro, mas o que manda és pouco. E os bancos ficam com uma porcentagem grande, a cada cem reales que ele manda 30 ficam para o banco. Estoy a procurar bancos com taxas menores (MIRTA)

Quando o câmbio deixa de ser favorável, algumas pessoas tentam voltar. Neste processo de voltar, entram em contato com a quebra do ideal. O país do retorno não existe mais, o processo de volta implica novas construções.

---

<sup>1</sup> Sistema que limitou o saque de dinheiro a um valor semanal na Argentina.

<sup>2</sup> Texto publicado no informativo do Círculo Argentino de Santa Catarina em enero de 2003, p.6

- Eu tentei voltar no año 2002, **mal ano que escolhi, aquele indecente do La Rua havia quebrado o país, un desastre.** Eu estava tentando voltar, este ano para a Argentina, eu já levava cinco anos de Brasil. **Quando eu voltei não tinha as pessoas que tinha deixado no lugar etc, tudo mudo asi como muda a vida da gente muda a vida dos outros no. Então ai você dá conta que aquilo que você tinha deixado se bien que los prédios estan no mesmo lugar alguns. Até en algunas cidades você volta, vou ver a casa da minha mamãe quando você chega encontra uma padaria, quer dizer a casa da sua mamãe no está.** Então aí és muito. Na real o que fica a lembrança, o que pode ficar, fica en você porque até o exterior muda, no. (ERNESTO)

Quando vocês voltaram vocês já sabiam que iriam voltar para cá?

- Não, nós voltamos conscientes. Na verdade o Gustavo queria voltar, ele tem ainda muitos amigos lá, ele acreditava que o conhecimento que ele adquiriu aqui poderia voltar para a cidade. Mas quando chegou lá encontrou que a gente tinha criado na nossa cabeça uma espécie de utopia. Longe Você imagina, ou fica distanciado, na tua cabeça tu crias um mundo que poderia ser possível. E não foi possível.

E parece que tem a coisa de estar longe tudo ser melhor.

- Tudo é melhor. Daí quando volta dá para perceber que não era tão, tão asi. A nossa desilusão foi principalmente com a Universidade. **Bom com o país já estávamos desiluzionados fazia tempo. E voltamos bem na época do quase desastre. Depois de um tempo de estar lá, um ano mais ou menos a gente pensava: Puxa quando isso vai acabar. A situação estava tensa. O ar estava pesado. E alguma coisa não sei, parecia uma coisa que não era possível a situação da Argentina . Essa situação do dólar um por um.(E0)**

A decepção com o país chama a atenção, pois para eles o Brasil não representa a possibilidade de ganhos muito maiores que na Argentina.



Aguinis (2002) a que o argentino tem uma nítida noção do seu passado, no qual a Argentina foi um dos países mais ricos do mundo e que hoje se sente mergulhada numa grande crise. E que no momento há uma desilusão entre os argentinos por ver a degradação de seu país. Um país que segundo o autor conta com recursos naturais e culturais para dar a volta por cima.

Foi neste contexto de crise que os sujeitos da pesquisa vieram para o Brasil, o que os motivou a escolher Balneário Camboriú na maioria foi uma experiência positiva como turista anteriormente.

Santiago veio o passar sua lua de mel em Balneário Camboriú e ele e a mulher decidiram começar a vida aqui, vendendo o apartamento que possuíam em Buenos Aires.

Laura já tinha um percurso maior na cidade antes de vir como moradora.

Meus pais vêm aqui, como eles são aposentados ficam três meses aqui. A gente vinha em julho e nos três meses de verão, a gente sempre teve apartamento aqui. E nesse verão dos meus 18 anos, quando havia decidido que não passaria mais os três meses de verão aqui eu conheci hoje o que é meu namorado ainda, a gente vai fazer 4/5 anos juntos, a gente passou um ano separados. Assim conheci esse menino, me apaixonei e depois de um ano vim morar prá cá por causa dele.

Carlos e Mirta também tinham uma relação extensa com a cidade, mas devido a negócios relacionados ao turismo. Carlos vinha regularmente ao Brasil acompanhando turistas argentinos que visitavam Foz do Iguaçu e o Rio de Janeiro. Segundo ele, os argentinos gostam muito de viajar de ônibus e também de praias, então ele incluía, no roteiro de sua agência, uma parada em Balneário Camboriú.

Há sete anos, como o volume de negócios em Buenos Aires começou a cair, Balneário Camboriú mostrava-se um lugar promissor para eles continuarem trabalhando no setor de turismo. Decidiram então vir para cá, Terra refere que também, naquele momento, ansiavam por um lugar mais quente. Os amigos que tinham aqui os ajudaram a estabelecer-se na cidade.

Ernesto também narra uma relação com o Brasil desde a infância, manifesta que em 1987 teve seu primeiro contato com Balneário Camboriú.

Camboriú conheci no ano 87, é da Oktoberfest. Que mi pai trabalhava com turismo na Argentina e fez un contacto aqui em Blumenau, Camboriú. Blumenau com a festa da Oktoberfest que recién comenzava, naquela época. Inclusive levaran una banda, me lembro , a Buenos Aires de Blumenau todos vestido de alemães, e foi naquela época o secretário de turismo, sei lá era tan un avion de brasileiros en Buenos Aires( Ernesto)

Em 1997, a agência de turismo do pai em Buenos Aires, faliu. Como a família já tinha uma relação com a cidade pelo turismo e como eles não tinham muita saída, decidiram vir para cá, vieram os três, ficando na Argentina um irmão e uma irmã que já eram casados. Ao chegarem à cidade, ele e sua família contaram com o apoio de amigos íntimos que já tinham e com outras pessoas com as quais mantinham relações comerciais. Ele frisa que existe uma relação comercial importante entre Brasil e Argentina, mas dá a entender que os contatos que nascem por questões comerciais são muito frágeis.

Yo convidaria a se relacionar de outra maneira hacer un intercambio cultural, a experimentar as mudanças corporais e emocionais que uno sofre estando em outro lugar com outra gente.

Com exceção de Santiago, todos eles tinham uma relação com moradores da cidade, relações de amizade, afetivas ou comerciais, este

contato inicial forneceu o suporte para a chegada no novo país. Um local que foi suporte para Mirta e Carlos e os pais de Ernesto foi o Círculo Argentino.

O Círculo Argentino conforme seu presidente foi fundado em 1995 com a função de *contenir* quem imigrava.

Una persona que esta fuera de su país, de sus cosas comunes. Nós argentinos e brasileiros no chamamos bien. Pero no somos iguais, tenemos ciertas diferencias de culturales. Então necessitamos de la musica, caso, la musica é diferente a nossa musica. Então o que inbitamos, queremos un contacto com nossa musica, un contacto com nossa alimentacion que tambien é diferente, que hoje tá mas junta no? Pero siempre hay diferencia de tipo culturale. No de quién sabe mais ou quién sabe menos, no isso no, si culturales, solamente no sentido de la vivencia. Como essa pessoa que está fora pierde por completo aquela cosa de todos los dias comunes para ti para... Se te vas a morar la Argentina, te vas encontrar que te vai faltar o feijão, que vai faltar escutar la vinicius de Moraes por ali. Te vais tener de ir a un lugar procurar onde te vá escutar essa musica. Esse era lo que nos queriamos, juntarnos, la fundamental juntar-nos, para que? Para tener esta conteción. Imagine tien personas que no tienen amigos

Além de conter o objetivo do Círculo era o de inserir os argentinos na comunidade, unindo argentinos e brasileiros. Inserção esta que passa não apenas pela amizade, mas também pelo trabalho e a regulamentação no país, o Círculo tem sido um ponto de referência tanto para os argentinos que chegam como para o próprio governo argentino, sendo que durante a pesquisa eles receberam a visita do cônsul argentino, legitimando este seu lugar de referência.

## Embaixador argentino ficou encantado com Balneário



Embaixador foi recepcionado pelo deputado Dado Cherem, senador Pavan e prefeito Spornau.



Giselda com o embaixador.

O embaixador argentino no Brasil, Juan Pablo Lohlé, incluiu Balneário Camboriú no seu roteiro de quatro dias em Santa Catarina. Foi recepcionado na manhã de quinta-feira, no hotel Recanto das Águas e se disse encantado com a beleza da cidade e com sua qualidade de vida. Ele conheceu Balneário Camboriú há 20 anos e ficou impressionado com o desenvolvimento nas duas últimas décadas. Prometeu passar suas férias de janeiro na cidade.

O embaixador ficou surpreso com a recepção que teve. Junto com o prefeito Rubens Spornau, estavam o deputado Dado Cherem e o senador Leonel Pavan, além de empresários e representantes do Círculo Argentino. Esta foi a primeira visita oficial de um embaixador ao município.

Em seus discursos, o prefeito e o senador salientaram a importância da presença do embaixador, tendo em vista o grande número de argentinos -quase sete mil- que moram na

cidade, sem falar nos turistas daquele país, que sempre lideram as estatísticas entre os visitantes estrangeiros.

A consultora de Relações Internacionais da Secretaria de Estado da Articulação Internacional, Giselda Silveira Cherem, considerou a visita ao estado e, em especial a Balneário Camboriú, um fato de relevada importância. "Foi significativo chamar atenção para a importância da cidade nas relações Brasil/Argentina, afinal Balneário Camboriú é hoje o prin-

cipal foco de concentração de argentinos, tanto dos que vivem aqui como dos que veraneiam na cidade", disse.

O embaixador foi recepcionado em Florianópolis pelo governador Luiz Henrique da Silveira, assistiu à abertura do Festival de Dança em Joinville -quando apresentou-se um balé do Teatro Collon, da Argentina-, conheceu algumas fábricas, visitou a Fiesc, o Sebrae e ontem retornou a Brasília.

Figura 7: Registro do contato do Embaixador argentino com membros do Círculo Argentino

Fonte: Jornal Página 3. Balneário Camboriú, 24 de julho de 2004, p.4

É no momento da vinda e com a opção pela permanência que os migrantes passam a conviver com a questão da legalidade e ilegalidade. Algumas senhoras argentinas detalharam esta relação:

Elas contaram sobre a questão da legalidade, que isso incomodava, e que elas ficaram ilegais por um tempo. Segundo elas, quando chegaram por lei, elas não poderiam permanecer mais de 180 dias no país, após este prazo tornavam-se ilegais. Elas quando vieram morar para cá não tinham visto permanente, então não podiam fixar residência e parece que esse visto não era renovável por mais de três

vezes. Assim, quando elas se tornavam conhecidas no lugar, começavam a ter problemas porque ninguém queria vender passagem para elas. Aí o que tinham que fazer era ficar uns dias na fronteira e depois passar, fazendo de conta que tinham apenas cruzado a fronteira uns dias. Se as achavam, tinham de pagar uma multa e eram deportadas. Em 1998 houve uma anistia, permitindo a todos que residiam aqui obter o visto permanente, ela foi dada em setembro, e só valeu para quem já morava no Brasil de março a junho, para evitar que viessem muitos migrantes. Segundo elas, agora a vida está muito difícil para quem quiser vir, porque antes um aposentado argentino que recebia o equivalente a 500 dólares vivia muito bem aqui, agora com o peso valendo o mesmo que o real ficou difícil. Para conseguir morar legalmente aqui, precisa-se ter uma renda de 2.000 dólares, ou fazer um investimento de 100.000 dólares. Falei que precisava querer vir para cá, elas falaram que sim. Aí comentei que era por isso que vinham mais aposentados, elas falaram que sim. E pela questão da legalidade os que vinham e ficavam com vistos de turista, trabalhavam em ocupações menores, com serviços prestados. Só alguns estudavam, abriam o próprio negócio.(diário).

Mirta fez este percurso narrado pelas senhoras. Antes de ter o visto permanente ia de seis em seis meses para Foz do Iguaçu que era mais perto do que ir a Uruguaiana ou Buenos Aires. Em Foz do Iguaçu, cruzavam a fronteira e ficando um a dois dias na Argentina, voltando com um novo visto.

Ernesto que estava na mesma época que Mirta em Balneário Camboriú. Também conseguiu o visto permanente, e hoje se tornou responsável legal por seus sobrinhos que estão estudando aqui e também pelos negócios da família. Santiago ao ter filhos brasileiros também conseguiu o visto permanente.

Já para Laura, a legalidade fez questão na vinda para o Brasil e volta a fazer questão atualmente. No início ela veio como turista e foi encaminhando o processo para obter o visto como estudante para isto ela tinha que fazer o vestibular. Portanto, durante os seis meses em que tinha o visto de turista, fez o cursinho e o vestibular. Laura expõe que via Mercosul as coisas são muito difíceis e que o consulado argentino não ajudou muito neste processo.

O consulado argentino não ajuda de nada. Eu fui procurar o consulado para ver como eu fazia para poder ficar legal, porque na faculdade eles não me pedem nada, nenhum tipo de comprovante, nenhum visto nada. Eu tava procurando uma forma pra ficar aqui legalmente. Fui no consulado e eles me falaram que eu podia usar um tratado a partir do qual qualquer um entra na faculdade sem fazer vestibular, a única restrição é que essa pessoa tem que voltar no final do curso porque não pode praticar aqui essa profissão. Então pensei, é um absurdo, deixa quieto. Faço o visto de estudante, faço o vestibular tranqüilo.

Com o visto de estudante, tem-se que apresentar anualmente na Polícia Federal de Itajaí um atestado de frequência acompanhado notas, documentos que serão enviados a Brasília. Ela utilizou apenas uma única vez o consulado brasileiro na Argentina e foi para conseguir o visto de turista. Laura comenta que com toda essa burocracia há muita gente ilegal. Cita o exemplo de um senhor argentino que vende doces e que está com um problema com a filha, pois ela está terminando o terceiro ano, e como ela ainda não tem o diploma de ensino médio nem a vaga na faculdade, teria que voltar a Argentina para perder meses solicitando a renovação do visto. Laura fica indignada ao contar o caso:

Porque o cara tá aqui, tá trabalhando, cumprindo seu papel, mas não tem nada a favor dele.

Antes, segundo ela, os argentinos faziam um esquema de entrar por uma fronteira e sair por outra. Isto ajudava a driblar a fiscalização, sendo

comum entrarem por Uruguaiana e saírem por Foz. Agora com o aumento de controle na fronteira as coisas ficaram bem mais restritas, entra-se por um lugar tem que sair pelo mesmo.

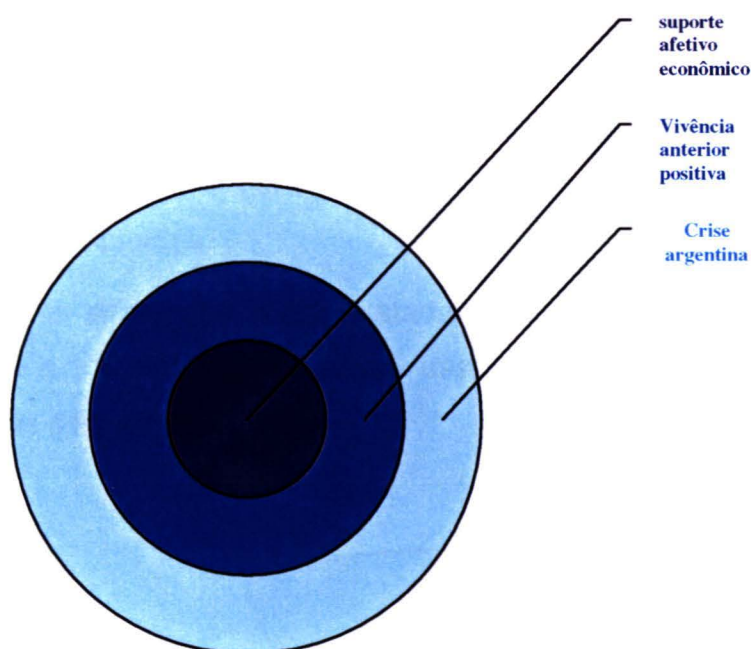
Enquanto os países que compõe o Mercosul não resolverem os impasses em relação ao livre trânsito das pessoas, situações como as elencadas pelos sujeitos da pesquisa se repetirão. As estratégias observadas foram o visto de turista, visto permanente de um membro da família que se torna o responsável legal por outros membros que venha estudar ou pelos negócios familiares, visto permanente por ser pai de uma criança brasileira. Mesmo assim, a ilegalidade provoca tensões e acaba por afetar a saúde dos sujeitos, como bem colocou o presidente do Círculo Argentino:

**Ele tiene que transitar aqui um poco mas livre.** Então não deveria empezar mas en barreiras. Ninguém tenia que estar escondendo-se, ocultando-se, tener medo de fazer cosas. Deveria hace-lo siempre que forem boas. Claro que no sea boas, tiene consecuencias malas. Devimos mas rapidamente abrir ese flujo que hacer importante para todos. Vamos hacer un poco mas ricos, no algo economicamente pero mas rico em saúde. Pois podemos ter la medida dos demas, esta sinceridad, nuestro carinho, nuestra virtud. No nuestra cosa feia, si nuestra cosa boa. Iso me parece a mi. Creo que devemos abrimos mas. E aquele que faz cosa erradas solo, bom fica de lado (entrevista 1)

Muitos permanecem de forma ilegal trabalhando na cidade em empregos não registrados, sendo possível perceber que pelo fluxo de turistas argentinos na cidade essa permanência não é dificultada. Situação semelhante é descrita por Baenir (2005) em relação aos migrantes sulamericanos residentes em São Paulo, o fato de muitas vezes apenas uma pessoa da familia conseguir se legalizar abre espaço para a exploração da mão de obra dos outros que estão em situação ilegal.



**Figura 8:** Diagrama do contexto da vinda dos migrantes argentinos para Balneário Camboriú.



#### 4.2 Inserindo-se na cidade: das diferenças as semelhanças

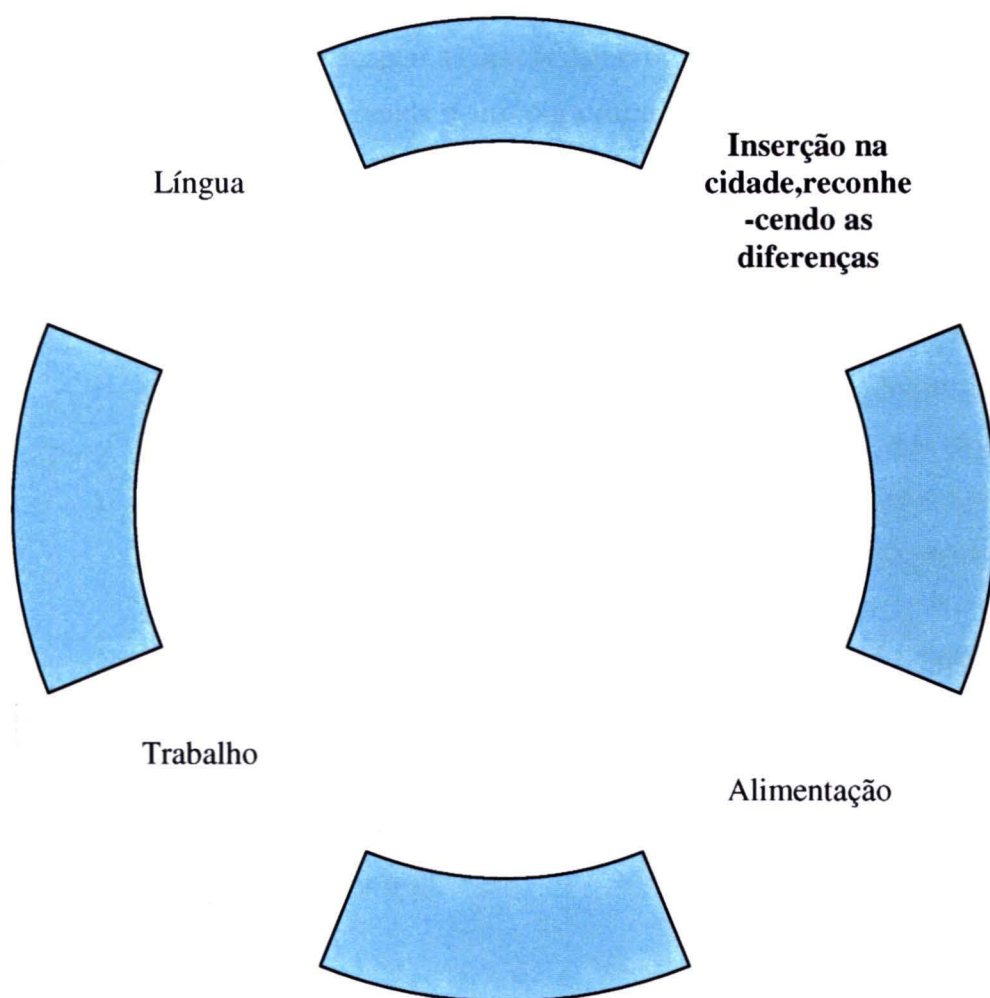
O cotidiano na cidade foi evidenciando momentos em que a diferença de costumes era bem marcada ora pelos próprios sujeitos ora pelos brasileiros com quem eles conviviam.

Nesta construção os sujeitos partilham, refletem e (re)constróem pressupostos, modelos explicativos e padrões de comportamento. Assim, a partir de uma elaboração intersubjetiva os sujeitos desenvolvem determinadas experiências, sendo que estas promovem o estabelecimento de novos campos de significação e terem senso da própria identidade (HITA, 1998).

Hita (1998) refere que poderia se tomar à saúde como uma afirmação da identidade, já que ela nos permite viver e manter a rotina através de

nossos papéis sociais. Veremos neste capítulo que é possível identificar a criação de vários recursos de saúde, retomando a noção de saúde como a possibilidade de a vitalidade, capacidade de interagir com o ambiente propondo e realizando atividades concretas, sendo um processo em permanente construção no qual os sujeitos são ativos (REY, 2004). Os sujeitos que participaram da pesquisa mostraram essa vitalidade em buscar alternativas para superar os momentos de estranhamento e os que se sentiram excluídas.

As diferenças mais relatadas foram vividas em relação a comida, língua e trabalho, as narrativas descrevem a forma como eles trabalham com as diferenças.



**Figura 9: Diagrama da Inserção na cidade reconhecendo as diferenças**

Laura conta que sentiu muita diferença, principalmente em relação à alimentação, diz que até hoje sente essa diferença.

Prá eu começar a sentir gosto nas comidas, prá eu me adaptar de novo até a salsicha. O gosto da salsicha é diferente. Tudo diferente.

**Como?**

É muito difícil explicar assim. O hotdog a gente não faz com tudo que vocês fazem. A gente é mais estilo americano, o sabor é outro. É muito difícil explicar, tanto que quando eu fui pegar meu visto em julho o meu namorado foi junto e ele que falou realmente tu sente falta mesmo. O gosto da pizza, carne, detalhes até o próprio arroz tem outro gosto prá mim. Até eu me adaptar a comida demorou muito, muito mesmo.

-A comida é um para mim, foi o mais difícil, a comida foi terrível.

**E não tem nenhum lugar que venda com esse jeito de fazer?**

-Não nenhum. Agora quando minha mãe vem o mais próximo que ela consegue fazer prá mim, nossa! Assim, eu moro sozinha prá mim é bem melhor comer fora do que cozinhar em casa. Então tô enjoada de comer em restaurante, agora que a mãe vem ela se vira aí. Faz eu engordar um pouquinho mais.

No contexto de Laura a presença do familiar, esboçada pelos cuidados dos pais em relação a sua alimentação mantém a sua saúde ao resgatar o conhecido. Sendo interessante identificar que sua questão é em relação a alimentação , a qual também foi uma das suas maiores dificuldades de se adaptar ao Brasil.

Esta diferença alimentar foi utilizada como uma possibilidade de encontro por Santiago, ele gostava de convidar grupos para comer comidas de origem espanhola.

O primeiro para o qual fui convidada foi um mondongo espanhol, foi um jantar com a turma do Johrei e mais um casal do Seicho-no-ie, Santiago e um amigo que cozinham para cerca de 30 pessoas.

O mondongo espanhol é bucho com costelinha de porco, lingüiça, feijão branco, grão de bico, cenoura e azeitona. As pessoas comentavam:

Se você continuar cozinhando assim não te deportaremos

Cozinhando desse jeito ele não vai sair do Brasil, agora se não fizer rua!

Fogo respondeu que há 20 anos tentam deportá-lo, mas ainda não conseguiram.

Em julho de 2004, Santiago decidiu fazer uma paeja no salão de festas do novo apartamento, como ele não tinha fogão nem geladeira no apartamento perguntou se poderia deixar as coisas na minha casa. Disse que sim e que gostaria de saber como se prepara a paeja, ele concordou em me ensinar.

No dia anterior fomos ao mercado público de Itajaí (cidade vizinha) para comprar peixe. Lá ele parecia em casa, era reconhecido pelos vendedores, alguns lhe perguntavam sobre o restaurante, era elogiado pela escolha dos peixes. Lá ele comprou polvo, lula, camarões de vários tamanhos, mariscos.

No dia seguinte, almoçamos em um grupo de seis pessoas, a conversa girou sobre as diferenças culinárias, onde Santiago falou que gostamos muito de sal e isso encobre o sabor do alimento.

Mirta e Carlos também gostavam de reunir pessoas através da alimentação, ela contou-me que antes de ficar doente Carlos fazia jantares no Círculo Argentino, as sextas-feiras quando tinha aula de espanhol do Círculo era o dia de jantar. Era um momento que eles se reuniam para conversar e tomar vinho. O presidente do Círculo falou que a comida hoje se internacionalizou muito, mas que há pequenas diferenças e que como na

cidade não existia mais restaurantes com comida notadamente Argentina eles estavam retomando os jantares.

Hace alguna aí em Círculo,nos em uns dias da semana vamos e comemos comidas típicas de lá,la milanesa que también é de vocês.Usamos muito la batata hervida,um monte de comeditas que son parecidas a la de vocês,pero que nois lê damo outro nome, pero uqe nos acostunbramos eso son los que mais fácil nos acostumbramos.La diferencia es um poço no sabor de la carne.

Em datas comemorativas o Círculo realizava almoços com comidas típicas como mostra o convite a seguir que descreve o que comporia um almoço típico argentino.

# CONVITE

EM COMEMORAÇÃO DO DIA 09 DE JULHO - DIA DA INDEPENDÊNCIA DA REPÚBLICA ARGENTINA, O CÍRCULO ARGENTINO DE SC, PROMOVE EM SUA SEDE, NA RUA HOLANDA Nº 150, UMA GRANDE FESTA EM COMEMORAÇÃO A DATA, **NO DIA 11 DE JULHO, DOMINGO, A PARTIR DAS 12:00 h.**

## ALMOÇO TÍPICO ARGENTINO

- 2 EMPANADAS
- MATAMBRE CON RUSA
- POLLOS A LA PARILLA CON ENSALADA
- PASTELITOS

## SHOW ARTÍSTICO MUSICAL

- MARIA E JOSÉ - UNA NOCHE EN BUENOS AIRES
- GABRIEL E SEU VIOLÃO
- ENRIQUETA E ROBERTO - DANÇA, FOLCLORE E TANGO
- TRIO AMANECER (DAVID, MIGUEL E ENDO) - PIANO, BANDONEON E VIOLÃO
- VICTOR NOTO - SEU TECLADO E SUA VOZ
- HILDA - INTERPRETA O TANGO "CAMINITO"

O CONVITE ESTÁ A DISPOSIÇÃO NO CÍRCULO ARGENTINO OU ATRAVÉS DE ALGUM ASSOCIADO, AO PREÇO DE R\$ 7,00 POR PESSOA, PODENDO SER ADQUIRIDO **SOMENTE ATÉ O DIA 08 DE JULHO, COM VAGAS LIMITADAS.** ADQUIRA JÁ O SEU E PRESTIGIE UMA GRANDE FESTA CULTURAL ARGENTINA.

**PS. NÃO HAVERÁ VENDA DE CONVITE NO DIA DA FESTA, PARA QUE TENHAMOS ORGANIZAÇÃO E MELHORIAS NO ATENDIMENTO AOS NOSSOS SÓCIOS E AMIGOS.**

Figura 10: Convite para um almoço do Círculo Argentino

Carlos e Mirta utilizavam a comida para fortalecer as relações, Carlos sempre me convidava para jantar dizendo que adorava cozinhar. E durante o

jantar, ele dava todas as coordenadas referindo sempre que tínhamos que comer devagar aproveitando a comida. Na casa a cozinha ficava por sua conta.

Ambos mostravam-se muito preocupados também em relação à comida e sua influência na saúde. Sempre conversavam comigo sobre a necessidade de emagrecer, Mirta falava muito sobre o andar.

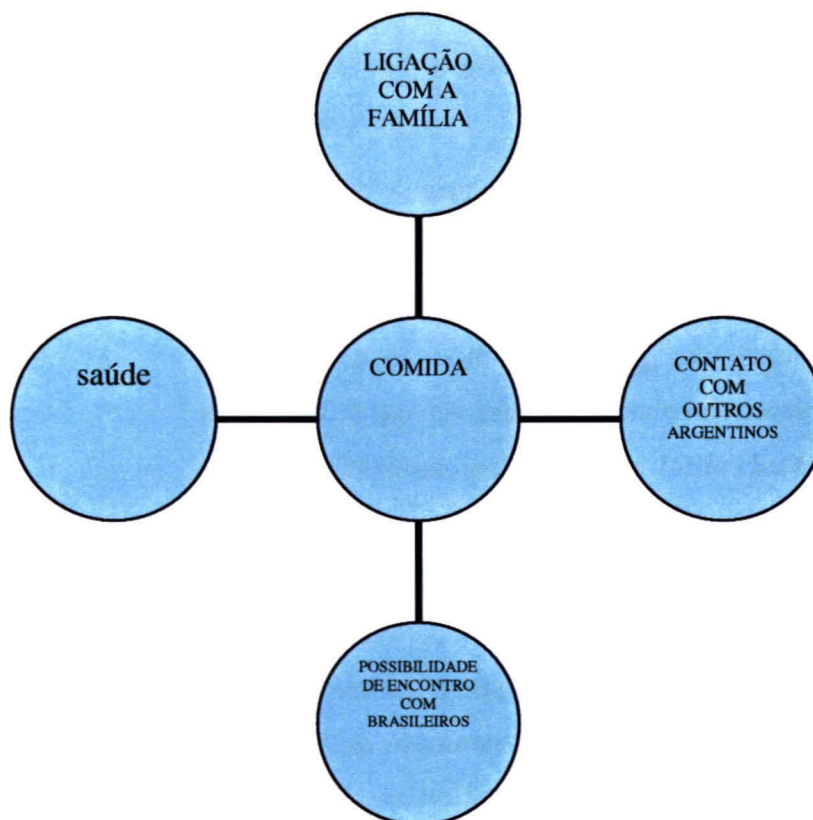
- Stella gostas de andar?
- Si
- Jo perdi muito peso andando, estava gorda, gorda. Quando fui no aniversário, não roupas que me servissem. Tudo grande. Ai escolhi un conjunto pantalona e túnica muy bonito.

Já Carlos falava sobre as dietas, ele me contou que havia sido muito gordo e que havia feito tratamento. Atualmente seguia uma dieta dada pelas nutricionistas da UNIVALI, dando-me a cópia abaixo para levar para casa

Ernesto também utilizava a comida como um fator de maior socialização, sendo freqüentes os convites para tomar chá e comer torta de limão. Vento tem muito cuidado com sua alimentação, praticamente não come carne, quando come é mais carne de frango. Come verduras, arroz, macarrão, feijão. Para ele a vida aqui é muito saudável, tem planos até de fazer uma horta na sua nova casa.

A comida como pode ser visto no diagrama abaixo, foi trabalhada de forma diferente pelos sujeitos da pesquisa.





**Figura 11: Diagrama das Relações com a comida**

O fluxo de turistas argentinos e de outros de língua hispânica na cidade criou um nicho de mercado de trabalho para os argentinos. No ramo de turístico, existem hotéis que dão preferência à contratação de argentinas como babás por dominarem o espanhol, ou de argentinos que foram contratados pelos cassinos, já que na Argentina esta é uma atividade regulamentada, há uma formação para trabalhar neste ramo não encontrada aqui no Brasil. No comércio o domínio do espanhol tem sido cada vez mais exigido, sendo uma das línguas ensinadas na rede pública.

Santiago sempre trabalhou como autônomo, sendo que em suas atividades envolvia contatos freqüentes com a Argentina ou com turistas.

Nas décadas de 80 e 90, Santiago, refere ter ganho e perdido muito dinheiro, nesta época trabalha com exportações e importações dependendo das variações cambiais. Quando o câmbio era favorável para a Argentina

enviava produtos brasileiros para lá e vice-versa. Esta situação mudou primeiro com o plano Collor e depois com a crise argentina.

A este período, segundo ele, deve o fato de falar bem o português, já que **em Itajaí eles não fazem a menor questão de entender quem não fala o português bem.**

Disse que ouviu muito das pessoas: *não reclame afinal você é de fora*. A que ele rebatia dizendo: *será que seus pais ou avós quando vieram da Alemanha, Itália eles ficavam com a boca fechada?*

Paralelamente ele manteve uma casa de câmbio em Bombinhas que funciona apenas na temporada, quando os negócios com a importação e exportação começaram a ir mal ele abriu um restaurante. No momento em que o conheci, trabalhava com uniformes e referia que os negócios não estavam nada bem.

- Estoy muy mal, desde los catorze años trabajo e tengo mi dímero. Nunca vivi uma situación así, sem estar, sem nenhum dinheiro. E pior sem trabajo. Não sou vagabundo, só quero trabajar.

Nesta época havia colocado seus bens para vender, mas não havia compradores que pagassem à vista, e ele precisava do dinheiro para abrir um novo negócio, pensava em comprar um caminhão. Quando conseguiu vender, surgiu a oportunidade de montar uma lan house junto a loja de câmbio em Bombinhas.

Laura também era uma Argentina que morava em Balneário e trabalhava em outra cidade no seu caso Itajaí. Este é um fato bem comum já que as cidades são bastante próximas. Ela trabalha como gerente em uma das maiores locadoras do vídeo de Itajaí, cidade ao lado de Balneário Camboriú, diz que percebe que quando sabem que ela é argentina a tratam diferente, dá como exemplo a indicação de filmes.

O fato de eu falar, de eu indicar um filme argentino. E as pessoas te falam, pô filme argentino eu não gosto. E daí tu fica assim de falar que tu é argentina. Pô , mas eu sou argentina e adoro filmes argentinos . Evito falar que sou argentina, até no lugar onde trabalho quando vem uma pessoa que é argentina eu não falo espanhol

Laura narra que não procurou outros argentinos que residem aqui, contou que um dos que mais tem contato é um senhor argentino que vai à locadora. Também fala que, às vezes, encontra com os amigos de seus pais e que foi um destes amigos que he arranhou um estágio no Hotel Marambaia.

Santiago e Laura relacionaram a língua como um aspecto relevante na inserção no mercado de trabalho, o falar a mesma língua mostrou-se um processo necessário aos argentinos residentes.

Em uma loja elogiamos o português de uma vendedora Argentina, falando como ela falava de forma clara a nossa língua. Ela respondeu:

Temos que tentar falar bem o português é uma questão de respeito ao país que vivemos. Afinal se moramos aqui, precisamos saber falar a língua daqui (diário).

Compartilhar a mesma língua de seus vizinhos, de seus amigos e colegas de trabalho dá as pessoas um senso de pertencimento a determinada comunidade. Esse grupo de pessoas que falam a mesma língua constitui uma comunidade de fala, não necessariamente todas as pessoas falam do mesmo modo, mas são pessoas que através de redes comunicativas diversas, orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Por isso que você quando vá a outro país donde fale espanhol seja Peru, Bolívia, Chile. Se bem que você acha ou reconhece outros costumes, você se sente em casa. (...) E así tem outras palavras en espanhol são diferentes, pero você se sente como en su tierra. Você respira no ar, você **lê uma cosa que és un**

**poco seu.** Para você se dar conta o que és un idioma, una língua. No compreender una língua, un idioma.(Ernesto)

Pessoas que falam a mesma língua mantém uma noção de comunidade de fala, e isto dá a elas um senso de pertencimento. Na mesma comunidade de fala, o sotaque, a forma de falar e o vocabulário revelam a posição do indivíduo na sociedade.

A língua também é um meio pelo qual os indivíduos de um grupo controlam outros grupos ou resistem à dominação, podem afirmar ou suprimir as identidades culturais, como foi o momento relatado por Santiago.

Bordieu (1983, p.169) cita que *muitas pesquisas mostram que as características lingüísticas influenciam fortemente as chances de emprego, o sucesso profissional, o sucesso escolar, a atitude dos médicos em relação aos doentes e, de modo mais geral, as disposições dos receptores em cooperar com o emissor, ajudá-lo ou dar crédito às informações que ele fornece.*

O que orienta um maior ou menor grau de tensão ou relaxamento, vigilância ou condescendência do locutor são suas chances de ser compreendido. Acreditado ou obedecido, caracterizando a situação de lucro.

Laura conta que na faculdade disse que o mais difícil foi em relação à escrita, mas que teve a compreensão dos professores. Para aperfeiçoar a escrita começou a ler bastante jornal, revistas livros, já que segundo ela: querendo ou não o português é muito difícil, tem muito acento, crase.

Na Argentina tentou fazer um curso de português, mas lá não encontrou cursos mais avançados, no lugar que fazia segundo ela sabia mais que a professora. Quando perguntei porque ela achava que não tinha, ela respondeu: *é porque acham que o brasileiro é obrigado a entender.*

Foi na faculdade que as amigas foram surgindo gradativamente, no início ficava sozinha, justificando que: *faço comunicação, mas sou uma pessoa realmente tímida pra me relacionar demoro assim, eu gosto que as pessoas me procurem e não de procurar as pessoas.*

A questão do migrante perpassa as situações comunicativas, principalmente quando o sotaque os revela e se revela incômodo.

O problema da língua é que tu nunca perdes o sotaque, por mais que tu tentes corrigir, te auto punir muitas vezes. Ou tentar copiar quando alguém fala. Tu nunca perdes o sotaque, o português é uma língua difícil (Entrevista 0).

Paralelamente há o processo de inclusão que acontece com o domínio da língua, e que as pessoas referem como muito significativo, seja pelo fato de não ter mais sua fala identificada como e um argentino ou estar lendo, escrevendo em português.

E você acha que a questão do sotaque limita tuas relações?

- No, eu senti esse preconceito das pessoas não ter vontade de entender, tá. Porque considero que eu falo razoavelmente bem que dá para compreender o que eu falo. E muitas vezes as pessoas ficam assim de olhos abertos pensando, tentando ouvir, não sei. não sei como definir a situação. Parece que tu táis falando chinês. Tu sabes que tu táis falando uma língua bem próxima ao português que ele fala, Ou quando alguém, tu táis pagando uma conta num lugar e te dizem: não és daqui, né?

- Nem precisa dizer da onde, não, acabou. Antes tinha essa coisa de: você é Argentina. Antes tinha mais isso, hoje parece que custa definir da onde você é. (Entrevista 0).

Eu vou te contar outra coisa sobre a língua. No ano 95, eu comecei a minha graduação aqui em 96. Em 95 eu fiz um curso de português para estrangeiros na universidade, porque eu sentia que eu sozinha não conseguiria aprender as regras do português. Então eu fiz esse curso de 6 meses, e a partir desse curso a lista do supermercado passou a ser feita em português. Porque eu escrevia recados, escrevia cartas, mas a lista do supermercado até esse momento era em espanhol. Uma questão mental, tu passa ali os produtos (Entrevista 0).

Quando se pretende morar na cidade há uma inversão do movimento, mas novamente a familiaridade com a língua e a dificuldade no acesso a cursos de português na Argentina, faz com que o português seja aprendido no dia a dia.

As duas falavam muito juntas, disseram não haver diferenças entre a nossa comida, elas se adaptaram, que a língua não fazia a menor diferença, que no início ela e o marido pensaram em aprender português, mas que com o tempo

viram que não era preciso, já que conseguem se comunicar muito bem (diário3, maio 2003).

- O português, o meu, eu aprendi o português na rua. Eu não sabia falar português, como te falei. E no mercado público, conversando com as pessoas na praia, na escola. Quando comecei a universidade eu já tinha um certo domínio. (entrevista 0)

Neste aprendizado há processos subjetivos que permeiam o processo, já que quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade, de acolhida, e mais se experimenta um sentimento de deslocamento em relação à comunidade de origem (REVIRIZ, 1998, p.227)

Este impasse é vivido de forma diferente pelas pessoas, encontrei pessoas que moravam há muito tempo em Balneário Camboriú e falavam pouco português, e não demonstravam incomodo em relação a isso.

- falo de forma indígena o português então (risadas)  
É, mas acho que aqui as pessoas se viram, né?

- **Si, claro, aqui nos entendimos. Mal que mal, mas nos entendimos. Pero que as veces una palabra as veces má expressada pode gerar um atrito, no?**

**Pode**

- **Pero bueno, sabemos desculpar-nos. Porque ninguém quer ofender ninguém. Si?.** (entrevista 1)

Mirta já usa do interesse pelo espanhol como uma forma de ganhar dinheiro, dá aulas de espanhol e inglês. Utiliza uma sala do Círculo Argentino para isto, as aulas além do aspecto financeiro a colocam em contato com diferentes pessoas. Suas aulas são as quartas e sextas-feiras dias em que há atividades sociais no círculo, na quarta as senhoras se reúnem para o chá e na sexta há jantares. Dos chás participa, mas nos jantares não vai porque seu marido não pode participar.

A própria dinâmica das aulas, segundo ela favorecia a aproximação entre ela e seus alunos, e também me permitia conhecer a sua rede de relações.



Na aula é sempre assim começamos contando alguma coisa pessoal e no final contamos algo geral, político, cultural etc.

- Ah, isso não sei se terei muita coragem de fazer, sou bem envergonhada

- Que nada! Eu uso un libro,(tirou ele da pasta) ele é muito bom e Tem aula para três meses. Eu fui na papelaria da 1500 , vc conhece?

- Só encontrei este libro há 35 reais, és muy caro, un libro muy caro para os 3 meses de curso. Já este de inglês no és caro, porque dá para um ano. Então vou te dizer para tirar um xerox, não tem problema que as figuras fiquem preto e brancas. Mas es un libro muy bom, tem textos e muita conversacion. Além disto tenho outros textos, poesias, vc vai trabalhar muito comigo.

Enfim , tirou o cartão e escreveu no verso o nome dela e pegou meu nome e endereço, dando o livro para eu xerocar.

-Eu trabalho com um xerox muito bom ali na 1500 mesmo, não é do lado do mar, é depois da Brasil. Vindo do mar é a esquerda, na frente tem outro, mas este que estou falando que é bom.

Ao final da aula sempre nos dava uma poesia,dizia gostar das poesias e histórias infantis pois ajudavam a soltar a língua. Uma das primeiras que me deu foi uma escrita por Martin Fierro (tem um prédio com esse nome aqui), escrita no inicio do século XX procurando resgatar o valor dos gaúchos.No século passado a Argentina teve que lutar contra os índios, porque eram muitos e difíceis de ser catequizados. O governo então mandou os gaúchos para a luta e eles quando voltaram ficaram perdidos pelos campos, e eram mal vistos. Martin Fierro escreveu um livro em forma de poesia sobre esta situação, é importante, lêem na escola, porque foi o primeiro a escrever sobre esta situação. Assim gradativamente ia sabendo mais da história da Argentina e de alguns hábitos

No livro aparece a palavra cafezito, estranhei.

- No conece? E hábito dos argentinos. Quando nos encontramos, perguntamos: tienes dez minutos? Vamos tomar un cafezito? Nem precisa ser um café, é só una palabra, pode ser um suco, uma água, um café.



Em relação ao cafezito comentamos que na cidade já existiam vários cafés, e ela contou que os argentinos também são loucos por sorvete e que ela tinha o costume de ir numa sorveteria de uma amiga na 1500 e tomar uma bola de sorvete. Às vezes ela me emprestava um livro, sempre que o fazia dizia rindo

-Dá-me una moeda, cada pessoa que leva un libro tem de dar una moeda para não brigarmos.

- É? Não sabia deste costume

-é coisa de argentino.

É possível observar que a língua e o fato de ser argentino foram elementos facilitadores na inserção dos sujeitos em atividades ligadas ao turismo e um elemento dificultador quando as atividades implicavam em negócios com em outras cidades. Sinalizando que em Balneário pelos interesses econômicos há uma aceitação maior do espanhol pelos habitantes, sendo reconhecido por todos o uso do *portunhol*. Esta já não é uma preocupação presente nos argentinos que vem fazer turismo na cidade, Canani (2001, p.33) fez uma pesquisa sobre “A comunicação em língua espanhola entre turistas e prestadores de serviço na hotelaria: região turística de Balneário Camboriú” levanta alguns dados interessantes.

Em relação ao conhecimento da outra língua, 61,2% dos argentinos referiram não conhecer a língua portuguesa, este percentual foi de 58% nos brasileiros em relação ao espanhol. Em relação ao sentimento sobre a língua portuguesa 49,6 gostou, 31,8 entendeu um pouco, e 6,2% não entenderam nada ou mostraram-se desorientados. Os brasileiros em relação à língua espanhol identificaram os seguintes sentimentos: 42% entendeu um pouco. 32% gostou, 12% estranhou e tiveram a sensação de desorientação ou não entenderam nada 10%. Esta familiaridade leva tanto turista como prestadores de serviço, a buscarem um entendimento a

partir do português e com a complementação de gestos e mímicas.

Estabelece-se um interesse econômico que permeia o interesse pelo aprendizado da língua, Canani (2001) destaca que os habitantes locais sempre buscaram receber bem seus visitantes e comunicar-se em língua espanhola. Não se pode dizer o mesmo dos turistas que aqui chegavam - não havia maior interesse em conhecer a língua portuguesa -, ao contrário, sempre houve exigências de parte dos visitantes no sentido de ser bem tratado e impor o atendimento de suas necessidades, haja vista o uso indistinto de moeda estrangeira num país onde há leis muito claras sobre o funcionamento cambial.

Ernesto trabalha em um Cyber café na área central da cidade, e referiu a importância que vê no fato da cidade ter essa preparação para receber as pessoas que vem de fora.

Porque chega está uma escrita que ele no reconhece, está um pessoal você vê que é semelhante pero te fala num idioma que você no compreende.

**Alguns compreendem, mas e outros compreendem muito menos, fundamentalmente los que monos compreendem son lãs pessoas grandes, pessoas idosas que eu vi, experimentando aqui em Balneário atendiendo vários deles que realmente passam mal. Ou sea não sabem o que pedir de comer, não sabem se dirigir as pessoas. Se bien que aqui tem um povo que já está bastante preparado e acostumbrado a recibier estes argentinos, uruguaios, chilenos, paraguaios muito.**

O inserção no mercado informal também é freqüente, até por se ter uma menor exigência em relação aos documentos.

Mirta também vendia produto de beleza, incorporava os alunos nas suas vendas e construía uma outra rede compostas de muitas brasileiras e argentinas. Era extremamente preocupada em manter o seu nível de vendas,

visitando mensalmente suas freguesas que segundo ela, muitas vezes compravam só para lhe ajudar. Carlos era o responsável pela contabilidade de suas vendas.

As aulas e os produtos são utilizados por Mirta como uma moeda de troca para conseguir algumas coisas, um dos exemplos foi quando ela e seu marido precisaram de carona para ir ao atendimento fisioterápico.

-Ele fazia fisioterapia lá na rua México, conseguíamos de graça. Ele e eu fazíamos, tenho uma dor no ombro. Agora não conseguimos voltar.

- Não tem ninguém que possa lhes levar.

- Tem um juiz aqui do prédio que se ofereceu, mas ele só pode Sábado, e eles não trabalham no Sábado. E também coitado só tem o Sábado para descansar, **mas eu não aceito nada de graça, iria dar aulas para ele. Agora encontramos uma mulher boníssima, ela quer que eu de aula para filha, em troca vai nos levar na fisioterapia.**

No espaço do trabalho dos sujeitos da pesquisa é possível observar a construção de redes que envolvem não apenas brasileiros e argentino, mas a Argentina em si como uma parte do seu trabalho como no caso do Santiago e da família do Ernesto. E também a existência de redes que ultrapassam o limite da cidade, incluindo regiões vizinhas, fato que explicita a mobilidade das pessoas residentes nesta região.

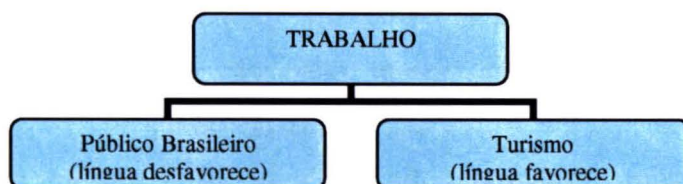


Figura 12: Diagrama das relações de Trabalho e a língua

O ritmo de trabalho e as condições de vida que estão enfrentando foi sinalizado pelos sujeitos como elementos que pioram sua saúde.

Laura refere que sua gastrite nervosa e as gripes estão relacionadas ao seu ritmo de vida que inclui estudo e trabalho na cidade de Itajaí, associado ao fato de morar sozinha. Salaria que no verão ou no inverno quando os pais dela estão aqui não lhe acontece nada, porque eles cuidam dela.

- Si, fiquei doente. Tenho gastrite nervosa, mas as coisas as doenças que eu tive se devem mais ao ritmo de vida que eu tenho, estudo das 7 ao meio dia e depois das quatro até as dez da noite trabalho ,sábado também trabalho, o tempo para fazer as coisas do estudo sempre bem limitado, tem que vira a noite, como mal. Então mora sozinha também não ajuda, tem que cuidar da casa, lava roupa, tem que de vez Ter comida na geladeira, tem que ir no mercado. Então as doenças com certeza se devem ao ritmo de vida, que não é fácil.

**E as coisas que você tem,você acha que é bem do teu estilo de vida.**

- Sim com certeza porque no verão não me dá nada, quando meus pais vem e no inverno também. No inverno que é uma época bem propícia prá tudo quando eles tão aqui que tem uma alimentação boa, que eles procuram que eu coma

alface que coma fruta. Querendo ou não já com 23 anos eles cuidam de mim, eu sei as coisas erradas que eu faço quando eles não estão, mesmo assim não tenho tempo pra tentar cuidar disso.

Laura recorre muito aos cuidados familiares para o tratamento da saúde, tendo como referencial os cuidados maternos, referindo que além dos problemas de estômago tem apenas gripe. No dia a dia diz que se cuida tomando bastante chá, remédios naturais, hábitos que pegou com seus pais.

Cada vez que eles vêm aqui eles já me dizem, se tiver tal dor essa coisa aqui é boa. Tu vai na farmácia tal. Eles tem muito isso e até me trazem o remédio para deixar uma amostra assim para quando eu precisar, mas normalmente é mais remédio natural.

Água diz que o que usa com maior frequência é o mel com guaco para tosse e bala de própolis para a garganta. Para a gastrite usa um remédio manipulado e quando abusa da comida toma um digestivo para ajudar a comida a descer. Quando tem dor no corpo ou de cabeça toma um dorflex.

Ela afirma que o que lhe faz bem é a presença dos pais

No verão e no inverno quando eles vêm não me dá nada, No inverno que é uma época bem propicia para tudo quando eles estão aqui que eu não tenho uma alimentação boa que eles procuram que eu coma alface, fruta, eu até engordo. Querendo ou não já com 23 anos, eles cuidam de mim, eu sei as coisas erradas que eu faço quando eles não estão, mas mesmo assim eu não tenho tempo para cuidar disso.

As condições de vida e o ritmo de trabalho são condições que afetam a saúde das pessoas, Vianna (1998) refere que o trabalho de certa forma livra os sujeitos do adoecimento, sendo uma forma do sujeito criar novos projetos no novo lugar. Santiago reforça esta função protetora do trabalho ao relatar que ficar sem trabalho lhe provoca crises de ansiedade, problemas de estômago e pedra nos rins.

A depressão aconteceu após perder sua casa num incêndio, ele refere que só conseguiu começar a sair do quadro a partir do apoio que recebeu na Seicho Noie para a qual foi levado por um amigo.

Nas reuniões que fui e nas conversas com Santiago, foi referido que vários fatores intervêm na realização de um projeto de vida, e que isto tem a ver com o desejo. Segundo eles, às vezes o desejo não é acessado, não nos achamos merecedores e não confiamos que ele vá se concretizar. O projeto de vida fundamenta-se na criação de uma imagem mental positiva em acreditar nesta e agir.

Em uma dessas reuniões Santiago contou porque veio para a SNI, há três anos e meio teve sua casa incendiada e saiu dela com o carro, a carteira e um celular. Depois disso entrou em um processo depressivo e um amigo o convidou para ir a SNI. Ao final da palestra foi falar com o preletor, e ao contar o que havia lhe acontecido este virou e disse: que coisa boa, você pode começar uma nova história, já que perdeu tudo.

Segundo ele sentir-se acompanhado e ver a possibilidade de construir um novo projeto de vida deram-lhe energia para seguir, As duas filosofias que freqüentava trabalham com a noção de que a doença é uma criação da mente, e que no projeto de Deus seríamos criaturas perfeitas, então cabe a nós trabalharmos para recuperar esse estado.

No folder abaixo pode-se identificar essa perspectiva para resolução dos problemas quando se coloca a meditação como a forma de se encontrar a solução para os problemas.





Figura 13: Folder do Grupo da Prosperidade

Santiago falava que as duas filosofias que freqüentava se complementavam por que no Johrei através da imposição de mãos ele conseguiu expelir suas pedras nos rins. Sendo atualmente menos freqüentes as crises renais que o levavam a emergência do hospital, estava fazendo mais exercícios físicos, ingerindo mais líquidos e controlando a dieta.

No final do ano, Santiago novamente enfrentou a situação de perder tudo nos negócios, ele ficou muito ansioso, voltando a fumar ,deixando de dormir. E neste momento novamente o apoio espiritual foi a alternativa



encontrada por ele. Nesta época recebeu muito apoio dos integrantes da Igreja Vida Nova, e estes explicavam de forma diferente das filosofias anteriores o que estava lhe acontecendo, referindo que o que estava acontecendo era uma tentação do demônio para testar sua fé. E que ele tinha que passar por mais esta prova e confiar em Deus de que tudo seria para o bem.

Seu melhor amigo em toda a turbulência lhe dizia para descansar em Deus que ele iria lhe prover o que fosse necessário isto o acalmou bastante fazendo com que diminuísse o cigarro e conseguisse dormir.

Apesar de enfrentar dois momentos de mudanças drásticas que o desestabilizaram e procurar na questão espiritual força para seguir, esta força tinha duas leituras diferentes no primeiro momento a luta era dele e neste segundo era um teste de confiança. Só que em ambos as práticas espirituais cercaram-no de apoio afetivo através de seus integrantes.

Foi possível observar que em certos momentos o lugar de estrangeiro muitas vezes é o lugar do silêncio também, Vento enfrentou várias situações em que foi ameaçado e acabou não fazendo queixa na policia. Também cedeu alguns de seus quadros para ficarem expostos em uma pousada e nunca mais o dono os devolveu, apesar dele ter ido atrás, Ernesto consultou advogados, mas não fez a denúncia.

Santiago também passou por situação semelhantes que fiquei sabendo apenas por amigos para mim ele apenas falou: *Eu sou um homem da rua. E na rua acontecem coisas que só quem é da rua entende.*

Nestas mesmas situações em que existe integração, há o estranhamento. Este foi observado e referido em situações de sentido mais privado.

A zeladora estava lá embaixo e me olhou torto. De certo pensou esse gringo veio aqui roubar o apartamento e mesmo depois de eu ter falado com você, ela não abriu a porta, não deve gostar de gringos.  
(diário)

- Esses **gringos** vem aqui tirar o nosso emprego, porque não ficam lá onde estão (diário)

Os relatos acima falam um pouco sobre este lugar migrante, o lugar do diferente, do estranho, do negativo, sendo a palavra gringo uma dessas expressões, pois significa migrante, mascate, sendo aplicado na América aos estrangeiros que falavam uma língua ininteligível (HOUAISS, 2001).

Há movimentos de resistência a esse lugar de estrangeiro.

Quando me chamam de gringo eu revido, não fico quieto não. Digo pra eles o que os seus pais ou seus avós foram aqui? Não tem ninguém aqui que não tenha vindo de fora, e é só porque os de fora foram aceitos que vocês agora estão aqui.

O futebol mostrou ser um momento no qual as diferenças revelam-se de uma forma lúdica para alguns e negativa para outros, mas que é vivido junto com amigos.

O almoço emendou com o jogo Brasilx Argentina, neste chegou um casal da igreja cujo marido (GU) e a mulher brasileira (GI). Ela brincava: para quem vou torcer?

Houve comentários sobre o Galvão Bueno que eles acham até bom perto do Sílvio Luís que incomoda cantando tango. Na hora que a Argentina fez o gol, F. e Gu. Comentavam: *porque ele não grita agora gooooooooooooooooooooooooool, vai grite* Durante todo o jogo eles recebiam mensagens de parabéns de outros brasileiros enquanto a argentina estava na frente.(futebol na casa de Santiago,diário)

Futebol, eu não gosto de futebol, eu odeio futebol, não torço pra ninguém, não assisto jogo. Mas quando foi a copa así eu me senti supermal,porque tudo aqui é muito futebol, meu namorado,minha cunhada,todo mundo torcendo,todo mundo fanático.E eu não torcia pra Argentina, não torcia para o Brasil, mesmo no mundial eu não me motivo para torcer.E eu me sentia irritada porque eu sendo que eu não gosto de futebol, não torço pro jogo,tiravam da minha cara.E eu não gostava.Porque eu gosto de receber o mesmo trato que eu

dou.Então a maioria das vezes que tem jogos dos argentinos,já todo mundo um dia antes começa, ah porque a gente vai ganhar de vocês. No outro dia se a Argentina ganhou ninguém vem falar nada. Mas se o Brasil ganhou eu souro um monte,mesmo que não goste.

Uma cosa que eu achei maravilhosa que me tira um riso da boca son os foguetes que jogam quando fazem um gol,eu nunca vi um povo tão.....

Fogueteiro?

Fogueteiro,futebolero.O argentino é futebolero pero no, mas o brasileiro supera tanto no campo,no gramado,como na arquibancada,isto é incrível.Porque celebrar um campeonato mundial na Argentina, la liga isso pero celebrar gols na sua casa com foguete és uma coisa maravilhosa.És uma maneira de celebrar a vida,muito legal.Porque isso custa uma grana,tem que ir comprar,prender um foguete, tem todo um trabalho. No,porque no és fanatismo esa si euforia, a vontade que um brasileiro coloca para mi és muito legal.(Ernesto)

No decorrer deste capítulo, através de várias situações foi possível ver que as pessoas são bem ativas na forma de se integrar a cidade e que vivem os estranhamentos que qualquer pessoa enfrenta no seu cotidiano e que muitas vezes é lido por eles pela questão de ser ou não argentino. Não quer aqui se negar este lugar de diferente, já que em muitos momentos o fato de ser argentino os beneficia e em outros não, fazendo um jogo de identidades, ou nos termos de Velho, criando províncias de significação na qual algumas destas são compartilhadas com brasileiros, outras com argentinos e outras com ambos.

Também não se ignora que há discursos que favorecem a inclusão e outros não.Balneário Camboriú, como foi dito anteriormente, tem discursos

que sugerem esta possibilidade de recepção, acolhida e integração de pessoas de diferentes lugares.

Há uma frase que circula entre os moradores, referindo-se a Balneário como uma Terra de Ninguém. Frase que coloca todos os moradores na mesma condição de migrantes, criando uma compreensão silenciosa sobre o que é estar fora de casa e longe da família.

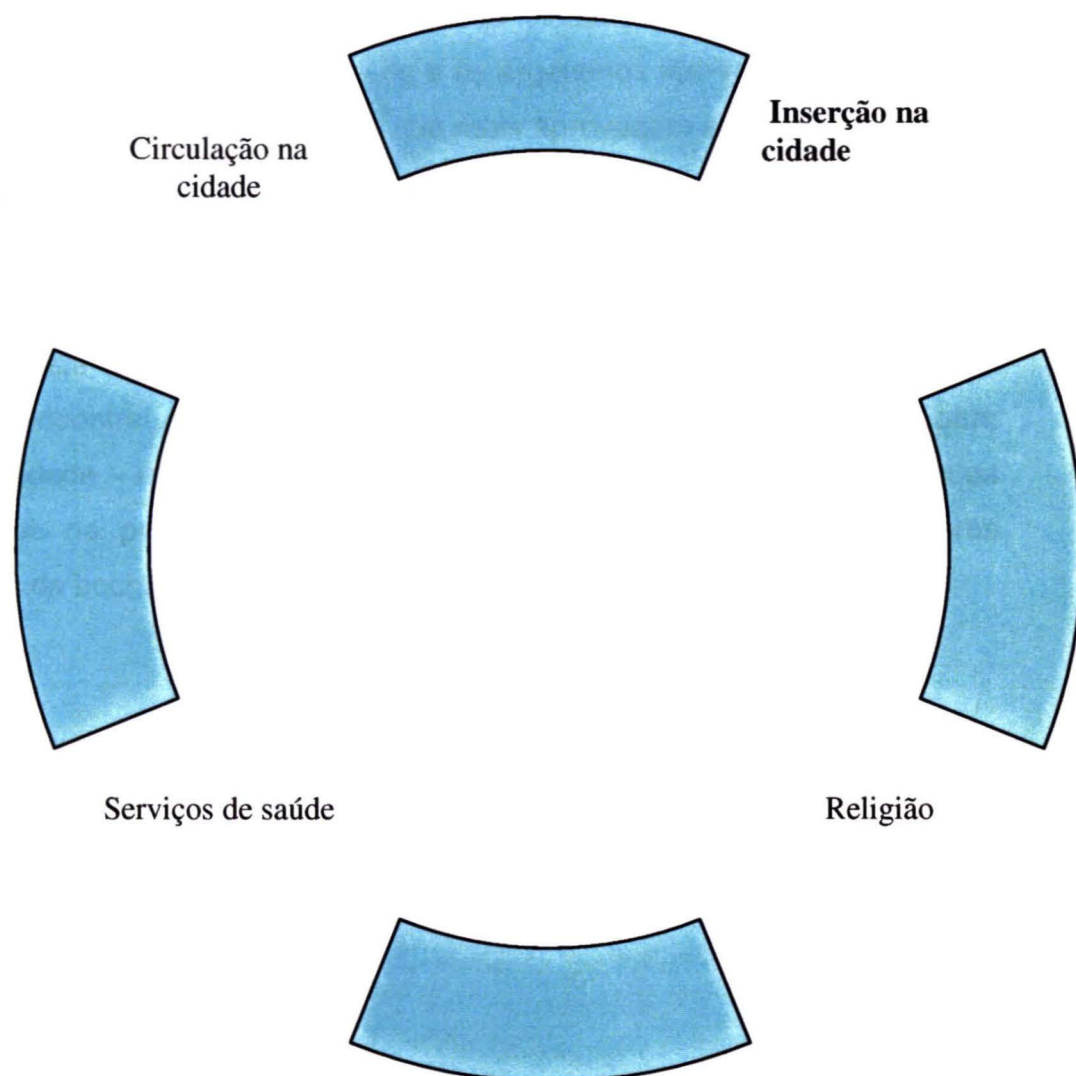
#### **4.2.1 Reconhecendo-se como morador de Balneário Camboriú**

Ao procurar compreender as redes de sociabilidade, construídas por migrantes argentinos em Balneário Camboriú, privilegia-se a noção de que o homem é um ser social que interage com outros homens, construindo-se permanentemente (VELHO, 1989).

Apesar da sociedade atual privilegiar a individualidade, foi possível observar no percurso dos migrantes que são vários os momentos de partilha e de apoio. Em alguns momentos as relações de caráter instrumental foram também observadas e questionadas pelos próprios sujeitos da pesquisa que relativizavam sua importância frente as relações que enfatizavam às amizades e os encontros.

As redes são formadas por todas as pessoas com as quais os migrantes interagem como amigos, vizinhos, profissionais de saúde, religiosos, enfim, pessoas que sejam fonte de apoio, troca e com os quais partilhem redes de significado.

As diferenças em determinadas situações foram utilizadas para realizar uma aproximação com as pessoas já residentes na cidade, e, em outros momentos, há o compartilhamento das experiências em relação aos serviços de saúde e aos grupos religiosos.



**Figura 14: Diagrama da Inserção na cidade a partir da busca de semelhanças**

#### 4.2.1.1 Circulando na cidade

O ponto central da praia marca o encontro entre os argentinos residentes e os que vêm como turistas, a praia funciona como a sala de visitas dos moradores de Balneário. Tanto o espaço da areia é ocupado como o da calçada. No calçadão da praia e na própria areia, vêm-se rodas de bate-papo regadas à cerveja, a chimarrão ou a tererê.

Na relação com os moradores da cidade, o espaço público é um espaço muito privilegiado na cidade e os argentinos são reconhecidos pelos moradores da urbe como aqueles que mais aproveitam a praia e as ruas<sup>1</sup>. O espaço da praia foi referido pelos argentinos moradores como um momento de autocuidado, no qual, ao pegar sol, caminhar e conversar estariam aumentando sua qualidade de vida e a integração com os “nativos”.

Neste espaço, durante o ano todo acontecem atividades nas quais sempre encontrei argentinos participando, existem grupos de ginástica para terceira idade – mas não restritas apenas a esse público que realizam as atividades na praia. Na orla também há mesas de xadrez e inúmeras canchas de bocha.

---

<sup>1</sup> Esta forma de viver a cidade, também foi observada em Buenos Aires onde os parques, praças e ruas são ocupados por pessoas de todas as idades e classes sociais, nestes ambientes lêem, comem, descansam, dançam, jogam, conversam.





**Figura 15: espaço público no pontal norte da praia de Balneário Camboriú**  
Fone: a autora

As canchas de bocha são um espaço de socialização interessante, elas têm patrocinadores, associados e o jogo é organizado com lista de espera, sorteio de duplas, campeonatos etc.



**Figura 16: canchas de bocha na praia de Balneário Camboriú**  
Fonte: a autora

A cancha da praia central chama atenção, por ser uma das que mais tem a participação de mulheres. Há grupos jogando durante toda a semana. Ao acompanhar os jogos, havia muitas brincadeiras relacionadas às origens



das pessoas, enquanto jogavam, cantavam tango, músicas italiana e gaúcha.

Na areia, encontrei grupos jogando pelota, um jogo com discos de madeira e que se joga na maioria das vezes em duplas num espaço-quadra desenhado na areia. É um jogo identificado pelos moradores como sendo dos argentinos, mas encontrei participantes de todos os locais.

Os quiosques também ajudam a reunir os argentinos e nativos, promovendo churrascos, ou sendo ponto de encontro de determinadas turmas. Alguns donos de quiosques mencionaram ter fregueses de anos e que, apesar de, às vezes, morarem longe, sempre retornam àquele ponto da praia, pois lá são conhecidos, podem marcar suas despesas pagando por mês, de forma que se sentem bem atendidos.

**Santiago** aproveita o espaço da praia para realizar caminhadas diárias, diz que é um ser solar e também gosta de surfar com amigos. **Mirta** usa o espaço da praia para caminhar e tomar banho de mar, também tem como amiga a vendedora de churros e milho que, às vezes lhe dá milho para levar para o **Carlos** e que sempre cuida de suas coisas para que não ande com peso.

Para **Laura e Ernesto**, a praia é um espaço de relaxamento aonde vão para pensar, andar a pé ou de bicicleta, mas não fazem isto de forma sistemática como o fogo e a terra.

**Laura** procura então pontuar as qualidades de se morar em Balneário Camboriú, referindo que o aspecto principal é porque há praia a uma quadra de casa, e portanto, quando está muito estressada, senta cinco minutos no calçadão e fica olhando o mar e já melhora. Apesar de sentir falta de morar em casa como morava em Buenos Aires, já que lá tinha *quintal, cachorro grande, aqui a melhor coisa que fiz foi comprar uma cachorra, porque sempre tive cachorro.*

**Mirta** tinha uma cadela chamada M. que era sua fiel companheira durante as aulas e ao final delas. **Mirta** descia com M. sem coleira para levar-me lá embaixo. Contou-me que M. veio com eles de Buenos Aires, ela

a havia ganhado quando estava com depressão e foi M, que a ajudou a sair da depressão. E que por meio de M. tinha conhecido algumas pessoas da cidade.

. Yo morava perto do jornal Página 3 e um dia saindo com M, sem coleira, no colo coleira em M. Ela foi para o jornal, e lá tene dois cachorros grandes, yo chamava, m , m, volta. E lá ia maite para els cahorrões, pensei van matá-la, chamei e eles vieram correndo segurar os cachorros. Depois disso ficamos amigos.

Durante a aula M. vem algumas vezes do meu lado pedir carinho, ai ela perguntou se eu conhecia o dono da veterinária Neves, o Marcelo Neves. Ela contou que era muito amiga dele e que levava M lá para dar banho. Só que uma vez M ficou doente e ela acabou devendo 59 reais a ele.

Não fui mais lá, só voltaria quando pudesse pagar.

Um dia encontrei com ele na praia e ele disse:

- Hola Terra que saudades como está?
- Estoy bien
- Porque não aparece mais lá? Sinto saudades de conversar com a senhora.
- Não voy porque tengo una divida com usted.
- Imagina vá lá.
- No, no, no gosto de ter dívidas. Quando juntar dinero yo volto a ir lá, enquanto isso não.
- Vá lá então.
- No é que quando fui tinha apegado minha dívida. Homem bonissimo .

Um dia M foi atropelada e morreu, **Mirta** ficou extremamente triste, desmarcou algumas aulas e, em outras, sentava para conversar, mas só chorava. Um tempo depois, ela distribuiu os brinquedos de plástico da M para as pessoas que gostavam da cachorra, eu ganhei dois. **Mirta** só voltou a ficar contente quando ganhou uma nova cachorra que descobriu em suas caminhadas, a via presa e pediu para a dona, a qual conhece de vender

Avon se poderia pegar o cachorro para passear. Esta disse que sim, e **Mirta** a levava para passear duas vezes por dia. Tanto que na hora do almoço ela esperava que levasse algo.

**Mirta** contou que ela ficava na coleira o tempo todo e num lugar frio, gelado e escuro. E que, quando ia dormir, pensava na pobre cachorra, tanto que nem dormia. Assim, acabou pedindo e ganhando a cachorra.

**Ernesto** já conhecia muitas pessoas em seu local de trabalho e pelas atividades que tinha na cidade como pintor, mas o espaço virtual é um espaço de relação privilegiado para ele. Ele também é uma pessoa que gosta de ter pessoas em casa, vive convidando pessoas para tomar chá com ele.

Seu aniversário que foi comemorado no seu local de trabalho, havia balões, refrigerante e cuca. Conversei com dois amigos dele, uma brasileira e um argentino, falavam sobre yoga, as novas abordagens terapêuticas da fisioterapia respiratória, trabalhos como o watsu e também trabalho com uma abordagem psicossomática realizados na cidade com um médico mexicano.

**Ernesto** contou que estava empolgado com a nova casa, iria sair de um apartamento para morar em uma casa com jardim e um espaço onde poderia pintar e também poderia fazer trabalhos corporais junto com sua namorada que iria se formar em psicologia e tinha previsão de vir morar no Brasil, mas que ela tinha muita dificuldade em se definir.

Para ir à casa de outras pessoas, disse que tinha que se preparar, principalmente se elas tivessem animais, já que tinha fortes problemas alérgicos. **Ernesto** também se mostra muito carinhoso com as pessoas. No dia de seu aniversário, deu a todos uma poesia que havia escrito naquela manhã e presenteava as pessoas com pinturas suas. Ele refere que sua vida mudou muito e que hoje valoriza muito mais as relações que antigamente.

Com a casa nova, veio um momento de ansiedade, pois o aluguel é bem mais alto do que pagava anteriormente. Neste processo, conta que perdeu peso e não dormia, voltando a tomar fluoxetina. Em relação à saúde diz, ter uma saúde maravilhosa, e que as únicas vezes que precisou de médico teve a sorte de ser atendido por um médico conhecido de uma amiga sua, não utiliza os postos de saúde por achar que o atendimento de saúde público é ruim. Ele diz que

Yo acho que pessoa que se ama um pouco e tem uma vida relativamente amorosa e que tem certos cuidados, não pode ter problemas. O corpo humano é uma máquina perfeita, ele fica doente, se cura sozinho, eu sou muito dessa idéia. No rechaço a medicina moderna de jeito nenhum, fico maravilhado.

Ele diz que ele e os sobrinhos são pessoas saudáveis, e que são mais ou menos informados, portanto se eles têm uma gripe, não vão ao médico, mas sim à farmácia e pegam uma orientação com o farmacêutico. Ernesto, se diz o mais naturalista da família.

Sea eu tenho uma dor de cabeça de cabeça, nem aspirina tomo. Que além não tenho tanpoco. Ou sea meu grande mal que tenho são os medos e os pânico. Espero que tanbiem estou medicado, auto-medicado. Porque não estou medicado por um médico, se esta medicado por um médico em uma oportunidade. Eu não vou fazer consulta a um médico se tenho problemas semelhantes.

Seus remédios foram indicados por um médico psiquiatra na Argentina, e quando ele tem algum problema consulta seu padrinho que é psiquiatra também e o conhece desde criança. Suas crises de pânico começaram quando ele tinha quatorze anos. Na época, ela não era uma doença identificada. Até ser feito o diagnóstico, ele e sua família sofreram muito, pois achavam que ele era louco. Hoje as crises estão controladas.

Ernesto, ao falar de suas crises de pânico, refere que esta é uma reação exacerbada a alguma ameaça, pois o corpo dispararia todo um

sistema de defesa e alerta para uma situação que não exige tal resposta. Ele afirma que

- É,o ser humano dá a sensação que é regido pela economia e pela finança, que está fazendo escolhas muito infelizes para sua vida. Está muito claro que as pessoas estão escolhendo não um lugar, não um amor, não as amizades senão um lugar que ofereça para ele um bien estar material.

Ernesto, Laura e Santiago falam que em Balneário há uma diferença de consumo cultural.Buenos Aires se aproximaria nessa questão de consumo a São Paulo.

Várias associações da cidade e a prefeitura têm promovido eventos fora da temporada para que os moradores tenham mais opções de lazer, entre elas, festivais de teatro e cinema, shows e concursos.

O Círculo Argentino também promove atividades na sua sede por meio de encontros e palestras para divulgação da cultura Argentina, como também da cidade e do atendimento na área de saúde.

**Queríamos insersar-nos en la comunidad, entrar en la comunidad para compartir como agora estoy compartiendo contigo.** Tratar de não se, de bater um papiño qualquer un, tomar un café juntos, encontrar-se com nossa familia com tua familia, e todo que é tipo de coisa. Ser convidado a una festa de voces que voces possam venir a nossa fiesta. Isso és amistad., depois se desvirtuo un pouquinho porque se fez un poco mas erado, no. Pero siempre com la intencion de tener esa union entre argentinos e brasileiros (E)

**Una palestra para unos estudiantes de turismo. Para que tiene conocimiento de la Replucia Argentina, de las cosas de Buenos Aires, costumes toda aquella cosa que nos conocemos porque trazemos de nossa cultura, no. Para que eles como estavam fazendo turismo e tudo eso, querian cultivar,aproveitar e utilizar.**

**Depois demos un refrigerio,un lanche no, para terminar la palestra.Isso lo dio una arquiteta, una señora que és arquiteta, mora aqui en Balneário, su familia mora aqu,pai e filho. Todos.**

E despues se deu una palestra de una la defensia de la mujer , comportamiento que puede tener relacionamiento digno o casual. E proteger-se para poder seguir teniendo este bom relacionamiento necessario entre los seres humanos. Depois se deu una de violencia contra a mulher que tambien é una preocupacion..

E teniamos algunas otras palestras mas que cono já tamos lo final de algunas assembleas que teniamos que realizar e bueno dejamos de lado un pouquinho este lado para comenzara nuevo palestrante. Que por eso estamos procurando agora, queremos hacer una sobre meio ambiente. Ou sea todas as palestras que podem transformar o dia a dia, e a preocupacions para un mejor vivir de todos los seres humanos, no.(entrevista com o presidente do círculo argentino)

O Círculo também oferece a seus sócios aulas de espanhol, português, inglês, yoga e tango Aulas ministradas pelos próprios argentinos que assim têm uma forma de ter trabalho. Há também um mural de recados com oferta de trabalho.

Há ainda encontros de homens e mulheres para conversar, além da promoção de festas, jantares, exposições e concursos.



Figura 17: concurso de pintura promovido pelo círculo argentino - concurso manchas (jul/2005)

Fonte: Marcelo Urizar



Entre as atividades culturais da cidade, há também shows promovidos por argentinos residentes na cidade, sendo que estes shows não ocorrem apenas na temporada.

## Presentaciones:

*13 de Setembro:*  
*Teatro do Bolso (casa da cultura)*  
*3ª Avenida y 2500*  
*Baln. Camboriú - 20hs.*

---

*11 de Outubro:*  
*Teatro do Bolso (casa da cultura)*  
*3ª Avenida y 2500*  
*Baln. Camboriú*

---

*25 de Outubro:*  
*Teatro Juarez Machado*  
*Centeventos Cau Hansen*  
*Av. José Vieira, 315 - Térreo*  
*Bairro América - Joinville*  
*SC - Brasil*

## Show Artístico Musical

### *El Grupo Star Show*

*Presenta:*

### *Una Noche en Buenos Aires*



*El placer de la música  
 tiene la capacidad de  
 levitar al Hombre.*

*J el Tango es el prelude  
 del Amor, donde los  
 cuerpos se entrelazan en  
 un inmensurable placer.*

Figura 18 Folder de divulgação do show de dança

Ernesto faz parte de um grupo de artistas locais que também promove atividades na cidade, como, mostras em shoppings e também a pintura de



tapumes de construções; As atividades possibilitam a população ver os artistas durante a pintura de um quadro.

A convivência das pessoas nos espaços públicos dá uma característica de cidade pequena a Balneário, na qual as relações de troca ficam bem presentes.

- E aqui em Balneário experimentei se você não chegava, não chegava e o cara não ia te retornar para te dar um soco na mesa Se você não pagava, poderia não pagar e o cara da padaria te fiava e você poderia pagar outro dia. Você começa encontrar coisas que na grande cidade vá se perdendo, porque vá se perdendo a confiança. Porque na grande cidade você é um número.(Ernesto)

Neste processo, percebi que inicialmente há uma tendência de minimizar as diferenças, provavelmente para que se vejam pontos de ancoragem neste novo local.

- sobretudo aqui no sul del Brasil e a **idiossincracia mental é bem semelhante com o argentino**. Eu não me sinto muito diferente do que eu senti, experimentei em algumas regiões da Argentina aqui neste lugar. Inclusive voy te dicer que esta region é bem, bem semelhante ao que foi minha infância que foi en Possadas, Misiones. Que dicer você olha o mapa esta na mesma latitude de Santa Catarina, Se você continua no mapa, Santa Catarina esta un poquito mais ao norte. Pero tem una terra vermelha, colorada como nos dizemos, una terra vermelha com muita vegetação muito “sobrantes” o estado de Misiones, Argentina..E as colonias que tem aqui tambien tem lá, polaca, alemã, italiana como tem aqui no sul do Brasil.

Ou sea nas culturas é bastante semelhante. O que muda és o idioma e que você coloca Domingo na teve en vez de ver partida boca/river você esta vendo flamengo /são paulo. Isso só que muda, fundamentalmente és isso. E depois todo aquele carnaval que é tipicamente brasileiro, aquele

nacionalismo que tem o brasileiro que é muito interessante. Só que tem asi como Argentina tem a rivalidade boca/river unificada em Buenos Aires, Brasil tem outra que é Rio/São Paulo, concentrada em duas cidades, dois estados.

Ao contarem sobre a cidade, os argentinos sempre a revelavam pela diferença com cidades maiores,ou especificamente para com Buenos Aires, destacando também a informalidade da cidade.

S1: **Quando que em Buenos Aires usaria roupas coloridas** como uso aqui?

S2 **E eu nunca que iria numa reunião como essa de shorts.** Lá virou uma cidade muito grande , aqui é bom , é calmo e seguro, até para mim que sou una mulher sola.

S3: Aqui me sinto jovem, isso me faz bem. Se me criticam não me importo afinal sou argentina,rs. **Ando comoda a cá.** Lá em Buenos Aires , eles andam todos muito vestidos, um calor de 40º graus e estão todos de gravata, fraque...aqui não, a gente se sente bem.

Em relação ao povo, **Laura** diz que em Buenos Aires as pessoas são mais frias, segundo ela, *lá é tudo cinza, pouco verde, então acho que o ambiente faz as características das pessoas. Aqui as pessoas são mais confiadas, isto é, acreditam mais nas pessoas,são mais simpáticas.*

As pessoas acabam marcando a cidade como um lugar em que todas têm tempo para viver e relacionar-se. No dia-a-dia,os moradores realizam várias atividades que possibilitam encontros e a integração entre pessoas originárias de diferentes lugares.

Ah, todos de la cidad grande son, son nerviosos. En Buenos Aires también, pessoas nerviosas, aqui no. Aqui é outro mundo, las personas son alegres, simpáticas, bonissimas. Gostas daqui? (Mirta)

No, no, não agüentaria aquele stress de Buenos Aires. Adoro aqui, soy mui bem tratada, tem personas bonissimas, tengo muitas amigas brasilenas (S2)

Ao marcar as diferenças entre Balneário Camboriú e Buenos Aires, Brasil e Argentina, as pessoas criam referências na cidade. Ferreira (2001)

pontua que este processo de desidentificação com a terra de origem auxiliaria na elaboração da identidade migrante.

Pela proximidade com a Argentina e pelos laços familiares que a maioria dos sujeitos participantes da pesquisa mantêm, essa sensação de um estranho familiar é vivenciada em muitas situações. Alguns justificam que este seria o homem atual, este homem globalizado que se abre para novas vivências integrando-as. Todos eles mantêm vínculos lá, Santiago e Ernesto vão pelo menos uma vez por ano visitar parentes, Carlos e Mirta recebem dinheiro de lá, e Laura tem a visita da família.

O desenvolvimento de um olhar de dentro, isto é, do morador em relação aos argentinos, também sinaliza esta transição do migrante. Agora o estranho passa a ser o argentino e não o brasileiro, sendo que algumas características do modo de ser dos argentinos é vista como fonte dificultadora para a integração.

- Nós argentinos tenemos vários defectos ,no. E uno deses defeitos é, as veces yo mayor defeito argentino que **hay é la soberbia**. Tímo que reverti-lo, pois nos todos somos iguais. Hay gente boa, mito boa. Pero hay gente, esa petulancia, cara ser trecho ininteligível

**E bem forte isso, essa coisa do orgulho?**

- É es problema de la educacion, mujer.

**É ?**

- Quando eso se remonta muito, muito atrás. Nos fomos en algun momento da história (...) Fueran los ingleses, os ingleses comercialmente son muito hábeis, muito inteligentes. Então nós. Então nós erámos suficiente. Entonce el porto nosso , noporto era sumamente importante. Dali saia para el mundo, então chegamos hacer en momento dado, antes de la 2ª guerra mundial 4º país en el mundo com exportaciones, riqueza per capita, un monte de cosa.

**Hoy Brasil és el cuarto portador en el mundo. Sei que Brasil hoy está en cima. E naquele tempo fomos nós e algun de nós, no nos demos conta que fuemos desciiendo e pensam que estamos ai em cima. E fue ai, cosas de cabeça, de la educacion.(trecho de E1)**

- E no nosso caso é o fato de ser estrangeiro, você pode ser estrangeiro sendo brasileiro, mas você é estrangeiro há uma dificuldade, **uma falta de aceitação dos argentinos.**

Como uma falta de aceitação?

- Sinto uma determinada rejeição

Porque?

- Deve ser por essa invasão que houve. Eu até sentia vergonha de ser argentina nessas épocas. Porque e vão na praia todo mundo gritando e depois inclusive agora que estão voltando a aparecer isto está começando a aparecer de novo.

- Pode ser isso. Eu acho que todo mundo gosta, que mora numa cidade que é turística sofre disso. No inverno você não é ninguém, não tem praia prá curtir e não tem. E no verão que você poderia curtir ,não é ninguém e ainda tem que sofrer para chegar aos lugares que são teus mais ou menos.

- E eu acho que esse problema da hiperpopulação, é muita população, faz com que a população t rejeite também. E daí você tinha vergonha do jeito que os argentinos se comportavam?

- É nojento. eles gritam muito.

- Olha é terrível. É terrível. No Angeloni. Eu acho que é terrível ,porque, mais um sentimento pessoal de dizer poxa não dá prá ser assim. Embora eu tenha visto o mesmo tipo de comportamento com brasileiros na europa ,tá.

- Uma espécie não sei , se é para se fazer notar. Se a perceber, eu estou aqui. Aqui eles chegam , vai no Angeloni

por exemplo e eles de uma estante prá outra, ou da ponta de uma estante prá outra eles: ei, olha aqui (grita e faz gestos grandes, para me mostrar como é)

- Sim. **Eles se acham os donos do mundo, são grossos, não tem paciência, não tem** (E0.)

Os movimentos dos sujeitos e a diversidade de relações que eles estabelecem com o país de origem e com o novo país reforçam a idéia de que não temos uma identidade fixa e que, no caso dos sujeitos da pesquisa, a identidade étnica é acionada de diferentes formas e com diversas finalidades. Muitas vezes como coloca Seyferth (2005), elas criam solidariedades e lealdades vinculadas. No caso aqui apresentado, ao ser argentino. O autor refere que há situações em que o indivíduo obscurece sua identidade étnica, e em outras, procura enfatizá-la, e que estas escolhas variam de acordo com a percepção dos sujeitos sobre o contexto sócio-histórico em que vivem.

As pessoas aqui são muito acolhedoras, abro a porta da minha casa e já estão me dando bom dia, as pessoas em Buenos Aires ficaram muito carrancudas, desconfiadas. As pessoas aqui agora que estão ficando desconfiadas, antes confiavam demais, as vezes a pessoa ficava devendo uma coisa dois anos mas depois não é que vinham e pagavam?! Aqui me sinto jovem, isso me faz bem. Se me criticam não me importo, **afinal sou Argentina**, rs. (diário)

Chamou a atenção o movimento que estes sujeitos faziam na busca de construir novas relações. **Santiago** conta: *faço amigos com freqüência na rua, na net e nas duas filosofias que freqüentava*. Naquele momento, freqüentava a seicho-noie e o johrei, ambas de origem oriental. Ele dizia que elas eram importantes *por nos ensinar a verdade para evoluir e ser pessoas de bem, ainda que hoje o mundo não esteja nesse caminho*.

Nestes lugares, segundo ele se encontrava pessoas de bem e por isto gostava de freqüentá-los, referindo que *dentro desses lugares ajudamos pessoas que precisam do próximo e muito mais. Gosto de ajudar, sou altruísta*.

As filosofias que freqüentava pregavam o a busca do equilíbrio interno. Em ambas havia vários momentos de socialização como os lanches após as reuniões e as festas para arrecadar donativos como bingos, festas juninas etc.

Mirta e Carlos também cultivavam o contato com as pessoas, o casal também era convidado para reuniões com os vizinhos do seu prédio, eles moravam em um prédio grande onde residiam argentinos. Pelo o que Mirta contou, os moradores tinham boas relações.

O casal privilegiava e cultivava o contato com as pessoas,

- No Natal, mandei cartões sabe? Aqui vcs não tem muito esse hábito, não é?
  - Temos sim.
  - No vejo muito.
  - Bueno, ai em dezembro fui na livraria Papel cor de rosa ali perto do círculo, do lado do sebo da Mabel. As meninas lá me adoram, as coisas son baratissimas, comprei cartolinas coloridas. Amarela, vermelha etc. Ele recortou e colou, faz isso bem. Sabe quantos cartões mandei?
  - Deve Ter sido um monte, a senhora conhece um monte de gente.
  - Foram 80, uns 30 para meus amigos na argentina. Os 50 daqui levei pessoalmente. Para Argentina, para no gastar muito mandava 4-5 para uma e ela distribuía. Mandei um para o Dr Sérgio, médico de gente grande, acima de los 60 anos. Ele disse: Que és isso, que cosa maravilhosa. Agradeceu muito.
  - Ele gosta muito de cartões sempre manda para minha vó.
- Quem nos manda , a mi e a mi marido é a farmácia Eficácia de manipulação, as meninas também son muy ricas, muy preciosas

Nas suas ações, Mirta sempre leva em conta a possibilidade das pessoas conseguirem adquirir as coisas, salientava a importância de podermos trocar com o outro o que temos. Além de dividir as leituras, ela também convidava para comer pizzas com eles e, assim, poder conversar

um pouco. Lembro-me de que próximo a datas comemorativas ligava, dizendo, *você não vai passar aqui para nos desejar feliz final de ano?*

Todos eles salientaram em algum momento que o tamanho da cidade e as relações pessoais que a dinâmica da cidade possibilita como a de uma cidade pequena fora de temporada e uma cidade grande e com muitos argentinos na temporada, tornam a vida do migrante menos dura ao possibilitar o apoio de diferentes redes sociais.

A observação dessas redes leva-nos a concordar com Sandoval ao relacionar a recepção dos migrantes à necessidade destes formarem grupos mais ou menos fechados.

Há uma rede de apoio formada pelos argentinos já residentes e que ganha visibilidade pelo Círculo Argentino, mas identifica-se também uma rede criada pelos moradores que estabelecem a diferença entre os moradores e os turistas.

As diferenças não foram negadas, mas se percebeu que os sujeitos estabelecem várias diferenças que circulam pelas diferentes posições sujeitos, seriam elas: argentino / brasileiro; morador / turista; conhecido/ desconhecido.



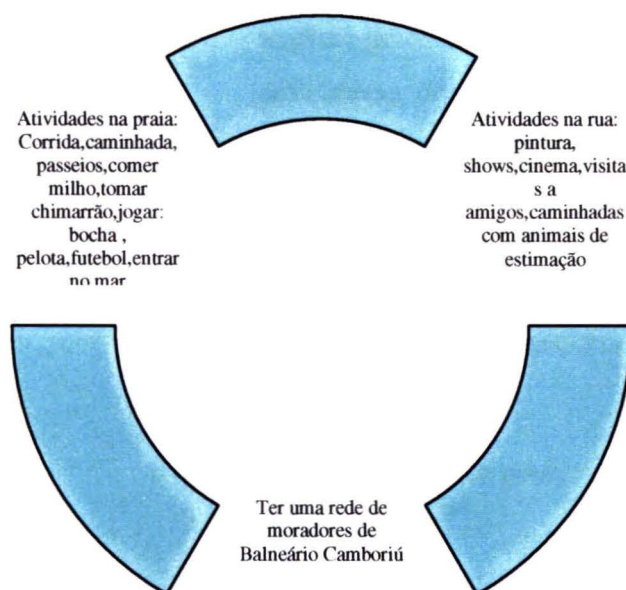


Figura 19: Diagrama Caminhos da cidade

#### 4.2.1.2 A busca espiritual

As religiões mostraram-se espaços altamente socializadores para Mirta, Carlos e Santiago. Mirta freqüentava a igreja católica, referia adorar as missas brasileiras, pois tinha música e eram alegres, sentia-se renovada. Carlos não freqüentava a mesma igreja que ela

- Yo voy a missa en Santa Ines as sete horas, me arrumo, dou comida a mi marido e pego o ônibus e vou. Soy encantada por la missa de Santa Ines, es muy linda. En Buenos Aires no gostava de missa, mas aqui soy encantada. A missa da Santa Ines és muy preciosa. Ar no gosta de missa.

- Un dia conversando com mulher do Neves, esta me convidou para uma reunião da Comunidade Cristã ali na Vila Real. Vieram me pegar e eu fui

na reunião .Mas sabes que eles falavam de Deus, blá,blá.blá, mas eu no gostei. Gosto das pessoas, mas no gosto da reunião. Soy mesmo encantada pela missa de Santa Ines. Mas sabes que eles vieram pegar AR e ele adorou

- Ah, ele vai

- Vai, eles vem buscá-lo, tiram de casa, levam ao coche, fecham a cadeira e o levam. Son personas muy bonissimas.

- Que bom que ele gosta

- É lhe faz bem

- Yo so gosto de conversar com eles, passamos o Natal com a família do pastor foi ótimo.

As pessoas da igreja estavam bem presentes na vida do casal, eles ajudavam Mirta vindo cortar o cabelo e dar banho em Carlos Esta igreja que Carlos freqüentava tinha um aspecto interessante, era uma filial de uma igreja com sede em Buenos Aires e no panfleto que distribuía na praia durante a temporada o material era escrito tanto em português em espanhol, o texto relata o processo de cura de uma mulher no qual a cura ocorre por meio da aceitação de Jesus e do reconhecimento da sua condição de pecador.

**PRONÓSTICO FATAL**

Nací en un hogar lleno de problemas. Crecí sintiéndome muy inseguro, pero durante toda mi infancia y adolescencia traté de resolverlos en mi propia mano.

A los 18 años conocí a Celia. Salimos juntos durante bastante tiempo, en nuestra relación abundaban las intrigas, las controversias y una gran incompatibilidad de caracteres.

Castro y yo tuvimos tres hijos. Aun cuando embarazada de nuestra hija menor Celia se ocupaba de sus actividades, como pianista, yo, por mi parte, me dedicaba a mis ocupaciones profesionales a un ritmo muy acelerado. Evidentemente éramos muy bien, pero había algo que no funcionaba en su vida. En mi corazón sentía la inquietud. Además tenía problemas físicos y existían muchas otras cosas que me atormentaban.

Empiezo a cuestionar a un médico amigo de mí, pero nunca encuentro una solución. Desesperado, y como que para desahogarme, recurro a un amigo que me dijo lo siguiente: "Walter, en el interior del Estado de Paraná hay un visionero, una cartomante."

Me aferré a la idea como a una esperanza. Y como Celia estaba muy preocupada con la responsabilidad de tener que cuidar a tres hijos chicos, recibí el deber de trabajar y dedicarme un tiempo íntegro a las tareas domésticas. Mientras tanto mi estado físico empeoraba cada vez más. Ya desesperado, sé que mi amigo tampoco la "había curado".

Un semana después consulté con él mi esposa en forma de una prisionera sufriendo depresión en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.



**PRONÓSTICO FATAL**

Nací en un hogar lleno de problemas. Crecí sintiéndome muy inseguro, pero durante toda mi infancia y adolescencia traté de resolverlos en mi propia mano.

A los 18 años conocí a Celia. Salimos juntos durante bastante tiempo, en nuestra relación abundaban las intrigas, las controversias y una gran incompatibilidad de caracteres.

Castro y yo tuvimos tres hijos. Aun cuando embarazada de nuestra hija menor Celia se ocupaba de sus actividades, como pianista, yo, por mi parte, me dedicaba a mis ocupaciones profesionales a un ritmo muy acelerado. Evidentemente éramos muy bien, pero había algo que no funcionaba en su vida. En mi corazón sentía la inquietud. Además tenía problemas físicos y existían muchas otras cosas que me atormentaban.

Empiezo a cuestionar a un médico amigo de mí, pero nunca encuentro una solución. Desesperado, y como que para desahogarme, recurro a un amigo que me dijo lo siguiente: "Walter, en el interior del Estado de Paraná hay un visionero, una cartomante."

Me aferré a la idea como a una esperanza. Y como Celia estaba muy preocupada con la responsabilidad de tener que cuidar a tres hijos chicos, recibí el deber de trabajar y dedicarme un tiempo íntegro a las tareas domésticas. Mientras tanto mi estado físico empeoraba cada vez más. Ya desesperado, sé que mi amigo tampoco la "había curado".

Un semana después consulté con él mi esposa en forma de una prisionera sufriendo depresión en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

En estos momentos me encuentro en un estado de confusión y maníaco - todo consecuencia de la falta de contacto con su hijo.

**Figura 20: Folder Igreja Comunhão Cristã**

Carlos mostrou-me duas radiografias, uma em que apareciam as pedras nos rins e outra na qual ela não estavam mais lá.

Ele me contou a história da sua pedra nos rins que havia lhe incomodado muito no segundo semestre e que com as orações da igreja, a pedra havia sumido. Ele me olhava e dizia não acreditava, né? Nem o médico acreditou, e Mirta me mostrou as radiografias sem as pedras. (Diário)

Santiago mostrou-me como Carlos encontrou a cura para sua pedra nos rins no apoio espiritual, pelo do Johrei. Elas sumiram por meio de imposição de mãos que o fez expelir suas pedras nos rins. Tanto que atualmente são menos frequentes as crises renais que o levavam a emergência do hospital. Ele ainda estava fazendo mais exercícios físicos, ingerindo mais líquidos e controlando a dieta.

Santiago após frequentar a Seicho-no-ie e o Johrei, começou a ir no círculo de estudos da Igreja Luz da Vida que foi fundada há três anos e meio em Balneário Camboriú que com a *visão de uma igreja família, trabalha para que em cada pessoa seja formado o caráter de Cristo por meio de pequenos grupos, ministérios, eventos, campanhas proféticas, seminários, acampamentos e outras atividades*<sup>2</sup>.



**Culto de  
Libertação  
e Cura**

**Toda 3ª Feira  
20hs**

**Sua vida será completamente transformada pelo poder de Deus.**

Chegou a hora de você experimentar todo o amor, paz e liberdade que somente a fé em Jesus e o convívio com seu povo pode lhe proporcionar.

"Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam." 1 Cor 2:9

**IGREJA  
Luz da Vida**

Local: Templo Novo da Igreja Luz da Vida - Toda terça-feira às 20hs  
Rua Áustria, 106 - Próx. Av. do Estado - Bairro das Nações - BC

Fones (47) 366.5723 / 363.4994

JONES ALBERT - 360.8853

**Figura 21: Folder Igreja Luz da Vida**

<sup>2</sup> Informações disponíveis no endereço: <http://www.igreja luz da vida.com.br/> Acesso em : 31 de julho de 2005.

Há uma programação intensa para seus membros, incluindo muitas atividades de lazer. A noção de cura também é trabalhada através da aceitação de Jesus e da condição de pecador. Quanto aos problemas, seriam formas de conseguirmos uma maior elevação espiritual, mas ao mesmo tempo ele não pode nos afligir e paralisar, pois a confiança em Deus deve ser maior. Santiago refere que a igreja tem lhe dado força para ultrapassar seus problemas materiais e também espirituais, já que a solidão muitas vezes o tornava vulnerável, pois agora se sente mais acompanhado.

Esta forma de ver a relação espiritual aproxima-se da experiência de cura referida por Rebelo (1998), este narra que, em vários rituais de cura, o doente é persuadido a redirecionar sua atenção a novos aspectos de sua experiência, ressignificando assim esta experiência. A cura segundo, autor, se daria na inserção do doente neste novo contexto.

As práticas de cunho espiritual mostraram-se elementos altamente socializadores e que promovem a inserção deles em uma outra rede social. Estes vínculos, formam uma rede de proteção que pode auxiliá-los nas horas de necessidade e tornam possível a inserção em outros contextos.

Por meio da igreja, Santiago, Mirta e Carlos conheceram advogados, médicos, empresários que lhes auxiliaram em diferentes momentos. Também criaram relações de amizade com as quais poderiam viver novamente de forma grupal e ter experiências familiares como passar o final de ano na companhia de amigos.

Petrus (2005) ao estudar estudantes angolanos residentes no Rio de Janeiro, chama atenção para os estabelecimentos de vínculos religiosos, estes dariam um senso de pertencimento a um grupo social que é mais aceito socialmente que o grupo de imigrantes.

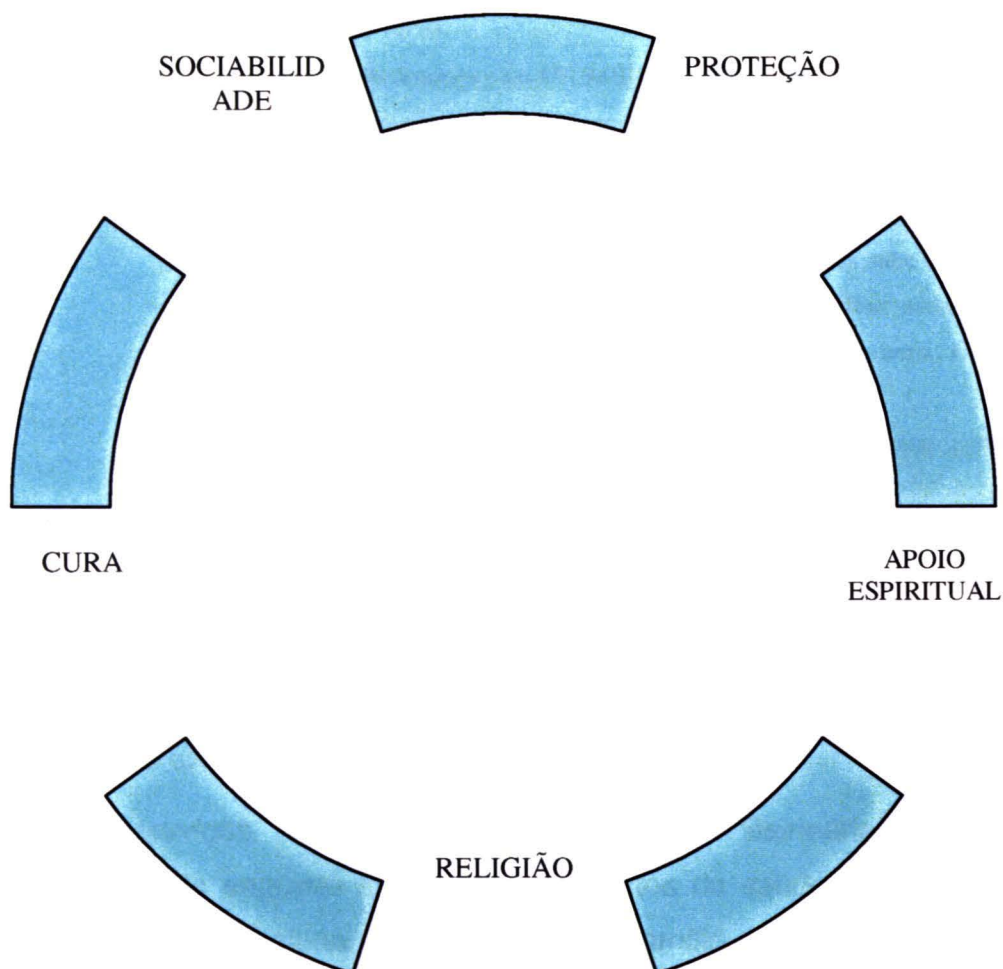


Figura: 22: Redes construídas a partir de Igrejas

#### 4.2.1.3 As relações com os serviços de saúde

Os sujeitos da pesquisa como os outros moradores da cidade fazem uma composição de serviços para atender as suas necessidades.

O acesso aos serviços oficiais de saúde depende de fatores econômicos e da regularização como migrante, Neste processo encontraram-se diferentes formas de negociar com os serviços de saúde.

Mirta e Carlos contam que, quando vieram para o Brasil uma das primeiras ações que tiveram foi a de entrar em um plano de saúde privado, este plano era viabilizado pelo Círculo Argentino. Esta se revelou como uma



preocupação de vários argentinos que vieram aqui residir, conforme afirmou o presidente do Círculo Argentino.

- Nós fizemos com UNIMED naquele momento porque no teníamos cobertura médica. Porque ninguém, é que pessoa que venia ao Brasil, tenia naquele tempo 80-90 um bom serviço médico, hoy teneria bom serviço médico em Balneário pelo que a gente conhece. E naquele tempo nos tinhamos solamente ir a Santa Ines. E Santa Ines sabe que se é ...e ainda assim co su fama no muito boa. Eu não posso dizer nada, porque a mi no aconteceu nada, mas hay antecedentes que no son bom., E graças a Deus.....

Pero consideravamos que essas pessoas querian Ter una proteccion médica que é la parte mais delicada de una persono, no? Então se fez esse contacto, e se conseguiu. Se fez um plano de saúde , mais ou menos como para poder estar protegido. Este foi o começo.

Devido a situação econômica de Mirta e Carlos, estes deixaram a UNIMED e começaram a fazer uso do SUS, ao qual eles têm acesso apresentando seu visto permanente.

Os serviços de saúde municipais em Balneário Camboriú<sup>3</sup> organizam-se da seguinte forma, há sete postos de saúde, sendo que em seis existe o Programa de Saúde da Família. No ambulatório de especialidades há a concentração dos médicos especialistas: cardiologista, oftalmologista, ginecologista, neurologista, ortopedista,entre outros.

A rede conta com seis centros de referência: que incluem atendimento à mulher, ao idoso, com atenção psicossocial, fisioterapia e reabilitação, atendimento a pessoas soropositivo, um hospital geral conveniado e o hospital DIA. Carlos já tem doenças crônicas que lhe exigem o uso regular dos serviços de saúde, quando veio para o Brasil começou a ficar doente *primeiro com diabetes altíssima, quando voltou a trabalhar caiu e fraturou a coluna, e em 2003 teve um derrame.*

Segundo Mirta, depois do derrame *Mi marido depoy del derrame esta fora do ar, quando fala de dinero chora, chora. Mas no puede ou no quer trabajar, vive en outro mundo.* Já na Argentina, Carlos havia ido a um

---

<sup>3</sup> Secretaria de Saúde. Disponível em <http://www.camboriu.sc.gov.br>. Acesso em 15 de julho de 2005.



psiquiatra mas não continuou o tratamento e aqui ele vai ao CAPSI pegar medicação. Segundo ela, a terapia não funciona para ele, só o remédio.

Carlos concorda que piorou da cabeça após o derrame que o impossibilita de trabalhar, sendo que assumiu alguns serviços dentro de casa e auxilia a mulher no fechamento das contas referentes às vendas de produtos Avon.

Mirta apresenta dificuldade para andar e tem problemas nos ombros que também que lhe exigiam visitas periódicas ao ortopedista, sem falar na realização de um tratamento fisioterápico. Mas o que mais lhe incomodava eram os momentos de depressão que a levaram a procurar *brujas*, médicos e principalmente contar com sua rede de amigos.

Mirta e Carlos mantêm contato direto com o Ambulatório de Especialidades, sendo este referência para as situações de emergência vividas nas crises de diabetes, pressão ou quedas e para o atendimento psicoterápico de Mirta. Na unidade, eles também encontraram a possibilidade de atendimento domiciliar a Carlos, os profissionais do ambulatório criaram uma rede de referências para o casal que envolve o CAPSI, o núcleo de atenção ao idoso e ao centro de fisioterapia e reabilitação. Como é possível observar no mapa, estes atendimentos são distantes da casa deles.

Terra começa contando que tinha ido até o Posto da Central para marcar uma consulta para ela e outra para Ar .. Disse que consultavam com o Dr. Estevan, que ele era uma pessoa boa ,mas que tinha um gênio.

- Ai, ai, mas que gênio. Outra vez não quis me dar a receita, disse que estava louca querendo remédios. Mas son remédios que mi médico de Buenos Aires, deu. Dizia eu.
- Mas a senhora tem que Ter um médico aqui.
- Si, si. Amanhã vou a la casa da Sogra.
- Onde?
- A casa da sogra.
- Não sei o que é;

- Es un lugar em que se reúne pessoas “grandes” para conversar, dançar, são personas que tien tempo.
- Ahy, sei un grupo de idosos.
- Si, si. Atras da casa da sogra tem um posto de saúde, vou lá ainda não sei direito como, mas vou me consultar.
- È bom
- Ai o dr Sérgio vai me dar as receita, és un outro médico bonissimo. Ele me disse que eu andava meio louca (ela falou um termo que não gravei). Mas enfim, no sei como vou lá. E para o meu marido só consegui em maio.
- E no posto da Vila Real?
- Lá no consigo ir, no tengo carro. No Posto da Central é só eu combinar, eles vem e pegam ele. O motorista Amarildo és bonissimo, aliás lá no posto da central todos son bonissimos , alegres. Soy siempre muito bem tratada. As unicas que estan siempre de mal humor, e são secas, son las asistentes sociales.
- E a senhora não tem problema para ser atendida no posto?
- No, no, basta mostrar mi cédula de extrangera. A minha vai até 2011, e provar que moramos aqui. Somos sempre atendidos.(diário nov/2004)

Mirta mostra grande resistência para discutir seu sofrimento mental com médicos daqui, propondo alternativas para continuar com o mesmo medicamento fornecido pelo médico de Buenos Aires, sendo que só aceita a alternativa de consultar o médico daqui quando o sistema de saúde exige a receita de um médico local para a doação dos remédios.

Parece existir especificamente em relação ao sofrimento mental uma desconfiança em relação à capacidade do médico entender a origem deste sofrimento. Mirta. Neste contexto não apresenta expectativa em relação a mudança do quadro que poderia gerar uma modificação na administração dos remédios, sendo que uma das opções quando não consegue a receita é utilizar os remédios de Carlos.

- É, no ano passado como no estava bien. La psicologa de Carlos que viene duas veces por mês en nuestra casa, dissi,

ahora temos de cuidar de la Ines, ella precisa de cuidados. Ella estava doente de la mente, mas si do cuerpo, son meus nervos. Ahora la CAPSI quer que eu faça consulta com mesma psicanalista de Carlos. Tengo de ir porque no consigo mais meus remédios. No entendo. Tengo mi recetas de lo médico de Buenos Aires

- Mas eles são antigos, não são?
- Si, mas los remedios son los mismos. Só que subiram muyto, gastaria 120 reales e no puedo. Então amanhã vou em la CAPSIS junto com Carlos consultar. (diário dezembro/2004).

Neste processo, o sofrimento mental acaba tendo pouca visibilidade nos serviços, a partir do momento em que os sujeitos procuram outras redes de apoio para o seu tratamento, estabelecendo com o serviço apenas uma relação voltada para a obtenção de medicação. Oliveira (2005) salienta que os serviços de saúde mental tem que entender que têm a necessidade de saber escutar a diferença, compreendendo que o adoecimento falará de uma história de vida.

Especificamente em relação ao migrante, a autora coloca que ele, por *possuir traços culturais diferenciados, inclusive com relação à sua linguagem, poderia ter uma limitação em seu atendimento, determinada pela diferença cultural existente entre ele e o profissional de saúde (OLIVEIRA,2005,p.171)*, já que os serviços tomam como referência a própria cultura.

Diferentemente do sofrimento mental, o casal Mirta e Carlos. estabelecem outra relação com o atendimento fisioterápico. Carlos precisa de atendimento para as pernas que ficaram sem movimento após o derrame e Mirta para os ombros e joelhos. Para o tratamento fisioterápico conseguem dez sessões que podem ser renovadas por mais duas vezes, o tratamento é realizado no CEFIR. Por serem tratamentos sistemáticos, eles não têm conseguido contar com ambulância e assim dependem da ajuda de outras pessoas, pois tiveram que vender o carro já que Mirta não pode retornar à

Argentina para renovar,a carteira e tirar pelo Brasil custaria mais de quinhentos reais.

A partir de janeiro de 2005, houve dificuldades em relação a distribuição de remédios ,Carlos deixou de receber 3 remédios de sua cesta de remédios.

No entendo, como o Morch foi fazer isto com quem sofre do coração, ele como cardiologista sabe que precisamos deles.

-É Stella ele não tem passado mui bien, no temos dinheiro para comprar todos os remédios e ele no quer pedir a los hijos. Vou toda a semana no posto e ainda bem que na farmácia do Jorge ele vende com desconto e por mês os outros que faltam.

Em contato com a Secretaria de Saúde e através da mídia, soube-se que logo após a eleição não foi feita a solicitação de medicamentos, e que na rede também falta muita coisa.

O secretário de saúde justificou que havia ocorrido muita saída de medicamento na temporada e que a cidade precisava discutir melhor o repasse de verbas, já que fornecia medicamentos para muitas pessoas que não residiam em Balneário Camboriú. Ele salientou a necessidade de discutir a questão dos migrantes, já que com a crise argentina,muitos que eram turistas haviam vindo morar aqui, também questionou quem iria arcar com estas despesas.

A questão dos migrantes não havia ainda sido colocada em discussão por secretários de saúde anteriores. Quando questionados, estes diziam que estavam seguindo a lei que não os permitia negar atendimento. Mas a questão de quem financia estes atendimentos foi posta em xeque neste momento diante da solicitação da promotoria pública de uma justificativa para a ausência de remédios no sistema único de saúde.

No tratados do Mercosul, a questão dos benefícios sociais está sendo motivo de amplo debate, já que os países possuem sistemas de saúde bastante diferenciados.

Na falta de medicação, entra em ação outro elemento da rede de cuidados que é o farmacêutico. No caso de Mirta ela tinha um farmacêutico específico com o qual conseguia negociar formas diferenciadas de pagamento. Nos momentos em que não foi possível esta negociação, Mirta e Carlos priorizavam os medicamentos que iriam comprar.

O hospital é um serviço utilizado apenas nas situações de emergência e ainda com muita desconfiança por parte de todos os sujeitos da pesquisa, Sholze (2005) também encontrou esta mesma desconfiança nos moradores de um bairro de Balneário Camboriú em que estes classificavam o atendimento do hospital conveniado com o SUS como assustador. Outra referência foi a de que o atendimento era cobrado. Laura relata a mesma vivência.

- Até minha mãe já foi atropelada uma vez aqui, e meu pai tem seguro internacional pelo cartão de crédito. Até minha mãe ser atendida demorou umas 3/4 horas, porque eles não queriam atender ela até comprovar se existe o seguro. Minha mãe tava toda arreventada e não quiseram atender até fazer as ligações necessárias, então eu fiquei indignada. Meu sobrinho já quebrou o braço aqui e também foi a mesma história, minha irmã não tinha dinheiro suficiente para pagar na hora o menino tava com o braço todo arreventado, todo inchado, não queriam atender ele. Até que meu cunhado falou: levo ele embora daqui, não quero saber vou processar. Começou a falar umas barbaridades. Tá, não, não pode deixar a gente enfaixa. (entrevista)

Além de Mirta e Carlos que inicialmente tinham planos de saúde e atualmente utilizam o SUS, os demais entrevistados não têm o SUS como referência para o seu atendimento. Laura até refere ter procurado para endoscopia e exame oftalmológico, mas como teria que entrar na fila optou por ir a clínicas particulares.

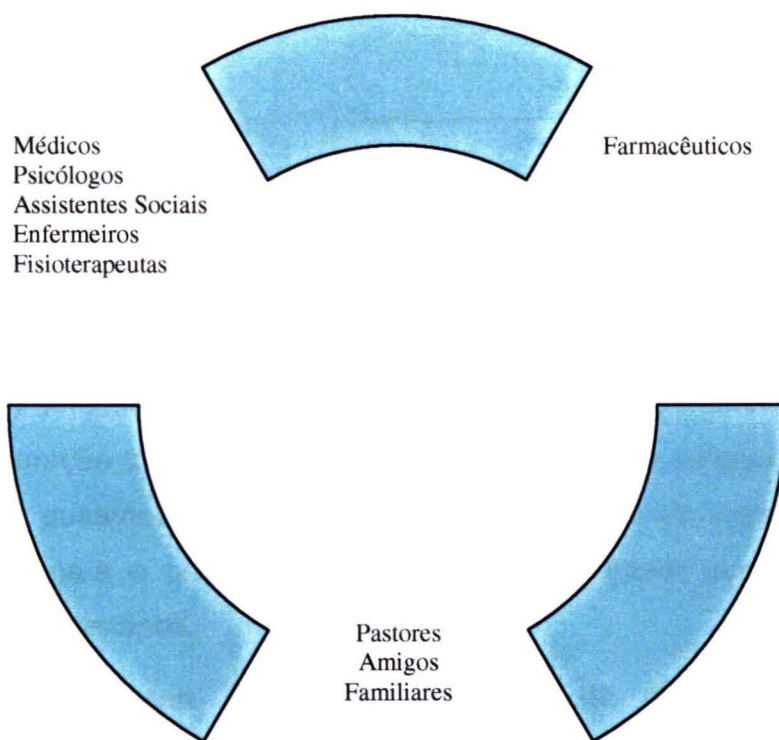
Santiago e Ernesto também não contam com nenhum convênio. Os dois compõem seus tratamentos com outras alternativas de cura dependendo da gravidade do caso.

Outra forma referenciada por eles é o atendimento gratuito fornecido por médicos amigos, alternativa também identificada por Sholtze (2005)

como uma prática tradicional no município, na qual os médicos particulares atendem gratuitamente parentes ou amigos que não podem pagar.

A cidade conta com vários empórios que vendem plantas medicinais. A Prefeitura Municipal conta com um horto de plantas medicinais que são doadas à comunidade sob orientação de um farmacêutico, incentivando assim à utilização da fitoterapia pela população. Esta prática foi adotada pelos entrevistados principalmente nos casos de gripe em que o chá de guaco e o uso de própolis foram referenciados como uma prática familiar, o chá de quebra-pedra para pedras nos rins por referência de vizinhos e amigos e a berinjela para baixar o colesterol através de programas de televisão.

A automedicação apareceu de diferentes formas, Mirta utilizava o remédio do marido quando estava sem condições de comprar os seus; Ernesto utilizava um remédio que já havia usado em outro momento que havia tido sintomas semelhantes ou remédios indicados por amigos. Laura segue a orientação dos pais, que segundo ela, *cada vez que vem aqui, eles já me dizem, se tiver tal dor, essa coisa aqui é boa. Tu vai à farmácia tal, eles têm muito isso e até me trazem para deixar uma amostra assim, para quando eu precisar, mas eu normalmente tomo mais remédio natural.*



**Figura 23: Redes de Saúde**



---

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: A VIAGEM NUNCA TERMINA

O interesse em estudar a comunicação interpessoal foi o marco inicial de estruturação desta tese. Na elaboração do projeto surgiu o interesse em pesquisar questões que pertencessem ao cotidiano do lugar onde moro e um grupo para o qual a comunicação poderia trazer questões era o de migrantes argentinos.

Em Balneário Camboriú a questão da migração internacional começou a ser percebida com maior impacto a partir da década de 90, quando em função de uma diferença cambial muitos argentinos começaram a comprar apartamentos na cidade. Com o aprofundamento da crise econômica argentina, na tentativa de manter seus bens muitos mudaram-se definitivamente para a cidade.

Este deslocamento teoricamente geraria mudanças na forma de ver o mundo e também levaria ao estabelecimento de novas redes sociais na cidade. E foi na busca de compreender a forma como um grupo de migrantes argentinos cria suas redes de sociabilidade e vive suas experiências de saúde e doença que se desenvolveu a pesquisa. Tomando-se como referencial a cidade como um local de relação que acontecem dentro de um campo de possibilidades sociais e históricas.

O trabalho aqui apresentado foi fruto de um percurso que representou o enfrentamento de alguns desafios como realizar uma pesquisa no lugar onde moro, e trabalhar mais diretamente com conceitos como: identidades, experiências de saúde e doença, redes de sociabilidade e migração.

Na introdução procurei demonstrar como o processo migratório muda a relação dos argentinos com a cidade, salientando que este se tornou um grupo significativo na cidade a partir da década de 90.

Como pesquisadora já havia identificado uma tensão existente na região entre os moradores e os turistas brasileiros, tensão que havia sido revelada a partir dos moradores locais. Esta identificação despertou meu interesse por conhecer como isto ocorria com migrantes estrangeiros.

A literatura apontou que estas tensões tornam o migrante vulnerável em relação às questões de saúde e doença, identificando-se uma maior vulnerabilidade para o sofrimento mental. Sofrimento muitas vezes desencadeado pela impossibilidade de comunicar-se adequadamente com as pessoas do seu convívio e os profissionais de saúde.

Este contexto que torna a discussão pertinente ao campo da Saúde Pública, também foi delineado no primeiro capítulo, sendo assumido nesse trabalho a noção de que a experiência de saúde e doença tem um caráter subjetivo, social e temporal.

No primeiro capítulo, abordei especificamente as questões pertinentes a migração no contexto internacional caracterizando-a como um fenômeno mundial, e que também ocorre no Brasil apesar da maior visibilidade na mídia da saída dos brasileiros do país.

A migração não é o simples transitar de um local ao outro, ela implica em mudanças subjetivas que tem sido discutida por diferentes campos do conhecimento como: psicanálise, antropologia, sociologia, psicologia, lingüística entre outros. Caracterizando-a como um objeto de interesse interdisciplinar.

Neste capítulo trabalhou-se com conceitos que se mostraram pertinentes a compreensão das redes de sociabilidade mapeadas, sendo eles, a noção de identidade construída a partir do contato com a diferença, identidade como uma construção discursiva que ocorre dentro de um campo de possibilidades presentes no social.

No segundo capítulo narrei o percurso da pesquisa, percurso que se mostrou um exercício complicado pela mobilidade dos migrantes residentes em Balneário Camboriú, suas redes expandiam-se além dos limites da cidade. E como essa circulação mostrou-se importante para a compreensão das redes de sociabilidade construídas por eles, optou-se por utilizar o espaço como elemento nuclear. Ficando a sugestão para que se desenvolva pesquisas nesta área, a fim de ver como esses trajetos que envolvem cotidianamente as cidades da região e da Argentina se entrelaçam.

Este olhar inicial sobre o urbano foi essencial para que se identificasse o discurso relativo à migração existente na cidade, bem como a necessidade de se construir um outro olhar sobre Balneário Camboriú.

O discurso oficial sobre a cidade repercutiu nos moradores, sendo essencial para a realização desta pesquisa o reconhecimento desta repercussão e também a descoberta da cidade como um **lugar** no qual as pessoas constroem projetos de vida. Projetos que vão além da atração inicial pela cidade turística, projetos que envolvem o desejo de novos começos e a possibilidade do enfrentamento de novas questões.

O instrumental para o desenvolvimento desse olhar veio de diálogos específicos com a área da antropologia urbana. Procurando conhecer um pouco mais sobre o fazer antropológico nas metrópoles, não que Balneário se caracterize como uma metrópole, mas nela há componentes que lhe dão um aspecto fragmentado e globalizado como o narrado por textos desta área. E foi nesta perspectiva que se estabeleceu a possibilidade de ir além da aparente fragmentação do contexto urbano, mas procurar captar a lógica dos moradores da cidade.

Já havia me proposto a estabelecer uma aproximação maior com as Ciências Sociais no mestrado, no qual estudei uma comunidade pesqueira em um território bem delimitado. Agora identificar e estabelecer relação com os migrantes argentinos residentes na cidade mostrou-se uma tarefa árdua e que em muitos momentos levou-me como pesquisador a ter momentos de

paralisia no campo, necessitando de maiores recursos para ler o que encontrava no trabalho de campo.

O trabalho de campo foi composto por caminhadas sistemáticas e observações em lugares públicos, registrando-as em diários de campo e em um segundo momento, realizaram-se entrevistas individuais aprofundando aspectos levantados pelas observações. Documentos (jornais, folders, panfletos, propagandas, também foram considerados como texto de análise.

Os impasses do trabalho de campo levaram a realização de um trabalho de campo abrangendo os anos de 2003 e 2004, tempo necessário para que a pesquisadora se integrasse ao campo. Foi neste processo que me deparei com a dificuldade que é estranhar o familiar, quando este familiar é o nosso dia a dia. Balneário é uma cidade com um território de 46 km quadrados e com a maior concentração da sua população na praia central, então a maioria das referências dos sujeitos da pesquisa eram compartilhadas.

Esta familiaridade levou a identificação de conceitos muito fechados em relação a cidade e aos próprios argentinos, o reconhecimento e ressignificação dos mesmos tornaram este trabalho instigante a nível pessoal e na relação que estabeleço com o lugar e as pessoas onde moro. Entendi na convivência com os argentinos a experiência do *compartir*, aprendida também por eles no processo migratório.

As caminhadas e observações na cidade permitiram observar que há pontos em que a uma integração maior entre os moradores brasileiros e argentinos e a forma como a rede de apoio funciona na indicação de possibilidades de emprego e de escolas que acolhem melhor as crianças que falam espanhol.

Chegar aos sujeitos da pesquisa foi um processo que exigiu o desenvolvimento de diferentes estratégias, nas quais as mais formais como apresentação por amigos, contatos telefônicos, mostraram-se menos eficazes. Foi no convívio diário em situação de aula, caminhadas na praia, bate-papo, reuniões, acidentes, cafés que fui sendo incluída na rede deles.

No contato com a cidade e com os argentinos as questões relativas a migração tornaram-se mais visíveis, pois apesar da cidade conviver com moradores de outros países, as estimativas referem que seriam mais de 3000 argentinos residindo em Balneário, há um silenciamento sobre as questões relativas principalmente a migração ilegal.

O capítulo três apresentou as redes de sociabilidade identificadas nas observações sistemáticas, regularidades que apontassem uma rede de significados compartilhados e indicassem a forma como essas redes fornecem suporte para a busca de modos de vida mais saudáveis.

Estas redes foram agrupadas em dois grandes temas, o primeiro refere-se a chegada ao Brasil que tem como significados compartilhados a existência da crise Argentina, a ligação anterior com a cidade e a legalidade.

O segundo refere-se ao processo de inserção na cidade, a partir do referencial teórico adotado que indica que as identidades são pontos de sutura criados a partir do reconhecimento das diferenças. A partir deste reconhecimento da diferença foi identificando duas grandes redes. Uma na qual a diferença era vista como a legitimação da identidade de migrante e outra quando a diferença auxilia na construção da identidade de morador de Balneário Camboriú, neste momento os significados não são mais aqueles apenas partilhados pelos turistas, mas partilhados com os moradores da cidade.

Agora nas considerações finais cabe apresentar conclusões sobre o que este percurso vivido nos possibilitou compreender. Após o olhar de dentro, torna-se necessário o olhar de fora e para esta reflexão trabalharei com duas questões relevantes para o trabalho, dialogando a partir delas com as redes reconhecidas. As questões foram a identidade de migrante e a identidade de morador.

O fato de decidir sair do seu país já é uma experiência intensa que foi referida por alguns como semelhante a uma morte, enfrentada por eles de diferentes formas.

Há os que buscam no novo país estabelecer elos com outros argentinos, na busca de preservar as tradições, buscam clubes onde se reúnem argentinos, e cultivam hábitos do país de origem.

As associações fornecem apoio aos imigrantes através de convênio médico, apoio legal e informações sobre a vida no novo país. Procurando criar espaços de convivência, os sócios podem assistir a canais de televisão da Argentina, freqüentar jantares e cafés, e também alugar uma das salas disponíveis para dar aulas de idiomas, dança, yoga.

O Círculo Argentino é referência na cidade quando ocorre alguma questão envolvendo argentinos, também realizam atividades para promover um conhecimento maior da Argentina e também da cidade de Balneário Camboriú. Segundo seu presidente, o desconhecimento é que leva a exclusão e atitudes preconceituosas, suas atividades teriam a intenção de diminuir o desconhecimento.

A situação do migrante e suas dificuldades no novo país foram revelando-se aos poucos, nos primeiros contatos era predominante os elogios ao país e a qualidade de vida que tinham aqui em Balneário Camboriú. As dificuldades em relação a permanência no país, seja pelas taxas que são cobradas para obtenção dos documentos e as exigências legais favorece a existência de imigrantes ilegais.

O não avanço das negociações do Mercosul em relação a situação das pessoas que transitam pelos países, torna a integração apenas econômica. Como consequência há uma exclusão dos migrantes do mercado de trabalho formal e das instituições de ensino.

Nos serviços públicos de saúde são atendidos apenas os argentinos que tenham visto de turista ou o visto permanente com o aumento da demanda pelos serviços desta população entrou em discussão também a necessidade de se discutir com o governo a política de assistência a essa população.

No decorrer da pesquisa identificou-se que os migrantes construíam diferentes redes sociais que foram divididas em relações locais nestas foram encontradas práticas principalmente no espaço da praia e que reuniam moradores locais e outras que mantinham uma relação maior com o país de origem, seja na convivência com outros argentinos residentes em Balneário Camboriú, seja pela relação com a Argentina através de amigos, familiares e visitas.

Em relação às práticas de saúde há o uso do sistema privados e públicos, associados às práticas não-oficiais de cunho espiritual. Não há queixas em relação ao serviço público, mas identifica-se que os entrevistados fazem uso de antidepressivos, utilizam ainda hoje receitas de médicos argentinos com os quais ainda mantém contato. Quando eles têm de fazer uso do serviço público, e este exige que passem pelo psiquiatra do serviço há fortes questionamentos em relação a essa necessidade.

A religião é utilizada como apoio para o processo de socialização e para a resolução dos problemas vividos aqui, bem como para alguns, como uma prática de saúde principalmente dos que freqüentam igrejas evangélicas.

Pode-se identificar nos discursos a experiência diaspórica, onde se conhece intimamente os dois lugares, mas não se pertence completamente a nenhum deles. Este não lugar, traduzido por vários autores como uma das características maiores do processo migratório que seria a provisoriade, gera sofrimentos que afetam suas relações e leva a movimentos contraditórios que buscam enterrar o passado, a fim de criar novas raízes.

Pensando no interesse inicial que motivou esta pesquisa em que hipotetizava que existiria um sofrimento relacionado às dificuldades de comunicação em função da língua em seu aspecto fonético-fonológico. Descobriu-se que existe sim um sofrimento relacionado a comunicação, mas que esse não relaciona-se com a questão da língua e sim a impossibilidade de comunicar suas experiências de vida. Comunicação esta que possibilite a expressão dos sofrimentos, as perdas, as saudades, as esperanças, os



desejos e que mesmo compreendendo-se que na comunicação tudo não se pode dizer, existe sempre o impossível a ser dito, há a possibilidade de compartilhar e criar novos sentidos.

Na estruturação do trabalho o não destaque dos episódios de doença e das práticas de saúde causam um estranhamento, e que pontua como um dos ganhos do trabalho. Porque esta pouca visibilidade tem a intenção de colocar que as experiências de saúde e doença são vividas cotidianamente e não de forma recortada, e por este motivo estas experiências envolvem diferentes redes de sociabilidade.

Apesar de ser uma construção buscada, foi um desafio difícil de vencer, provavelmente por uma formação como profissional de saúde que ‘tem um olhar disciplinador’ e que muitas vezes olha para as redes procurando identificar riscos para a saúde que os tratamentos oferecem ou a defesa do serviço de saúde como agente principal das ações de saúde.

Os sujeitos da pesquisa revelam práticas de automedicação, busca de pessoas que lhes escutem e não apenas prescrevam, arranjos que lhe possibilitem dentro de suas condições econômicas terem acesso a saúde. Nestas demandas são semelhantes aos outros moradores da cidade, tendo também comportamentos semelhantes como a busca do serviço privado de saúde, a desconfiança em relação ao hospital local e ao sistema público. Mas também reconhecem seus direitos solicitando do sistema carro, consultas, remédios, só que com pouca articulação política devido as indefinições legais, mas compensada por uma maior articulação social.

As redes mostram-se criativas na formulação de estratégias, e identifica-se que o migrante, mesmo com as vulnerabilidades já indicadas na literatura, também constrói inúmeras formas de inserir-se no novo lugar, criando modos de vida mais condizentes com suas expectativas. Produzindo saúde com criatividade, afeto e efetividade.

Esta forma de olhar para a situação do migrante e as suas experiências de saúde dá visibilidade a um aspecto não sistematicamente explorado pela literatura que é a compreensão de que os sujeitos são ativos na construção

do seu modo de vida. Na literatura, encontra-se sistematicamente referências ao sofrimento do migrante devido a sua desarticulação com o novo local, a esperança da volta e as condições precárias de vida.

Os sujeitos dessa pesquisa também apresentam histórias de perdas e de sofrimentos, mas também histórias de ganho que os levam permanecer na cidade. É possível questionar que a marca da provisoriedade encarada como um aspecto negativo da condição de migrante, esteja sendo incorporada a característica da sociedade atual, e torne este ir e vir menos traumático.

Aparentemente as identidades adquirem muita fluidez, mas como sinaliza Stuart Hall, elas são costuradas pelos sujeitos de uma forma lógica e que amarra uma identidade à outra.

A migração por sua complexidade e atualidade necessita ganhar maior visibilidade, principalmente na região do MERCOSUL

O livre trânsito de pessoas no MERCOSUL, e seus desdobramentos, sobretudo referente às questões de saúde desses migrantes devem ser analisados na esfera da Saúde Pública através de suas políticas e ações de proteção à saúde.

---

## REFERÊNCIAS

AGUINIS, Marcos. **O atroz encanto de ser argentino**. Tradução: Maria Cristina Guimarães Cupertino, Terezinha Martins. São Paulo: Bei Comunicação; 2002.

ALVES, Paulo César; REBELO, Míriam Cristina M.; SOUZA, Iara Maria A. In: **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 1999. Introdução.p.11-39.

BAENINGER, Rosana. O Brasil no contexto das migrações internacionais da América Latina. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migr09htm>> Acesso em 24 abr.2005.

BASSEGIO, LUIZ. Reflexões a partir do Fórum Social das Migrações.[on line] Serviço Pastoral dos Migrantes. Disponível em : <<http://www.migracoes.com.br/artigos.html>> Acesso em :21 abr. 2005

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec;1993.

BERNARDES, Anita Guazzelli; HOENISCH,Júlio César Diniz . Subjetividades e identidades: possibilidades de interlocução com os Estudos Culturais. In: GUARESCHI, Neuza M.F.;BRUSCHI,Michel E. (org) **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis,RJ.:Vozes;2003.p.95 –128

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**.Trad. Myruan Ávila,Eliana Lourenço de Lima Reis,Gláucia Renate Gonçalves. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG,2003

BRASIL. Decreto de LEI Nº 6.815, DE 19 DE AGOSTO DE 1980. Lei que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração, e dá outras providências. Disponível em <http://www.mj.gov.br/Estrangeiros/Estatuto.htm>. Acesso em 25 ab.2005.

BRASIL. Ministério do Turismo. Portal Brasileiro do Turismo. Disponível em <http://www.embratur.gov.br/br/cidade/ver.asp?servicoid=50&id=260>. Acesso em 29 mai 2005.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. <http://www.mercosul.gov.br> Acesso em 01 mai. 2005

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu:sociologia**. São Paulo: Ática; 1983.

BURKE, Peter. **A arte da Conversação**. Trad. HARTTNHER, Álvaro. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista;1995. (Biblioteca básica)

BURKE, Peter; PORTER, Roy. **Línguas e Jargões: contribuições para uma história social da linguagem**. Trad. HARTTNHER, Álvaro. São Paulo: Fundação Editora da UNESP;1997. (Biblioteca básica)

CANANI, Ivone S. **A comunicação em língua espanhola entre turistas e prestadores de serviços na hotelaria: região turística de Balneário Camboriú**. Balneário Camboriú; 2001. [Dissertação - Mestrado de Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí].

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel; 1994.

CAPINHA,Graça. A poesia dos emigrantes portugueses no Brasil: ficções críveis no campo da(s) identidade(s) In: FELDMAN-BIANCO,Bela;CAPINHA,Graça (org) **Identidades:estudos de cultura e poder**.São Paulo, HUCITEC,2000.p.107- 148.

CARIGNATO,Taeco T. Por que eles emigram? In: CARIGNATO,T.T, ROSA,M.D,PACHECO FILHO,R.A.(orgs) **Psicanálise, cultura e migração**. São Paulo:Y.M Editora&Gráfica,2002. p. 55-66.

CASARO, Rita. **Fora de Lugar**. Serviço Pastoral dos Migrantes. Disponível em <http://www.migracoes.com.br/artigos.html>. Acesso em 21 mai 2005.

CASTELLS ,Manuel. **O poder da Identidade**.vol.II.2ªed. Paz e Terra; 1999

CHAMMÉ,Sebastião J. Modos e modas da doença e do corpo. **Saúde e Sociedade**,v.11,nº2 ago/dez.2002 p.03-18.

DALMOLIN,Bernadete. **Esperança equilibrista:cartografias de sujeitos que vivenciam o sofrimento psíquico em uma comunidade urbana**.São Paulo,2004.[Tese] Doutorado em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP. Área de Concentração Saúde Materno-Infantil.

FANTIN, Marcia. **Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura;2000

FERREIRA, Ademir Pacelli. O imigrante no espaço urbano: impasses,estranheza e psicose. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidade de Barcelona nº 94 (24),1 agosto de 2001.

FERREIRA, Ademir. A psicanálise no terreno do Outro. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro;Revan,2005. p.155-62.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder.In: DREYFUS, RABINOW.**Michel Foucault, uma trajetória filosófica**.Trad.Vera Porto Carreiro.Rio de Janeiro, Forense, 1995

GRIMSON, Alejandro. **Fronteras, naciones y región**. Palestra apresentada no Fórum Social das Américas, Quito, Equador, 25 a 30 de julho de 2004. Disponível em < [www.rls.org.br/publicue/media/Quitai.pdf](http://www.rls.org.br/publicue/media/Quitai.pdf)> Acesso em 21 jan 2005.

GRIMSON, Alejandro. **Interculturalidad y comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma; 2000. Enciclopedia latinoamericana de sociocultura y comunicación.

HAESBAERT, Rogério. Migração e desterritorialização. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro;Revan,2005. p.35-46

HALL,Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**.Petropolis,RJ.;Vozes,2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu; LOURO, Guacira L. 7.ed.Rio de Janeiro:DP&A;2003.

HALL, Stuart. Stuart Hall por Stuart Hall: formação de um intelectual diaspórico. In: SOVIK, Liv (org). **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adela La Guardia Resende et all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil,2003. p.407-33.

HALL, Stuart. Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação: uma entrevista com Stuart Hall. In: Liv Sovik (org.) **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil,2003. .p.353-86.

HALL,Stuart. CODIFICAÇÃO/DECODIFICAÇÃO. Liv Sovik (org.) **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adela La Guardia Resende et all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil,2003.. p.387 – 406

HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. Trad. E.Mussnich. Porto Alegre,Artes Médicas, 1994.

HITA, Maria Gabriela. Identidade Feminina. In: ALVES, Paulo César (org) **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Relume Dumará, 1998.p 179-213

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo:Objetiva;2001

IBGE[on line] Disponível em :< <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>> [02/04/2005].

INFORMATIVO do Círculo Argentino de Santa Catarina. Balneário Camboriú ,[sn], jan., 2003, p.6

KOLTAI, Caterina. Curso e percurso do estrangeiro. In: CARIGNATO,T.T, ROSA,M.D,PACHECO FILHO,R.A.(orgs) **Psicanálise, cultura e migração**. São Paulo:Y.M Editora&Gráfica,2002. p. 67 –78

LARROSA, Jorge. Babilônios somos. A modo de apresentação. In: LARROSA,Jorge; SKLIAR, Carlos.(org). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Trad. Semiramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte:Autêntica;2001.. P.07-30

LOPES, Stella Maris B. **Cultura, linguagem e fonoaudiologia: uma escuta do discurso familiar no contexto da Saúde Pública**. São Paulo: 2001. [Dissertação de Mestrado em Saúde Pública – Faculdade de Saúde Pública da USP]

MAFRA FILHO, Francisco de Salles Almeida.[ On line] O trabalho no Mercosul.Última Instância: revista jurídica. Disponível em [http://ultimainstancia.ig.com.br/ensaios/ler\\_noticia.php?idNoticia=13462](http://ultimainstancia.ig.com.br/ensaios/ler_noticia.php?idNoticia=13462) acesso em 24/04/2005

MAGNANI, José G.C. As cidades dos tristes trópicos. **Revista de Antropologia**, São Paulo,v.42,n. 1 e 2, p.98-111,1999.

MAGNANI, José Guilherme C. O (velho e bom) caderno de campo . N.A.U:::..:NUCLEO DE ANTROPOLOGIA URBANA DA USP.[período on line], 1997.Disponível em <http://www.n-a-u.org/Magnanicadernodecampo.html>. [20/03/2005]

MAGNANI, J.G.C. De Perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.17, nº49 junho 2002

MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**.3ªed. ver. E ampl. São Paulo:Cortez,2000.

ONU. **Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional**. [on line] Disponível em <http://www.onu-brasil.org.br>. [21/04/2005].

ORLANDI, Eni.. **Cidade Atravessada: os sentidos públicos do espaço urbano**. São Paulo: LABEUB;CNPQ;PONTES, 2001. Tralhas e troços: o flagrante urbano p.09-24

OLIVEIRA, Paula Rebello M. de. O migrante, seu frama psíquico e a recepção das diferenças. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro, Revan, 2005. 163-174

PACHECO FILHO, Raul A. Migração, desamparo, racismo e xenofobia. In: CARIGNATO, T.T, ROSA, M.D, PACHECO FILHO, R.A. (orgs) **Psicanálise, cultura e migração**. São Paulo: Y.M Editora & Gráfica, 2002. p.257-264.

PELLIZONI, Lúcia C. A alma do lugar. Balneário Camboriú, paisagem urbana e turismo.; In: **Abstract**. Revista da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação, Extensão e Cultura. n.º2, out 2003, p.03 UNIVALI, Itajaí

PENNA, Mauro. Relatos de migrantes questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (org.) **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das Letras, São Paulo: FAPESP, 1988. p.89-112.

PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli. Introdução. In: **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p.09-16

REBELO, Mirian C.M. Religião, ritual e cura. In: ALVES, P. C. e MINAYO, M.C.S. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1998

Revista Costa Esmeralda. Janeiro/Fevereiro 2001. Ano 1 número 01

REVIRIZ, Christiane. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: Signorini, Inês (org.). **LINGUA(GEM) E IDENTIDADE: elementos para discussão no campo aplicado**. São Paulo: Mercado das Letras; 1998.

REY, Fernando González. Personalidade, saúde e modo de vida. Trad. Flor Maria Vidaurre Lenz da Silva. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2004

RIBEIRO, Miguel A.; SILVA, Jorge K.T. Tendências na redistribuição espacial das migrações brasileiras no período 1991 -1996. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro, Revan, 2005. p.411-17.



ROLLEMBERG, Denise. Quando o real escapa pelos horizontes: exilados, estrangeiros, apátridas. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios.** Rio de Janeiro, Revan, 2005. p 211-230

SANDOVAL. Identificações étnicas na migração In: CARIGNATO, T.T, ROSA, M.D, PACHECO FILHO, R.A. (org.) **Psicanálise, cultura e migração.** São Paulo: Y. M Editora & Gráfica, 2002. p. 15-28.

SANTAMARIA, Enrique. Lugares comuns e estranhamento social: a problematização sociológica das mobilidades migratórias. In: LARROSA, Jorge e SCLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 91 - 104

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade DE São Paulo, 1998

SANTUR. Dados de divulgação. [on line]. Disponível em [http://www.santacatarinaturismo.com.br/interna\\_br.php?secao=03&item=sub0307](http://www.santacatarinaturismo.com.br/interna_br.php?secao=03&item=sub0307) . [ 29/05/2005].

SANTUR. Relatório da Demanda Turística 2004. Disponível em <http://www.santur.sc.gov.br/FrameDemanda2004.asp?Link=Balcamb.htm>.. Acesso em 02/04/2005

SASAKI, Elisa Massae. A questão da identidade dos brasileiros na migração entre Brasil e Japão. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios.** Rio de Janeiro; Revan, 2005. p. 101-16

SASAKI, Ricardo K. Os problemas que envolvem os trabalhadores brasileiros no Japão. In: CARIGNATO, T.T, ROSA, M.D, PACHECO FILHO, R.A. (org.) **Psicanálise, cultura e migração.** São Paulo: Y. M Editora & Gráfica, 2002. p. 239-256.

Secretaria Municipal de Turismo [on line] Disponível em <http://www.camboriu.sc.gov.br/sectur/index.htm> Acesso 29/05/05

Secretaria Municipal de Saúde. Disponível em <http://www.camboriu.sc.gov.br>. Acesso em 15 de julho de 2005

SEYFERTH, Giralda. Imigração e (re)construção de identidade étnicas. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios.** Rio de Janeiro, Revan, 2005. p 17 - 34

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Colômbia: Convênio Andres Bello, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. vol.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

UNESCO. Relatório McBride. Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação em nossa época. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro, UNESCO/FGV, 1983

URIZAR, Marcelo. A dança. In: Revista **O CAIXOTE**. [periódico on line] Disponível em [http://www.oaixote.com.br/caixote10/contos\\_Urizar.htm](http://www.oaixote.com.br/caixote10/contos_Urizar.htm) [16/05/2005]

VALENTINI, Demétrio. Lições do Migrante. [on line] Serviço Pastoral dos Migrantes Disponível em <http://www.migracoes.com.br/artigos.html>. Acesso em [21/04/2005]

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. 2ª ed. Rio de Janeiro> Jorge Zahar Editor, 1989.

VELHO, G. Trajetória individual e campo de possibilidades In: \_\_\_\_\_ **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p.31-48

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas In: \_\_\_\_\_ **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999..p.11-30

VELHO, G. O desafio da proximidade. In: VELHO, G. e KUSCHNIR, K. (org) **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VIANNA, Eliane Chaves. **A realidade da migração entre mudanças e dificuldades, um novo contexto sociocultural – o provisório-permanente**. Rio de Janeiro; 1998. [Dissertação\_Mestrado - Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz]

VIANNA, H. Ternura e atitude blasé na Lisboa de Pessoa e na Metrópole de Simmel. In: VELHO, G. (org) **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.p.109 – 20

WITTGENSTEIN, Ludiwig. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.7-72.